

FLÁVIO ROBERTO CARNEIRO DE MEDEIROS

O TRATO PEDAGÓGICO DO CONTEÚDO LUTA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA EM ESCOLAS DA REDE ESTADUAL DE PERNAMBUCO

Recife, 2013

FLÁVIO ROBERTO CARNEIRO DE MEDEIROS

O TRATO PEDAGÓGICO DO CONTEÚDO LUTA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA EM ESCOLAS DA REDE ESTADUAL DE PERNAMBUCO

Dissertação apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Pernambuco e Universidade Federal da Paraíba, inserida na linha de pesquisa Prática Pedagógica e Formação Profissional em Educação Física, como requisito parcial a obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Área de Concentração: Cultura, Educação e Movimento Humano

Linha de Pesquisa: Prática Pedagógica e Formação profissional em Educação Física

Orientador: Prof^o. Dr. Marcílio Barbosa Mendonça de Souza Júnior

Co-orientadora: Profa. Dra. Lucinalva Andrade Ataíde de Almeida

Recife, 2013

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Dissertação O TRATO PEDAGÓGICO DO CONTEÚDO LUTA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM ESCOLAS DA REDE ESTADUAL DE PERNAMBUCO.

Elaborada por FLÁVIO ROBERTO CARNEIRO DE MEDEIROS

Foi julgada pelos membros da Comissão Examinadora e aprovada para obtenção do título de MESTRE EM EDUCAÇÃO FÍSICA na área de concentração: Cultura, Educação e Movimento Humano.

Data: 27 de novembro de 2013.

Prof. Dr. Raphael Mendes Ritti Dias
Coordenador do Programa Associado de
Pós-graduação em Educação Física
UPE/UFPB

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Suraya Cristina Darido
Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho

Prof. Dr. José Luiz Cirqueira Falcão
Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Marcelo Soares Tavares de Melo
Universidade de Pernambuco

DEDICATÓRIA

Dedico a Deus a oportunidade de me possibilitar uma vida com saúde, paz e sabedoria.

Dedico a minha Mãe, Maria Dulce, de quem sempre recebi amor, proteção e carinho ao longo de toda minha vida, nos bons momentos e principalmente nos maus momentos. Por sempre acreditar em mim.

Dedico ao meu pai, Gilvanilton José, por sempre me incentivar desde criança a ser uma pessoa digna e trabalhadora, por me dar exemplos de como se comportar diante do mundo, e por toda sua preocupação comigo.

Dedico ao meu irmão Fábio por acreditar e me incentivar diante das dificuldades existentes. E por sua companhia ao longo destes anos de formação.

Dedico a Carla Caroliny de Almeida Santana, meu grande amor desde sempre e para sempre. Por acreditar e me incentivar incondicionalmente a realizarmos nossos sonhos a se tornarem realidade. Um muito obrigado, de coração. Te amo.

Dedico aos professores pilares da minha formação Profa. Ana Rita Lorenzini, minha eterna orientadora, ao Prof. Marcílio Souza Júnior por acreditar e participar desta jornada comigo e ao Prof. Marcelo Tavares pelos seus conselhos e incentivos a minha formação. Muito obrigado.

Ao meu professor e mestre Júlio Kushida por seus ensinamentos e por me inserir neste mundo da Luta.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me iluminar e guiar os meus passos sempre com muita paz e saúde; sem Você hoje não teria conseguido chegar até este momento, depois de tantas dificuldades.

Agradeço ao meu pai, à minha mãe, ao meu irmão e as minhas avós por confiarem em mim em todos esses anos morando longe, abdicando de muitas coisas em prol de meu futuro e do meu irmão, ajudando direta e indiretamente a vencer na vida, pois essa Luta não foi e não é fácil, apesar da distância entre nós, levo vocês aonde for, sempre estarão presentes em meu coração.

Agradeço ao meu amor, Carla Carolyn, por tudo. Você sabe o quanto é importante na minha vida. Sem você, ela seria totalmente diferente do que é hoje. Te Amo.

Agradeço ao meu orientador e amigo Marcílio, pela oportunidade de transmitir seus conhecimentos sem medir esforços, por sua amizade e suas orientações, enfim, por encarar este desafio junto comigo. E a minha co-orientadora Lucinalva por sua disponibilidade e parceria nesse estudo muito obrigado.

Agradeço aos grandes amigos do grupo ETHNÓS da ESEF/UPE por todos estes anos contribuírem na minha formação; em especial, aos professores e amigos Marcelo Tavares e Ana Rita por todo conhecimento e incentivo aos estudos, ao Professor Fábio Cunha por sempre acreditar em mim, ao Professor Rodolfo Pio por sua humildade e ajuda na minha formação, a Professora Kadja e ao Professor Rodrigo por ao longo do meu curso sempre me alertarem e incentivarem nas dificuldades que encontraria. E a todos os outros membros antigos e novos, pelas discussões. De coração, um muito obrigado.

Aos grandes amigos de longa data, Michelle Alves, Ricardo de Araujo, Paulo Roberto, Thomas Chalegre, Joedson Coutinho, pelo incentivo e amizade.

Agradeço aos professores do curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, aos professores Profa. Dra. Maria Teresa Cattuzzo, Prof. Dr. Raphael M. Ritti Dias, Prof. Dr. Rodrigo Cappato de Araújo, Profa. Dra. Clara Maria Silvestre Monteiro de Freitas, Prof. Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha, Prof. Dr. Marcelo Soares Tavares de Melo, Prof. Dr. Marcílio Barbosa M. de Souza

Júnior e aos demais professores que formam e fazem o Programa acontecer, e a todos os funcionários que auxiliam em outras demandas do curso.

Agradeço também à FACEPE pelo apoio financeiro durante os dois anos da pesquisa.

Agradeço aos professores entrevistados que participaram da pesquisa, por disponibilizarem do seu tempo em prol de melhorias para a Educação Física escolar, um muito obrigado.

Agradeço de coração todas as observações, inquietações, contribuições e orientações por parte da professora Suraya Darido, do professor José Falcão, do professor Marcelo Tavares, do professor Sávio Assis e do professor Pierre Normando que juntos, compondo a banca como titulares e/ou suplentes, mantiveram contato e me incentivaram na conclusão deste trabalho, um muito obrigado.

Agradeço aos meus grandes colegas de turma do mestrado que estiveram presentes em diversos momentos, se ajudando e preocupados uns com os outros, para enfim com união e superação conseguirmos chegar até aqui, em especial meus fortes agradecimentos e um muito obrigado a Ana Patrícia, Aline Rabay, André Pirauá, Clécia Ribeiro, Fábio Silva, Fabíola Albuquerque, Ilana Oliveira, Isabelle Gomes, Jennifer Suassuna, Juliana Sousa, Luanna Cheng, Lucas Amaral, Maíra Souza, Maria Laura, Penelopy Dabbico, Rafael Henrique, Saskia Lavygne e Thiago Tenório, sucesso.

Enfim, um muito obrigado a todos que direta ou indiretamente ajudaram esse sonho ser realizado.

“Sábio é o homem que vence sem lutar,
mesmo tendo o poder de vencer lutando”.

Sabedoria Kung Fu

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	3
AGRADECIMENTOS	4
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	10
LISTA DE QUADROS	11
LISTA DE APÊNDICES	12
LISTA DE ANEXOS	12
RESUMO	13
ABSTRACT	15
INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO I	
A LUTA COMO FENÔMENO SOCIAL E CONTEÚDO DE ENSINO - UMA REVISÃO DA LITERATURA	20
1.1 Conhecimentos acerca da Luta na atualidade	20
1.2 A Luta ao longo da história: um breve relato	21
1.3 Algumas terminologias, semelhanças e diferenças / Luta, Arte Marcial ou Esporte de Combate?	27
1.4 A Luta como conteúdo da Educação Física	34
1.5 Características, classificação e especificidade da Luta	40
CAPÍTULO II	
METODOLOGIA	44
2.1 Tipo de Pesquisa	44
2.2 Sujeitos da pesquisa	49
2.3 Passos metodológicos da pesquisa de campo: a coleta de dados	50
CAPÍTULO III	
ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA	60
CAPÍTULO IV	
CONTEÚDO LUTA NAS PROPOSTAS CURRICULARES ESTADUAIS DO BRASIL	62
4.1 A presença e/ou ausência do conteúdo Luta nas propostas	63
4.2 Compreensão dos conceitos acerca da Luta	65
4.3 Ocorrência da Luta nos níveis de escolarização	67

4.4 Organização do conteúdo Luta nas propostas	69
4.5 Método específico para o ensino da Luta	76
4.6 Tipos de lutas	77
CAPÍTULO V	
O CONTEÚDO LUTA NAS PROPOSTAS CURRICULARES DO ESTADO DE PERNAMBUCO	81
5.1 A Sistematização do conteúdo Luta nas OTMs	100
CAPÍTULO VI	
A MATERIALIZAÇÃO DA LUTA EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM PERNAMBUCO	106
6.1 A Luta documentada nos programas de ensino dos professores	106
6.2 Um diálogo com a Luta das escolas públicas estaduais de ensino de Pernambuco	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS	154
APÊNDICES	161
ANEXOS	167

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BESEF - Biblioteca da Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco

BCC – Base Curricular Comum

CAAE - Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

CBP – Confederação Brasileira de Pugilismo

CL – Competências da Luta

DL – Descritores da Luta

EF – Educação Física

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EM – Ensino Médio

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

ESEF – Escola Superior de Educação Física

ETHNÓS - Grupo de Estudos Etnográficos em Educação Física e Esporte

GERES – Gerências Regionais de Educação

GRE – Gerência Regional de Educação

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MEC – Modalidades Esportivas de Combate

MMA – Mix Martial Arts

OBM – Olimpíada Brasileira de Matemática

OTMs - Orientações teórico-metodológicas

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PF – Professor

SEDUC - Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco

SIEPE – Sistema de Informações da Educação de Pernambuco

TCLE - Termos de Consentimento Livre e Esclarecido

UFG – Universidade Federal de Goiás

UNESP – Universidade Estadual Paulista

UPE- Universidade Federal de Pernambuco

LISTA DE QUADROS

- Quadro 01:** Distribuição dos eixos e saberes escolares da Educação Física para a proposta curricular da cidade do Recife.
- Quadro 02:** Quantitativo de professores incluídos na pesquisa após a 1^o fase de coleta de dados – aplicação dos questionários.
- Quadro 03:** Distribuição dos dias e seus respectivos conteúdos para o trato da Luta. Este quadro foi elaborado pelo professor PF1 para ser aplicado nas turmas de 1^o e 2^o anos, sendo de sua autoria.
- Quadro 04:** Distribuição dos dias e seus respectivos conteúdos para o trato da Luta.
- Quadro 05:** Identificação das turmas observadas, o número de aulas e o tempo total de filmagem para cada turma.
- Quadro 06:** Dados primários acerca das entrevistas.
- Quadro 07:** Etapas da análise de conteúdo.
- Quadro 08:** Indicadores para análise de conteúdo.
- Quadro 09:** Identificação das unidades de contexto e de registro das propostas curriculares estaduais.
- Quadro 10:** Níveis/anos de escolarização que a Luta está presente.
- Quadro 11:** Modalidades de lutas indicadas para o ensino do conteúdo Luta.
- Quadro 12:** Representação de professores das GRES.
- Quadro 13:** Apresentação das Competências (C) e Descritores (D) sobre a Luta (L).
- Quadro 14:** Competências e Descritores distribuídos nos ciclos de escolarização da Educação básica.
- Quadro 15:** Distribuição dos eixos temáticos pelas unidades didáticas e suas respectivas cargas horárias.
- Quadro 16:** Distribuição das metas em cada ano de escolarização nas OTMs.
- Quadro 17:** Objetivos e competências propostos pelos professores.
- Quadro 18:** Conteúdos e/ou eixos temáticos.
- Quadro 19:** Estratégias Didáticas/Procedimentos Metodológicos.
- Quadro 20:** Avaliação da Luta nos programas de ensino.

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice I	Questionário exploratório
Apêndice II	Roteiro para entrevista
Apêndice III	Roteiro de observação
Apêndice IV	Indicadores para análise de conteúdo

LISTA DE ANEXOS

Anexo 01	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Anexo 02	Carta de anuência
Anexo 03	Programa de ensino para o ensino da Luta – PF1
Anexo 04	Programa de ensino para o ensino da Luta – PF2
Anexo 05	Texto didático 1 do PF2
Anexo 06	Texto didático 2 do PF2
Anexo 07	Texto didático 3 do PF2
Anexo 08	Texto didático 4 do PF2
Anexo 09	Texto didático 5 do PF2

RESUMO

O fenômeno Luta além de estar presente em distintos contextos e em diferentes épocas, atualmente é compreendido como um dos conhecimentos a ser tratado pedagogicamente na Escola pela Educação Física. Diante disto, reconhecemos a Luta como constituinte do currículo da Educação Física na Educação básica, caracterizando assim um conhecimento que deve ser abordado na interação professor-aluno, por meio da interpretação, organização, sistematização e ampliação dos saberes escolares. Porém, isto geralmente não acontece, já que diferentes dificuldades são reconhecidas como recorrentes para sua ausência parcial ou total neste lócus. Apesar da maioria das propostas curriculares em nível estadual legitimarem a Luta como conteúdo, muitos estudos apontam indícios de que este conhecimento ainda não é devidamente tratado na escola. Assim perguntamos, como se dá o trato pedagógico do eixo temático Luta em diferentes segmentos da escolarização básica, a partir de uma proposta curricular? Desta forma, objetivamos analisar o trato pedagógico do conteúdo Luta em aulas de EF de diferentes segmentos de escolarização na rede de ensino do Estado de Pernambuco. O estudo se caracterizou como de cunho qualitativo por meio de revisão bibliográfica, de análise documental de diferentes propostas curriculares em nível estadual e de pesquisa de campo por meio da observação participante e análise documental. Na fase de campo utilizamos um questionário exploratório com perguntas fechadas, da análise de programas de ensino e materiais didáticos de professores de Educação Física para o ensino do conteúdo Luta, da observação de aulas de Educação Física e por fim da realização de entrevistas semi-estruturadas. Em seguida, tivemos os dados analisados por meio da análise de conteúdo categorial por temática. As propostas curriculares revelaram que em alguns Estados do Brasil o conteúdo Luta não faz parte do componente curricular Educação Física, apesar da maioria utilizar os PCNs como referência e neste a Luta ser definida como um conhecimento da Educação Física. Em alguns casos a Luta não está inserida em todos os anos escolares, principalmente nos primeiros e nos últimos anos de escolarização da educação básica. Em algumas propostas a Luta não é um conteúdo específico, ou seja, se apresenta como uma ferramenta ou atividade de outros conteúdos, em especial do Esporte e da Ginástica. Além de que a sistematização do conteúdo é

frágil e limitada. Aproximando-nos da escola, por meio da prática pedagógica dos professores, vimos que o professor, apesar de apresentar dificuldades em selecionar o conteúdo, devido à falta de trabalhos que trate da Luta de forma pedagogizada, de organizá-lo por falta de aprofundamento dos trabalhos que sejam base para pesquisa, como livros didáticos, e por fim no momento de sistematizar os conhecimentos que atendam a realidade do aluno, os professores têm buscado se qualificar em busca da materialização da Luta na escola, no entanto estes sugerem que as propostas curriculares, como as OTMs, sigam no mesmo ritmo e avancem para a qualificação da Luta como conhecimento e assim reverta a realidade instaurada nas escolas.

Palavras-chaves: Luta, trato pedagógico, proposta curricular, sistematização.

ABSTRACT

The phenomenon Fight besides being present in different contexts and at different times, it is now understood as a knowledge be treated pedagogically School for Physical Education. Given this, we recognize the fight as a constituent of the Physical Education curriculum in basic education, thus characterizing a knowledge that must be addressed in teacher-student interaction, through interpretation, organization, systematization and expansion of school knowledge. However, this usually does not happen, since different difficulties are recognized as recurring to their partial or total absence this locus. Although most of the proposed curriculum statewide fight to legitimize such content, many studies show evidence that this knowledge is not yet adequately treated in school. So we ask, how is the pedagogic treatment of thematic Fight in different segments of basic schooling, from a curriculum? Thus, we aimed to analyze the deal pedagogical content Fight in PE classes from different segments of education in the school system of the State of Pernambuco. The study was characterized as a qualitative through literature review, document analysis of different curriculum proposals at the state and field research through participant observation, document analysis. In the field phase in the use of an exploratory questionnaire with closed questions, the analysis of educational programs and materials for teachers of Physical Education for teaching content Fight, the observation of physical education classes and finally conducting interviews - structured. Then we analyzed the data by means of categorical content analysis by theme. The proposed curriculum revealed that in some states of Brazil Fight content not part of the Physical Education curriculum component, although most use the PCNs as a reference and this Fight is defined as knowledge of Physical Education. In some cases the fight is not included in all school years, especially in the first and in the last years of basic education schooling. In some proposals to fight is not a specific content, or, is presented as a tool or activity other content, and Sports and Fitness. In addition to the systematization of the content is limited and fragile. Approaching the school, through the pedagogical practices of teachers, the teacher saw that despite present difficulties in selecting content, due to lack of work that deals with the fight so pedagogized, to arrange it for lack of further work that are the basis for research, such as textbooks, and finally the time to systematize the

knowledge that meet the student's reality. Teachers have sought to qualify in search of materialization of wrestling school, however suggest that the proposed curriculum, as OTMs, follow the same pace and qualitatively advance for the consolidation of knowledge and Fight as well reverse the established reality in schools .

Keywords: Fight, auger pedagogical, curriculum, systematization.

INTRODUÇÃO

O propósito de pesquisar o trato pedagógico do conteúdo Luta na escola surge a partir das minhas próprias experiências: quando aluno da Educação básica não ter vivenciado tal conteúdo nas aulas de Educação Física; noutra momento, durante a formação inicial em Educação Física no ensino superior ao ter tido acesso à compreensão da Luta. No entanto, outros questionamentos também surgiram; e por último, no exercício do magistério, tive revelações que caracterizavam a ausência da Luta na escola. Quanto à Luta e suas manifestações, o ambiente não escolar proporcionou-me maiores possibilidades de contato e vivências. Tive ainda, quando criança, a oportunidade de praticar por alguns meses karatê. Porém, ao me mudar para o Recife, no ano de 2005, deparei-me com uma associação de artes marciais, vizinha a minha residência, com aulas de jiu jitsu, judô, karatê e kung fu. Sendo esta última a que me chamou mais atenção, pela variação de movimentos, a utilização de armas e pelo mestre ser/ter (traços) oriental (is). Passaram-se sete anos de treinos e de convivência com esta modalidade de arte marcial, a qual muitos dizem ser a primeira a surgir. Este contato com o kung fu, me permitiu conhecer vários elementos que contemplam uma arte marcial, como sua prática, sua filosofia, sua relação com princípios de Educação e valores morais, aspectos relacionados ao bem-estar, etc. É a partir desta experiência pessoal e profissional que criei vínculo com os estudos acerca da Luta, inclusive no campo escolar.

Destarte perguntamos: como se dá o trato pedagógico do eixo temático Luta em diferentes segmentos da escolarização básica, a partir da proposta curricular da rede pública estadual de Pernambuco?

A mais recente proposta curricular de Educação Física do Estado de Pernambuco, datada de 2010, é denominada Orientações Teórico-Methodológicas (OTMs) e se encontra disponível online no próprio site da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco. Este documento representa um percurso traçado pela Educação Física neste Estado, que teve como referenciais teóricos e metodológicos ao longo dos anos: a Contribuição ao Debate do Currículo em Educação Física: uma proposta para a escola pública (1990), os Subsídios para Organização da Prática Pedagógica nas Escolas (1992), a Coleção Professor Paulo Freire: política de ensino e escolarização básica (1998), e a Matriz Curricular de Referência das Competências em Educação Física para o Estado de Pernambuco (2006).

Nas OTMs, fundamentado no Coletivo de Autores (2012), o currículo escolar se materializa na escola por via da dinâmica curricular. Um movimento da escola que constrói a base material, para realização do projeto de escolarização do ser humano, constituída por três pólos: 1- O trato com o conhecimento, 2- A organização escolar e 3- A normatização escolar. O primeiro significa a seleção, organização e sistematização lógica e metodológica do saber escolar. O segundo diz respeito à organização do tempo e espaço pedagógicos necessários para aprender. E o terceiro representa o sistema normativo e de avaliação, o modelo de gestão e a estrutura de poder.

No conceito de dinâmica curricular, portanto, o trato com o conhecimento corresponderia à necessidade de criar as condições para que se deem a assimilação e a transmissão do saber escolar. Trata-se de uma direção científica do conhecimento universal enquanto saber escolar que orienta a sua seleção, bem como a sua organização e sistematização lógica e metodológica (COLETIVO DE AUTORES, 2012, p. 31).

Com estes fundamentos, entendemos que, o foco deste estudo, o trato pedagógico, associa requisitos que o professor utiliza para selecionar, organizar e sistematizar os conteúdos de ensino para a Educação Física, em especial, neste estudo, para o ensino da Luta.

A escolha pelas OTMs do Estado de Pernambuco se deu por esta proposta curricular se destacar, quando nos referimos à Educação Física no âmbito escolar. Através de sua intencionalidade em qualificar a prática pedagógica dos professores da rede estadual de ensino deste Estado, a mesma trata a Luta como um dos temas de conteúdos específicos da Educação Física, pois não aborda esta a partir de suas manifestações específicas como a capoeira, o judô, etc, mas, a partir de suas características como um fenômeno social e cultural. A proposta ainda apresenta uma possibilidade de seleção, organização e sistematização para este conteúdo desde o primeiro ano do ensino fundamental até o último ano do ensino médio.

Logo, compreendemos que as OTMs constituem um documento construído a partir do processo histórico da Educação Física, com base em produções acumuladas por este componente curricular a partir das políticas educacionais do Estado de Pernambuco e na realidade nacional (PERNAMBUCO, 2010).

Esta proposta curricular revela contribuições teóricas e metodológicas para superar contradições presentes desde as raízes históricas da própria Educação

Física no contexto escolar, pois, conforme Souza Júnior (2007a), apesar de sua obrigatoriedade¹ e legitimidade pedagógica, ainda se configura como uma disciplina que apresenta fragilidades na estruturação de seus saberes.

Diante desta realidade, esta proposta curricular toma como base para sua intervenção pedagógica, a concepção crítico-superadora, a qual apresenta novos aspectos para o trato pedagógico da Educação Física escolar, com objetivo de superar estas fragilidades. Segundo Coletivo de Autores (2012), esta perspectiva fundamenta-se em conteúdos acerca de conhecimentos produzidos e sistematizados socialmente pelo ser humano, compreendidos como cultura corporal, no qual a Luta se apresenta como um destes e que na atualidade tem sido bastante discutido não só no âmbito escolar, mas também em outros, principalmente pela mídia. A partir disto, a concepção crítico-superadora parte do pressuposto que o apreender desta realidade é ponto de partida para nela intervir de forma crítica, criativa e autônoma.

Com isso, nos debruçamos sobre o conteúdo Luta para sua compreensão como conhecimento no âmbito da Educação Física escolar. Diante deste contexto, nosso trabalho tem como objetivo geral: analisar o trato pedagógico do conteúdo Luta em aulas de EF de diferentes segmentos de escolarização na rede de ensino do Estado de Pernambuco. E como objetivos específicos: analisar a Luta como conteúdo de ensino presente na literatura e em propostas curriculares estaduais; analisar a proposta das OTMs como um documento norteador da prática pedagógica da Educação Física escolar da rede de ensino de Pernambuco; reconhecer a organização teórico-metodológica da Educação Física escolar no que se refere ao eixo temático Luta; e identificar e analisar a dinâmica do trabalho pedagógico do professor da Educação Física escolar, contemplando diferentes segmentos da educação básica, em especial o ensino médio, diante do trato com o conteúdo Luta.

¹ A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), a Educação Física passa a ser integrada à proposta pedagógica da escola, tornando-se componente curricular obrigatório da educação básica.

CAPÍTULO I

A LUTA COMO FENÔMENO SOCIAL E CONTEÚDO DE ENSINO - UMA REVISÃO DA LITERATURA

1.1 Conhecimentos acerca da Luta na atualidade

O fenômeno Luta² atualmente tem se destacado consideravelmente no âmbito cultural e social dos seres humanos por meio de diferentes situações, seja por meio de desenhos animados, filmes, jogos virtuais, brincadeiras. Em especial junto a crianças e adolescentes alguns de seus elementos se apresentam na mídia com seus eventos televisionados mundialmente. Também a encontramos no campo da Educação Física escolar, na qual tem respaldo político e curricular, por exemplo, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Nos PCNs de 1ª a 4ª do ensino fundamental – 1997 e 5ª a 8ª do ensino fundamental – 1998 a Luta aparece como um dos temas do bloco de conteúdos da Educação Física escolar - Esportes, jogos, lutas e ginásticas, assim como nos PCNs do ensino médio (2000), no qual a Luta é conceituada e recebe proposições e exemplificações para seu ensino, principalmente por meio de competências e habilidades.

Trabalhos acadêmico-científicos também reforçam a inserção da Luta como conteúdo, tais como Darido e Rangel (2005) que defendem para serem os conhecimentos para a Educação Física, os jogos e as brincadeiras, o esporte, a dança, a ginástica, as lutas e a capoeira, e Daolio (2004), que caracteriza a Educação Física como uma ciência que trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humano, historicamente definidos.

A partir disto, muito tem se discutido sobre quais conhecimentos da Luta devem ser abordados na escola e em especial nas aulas de Educação Física, já que esta compreende um universo de possibilidades teóricas e metodológicas.

² A denominação Luta ou Luta Corporal utilizada neste estudo se refere ao conhecimento como fenômeno social mais amplo. Quando utilizada a designação lutas, esta estará relacionada às diferentes manifestações, que se apresentam como modalidades, exemplo: judô, caratê, kung fu, etc.

Em função disto, reconhecemos a importância de compreender as características da Luta a partir da sua historicidade.

Assim, podemos destacar que a humanidade interage com diferentes conhecimentos acerca da Luta, que são produzidos num determinado momento histórico e social e que em seguida são apropriados por suas sociedades no decorrer de seu cotidiano, conhecimentos estes acerca das linguagens, das tecnologias, das artes, entre outros. Estes são inerentes aos seres humanos e por muitas vezes determinantes a sua própria sobrevivência, pois surgem da relação social do próprio homem com seus pares e com os seres da natureza.

Ao tratar o conteúdo Luta no âmbito escolar, diferentes informações e inquietações surgem em busca de respostas para a qualificação da prática pedagógica do professor, assim como na apropriação do conhecimento por parte dos discentes em função de diferentes possibilidades de aprendizagem.

1.2 A Luta ao longo da história: um breve relato

Reconhecemos a importância de iniciarmos nosso estudo a partir da historicidade do mundo no mundo e conseqüentemente das mudanças que aconteceram ao longo do tempo a partir das ações deste e de suas diferentes sociedades, estas com distintas características e objetivos. Este critério nos proporciona a identificação de um acúmulo de conhecimento, o qual pode ser classificado como cultura, que para Dayrell (2001), é um conjunto de crenças, valores, visão de mundo, rede de significados: expressões simbólicas da inserção dos indivíduos em determinado nível da totalidade social, que terminam por definir a própria natureza humana. Para Chauí (2000), a cultura é o reino da transformação racional, ou seja, a relação dos humanos com o tempo e no tempo, quer seja pela posse de conhecimentos, pela coletividade, pela cultura de massa e de elite, pela religião e pela guerra, pela antropologia, por meio de leis, linguagens ou práticas.

Portanto, o que foi produzido pelo ser humano é compreendido como cultura presente, que pode estar sujeita a mudanças decorrentes do modo de pensar e agir dos seres humanos que se utilizam dos conhecimentos já existentes. Cultura que em seu contexto traz um diverso acervo de significados e manifestações, onde o homem revelou nestes diferentes momentos históricos, capacidades de se apropriar

das diferentes realidades, as quais ele se depara, e assim desenvolver diferentes habilidades no intuito de solucionar as necessidades do seu cotidiano.

Diante disto, destacamos uma dessas formas de representar a cultura de um povo, a Luta Corporal como um fenômeno social e nesta pesquisa como tema de estudo. Iniciar por sua historicidade nos permite conhecê-la a partir de sua essência e de seus elementos mais básicos.

A partir do seu marco temporal, identificamos que o conhecimento histórico da Luta Corporal se faz essencial para seu entendimento e torna-se relevante. Ao conhecer sua origem e percurso no tempo cronológico das sociedades, nossa compreensão é ampliada pelo fato de novos direcionamentos surgirem e posteriormente novas inquietações, e assim relacioná-la com as diferentes culturas (BREDA, *et al.*, 2010). No entanto, muitas hipóteses surgem no intuito de descobrir ou quem sabe redescobrir onde o fenômeno Luta tem origem.

Archanjo (2005) apresenta um norte para este pensamento, ao considerar a princípio a Luta e suas diferentes manifestações como confrontos travados por indivíduo(s), que se utilizava(m) de um conjunto de ações de ataque, defesa e controle, na intenção de atacar ou defender por sua(s) vida(s) ou de outros seres próximos, sua(s) posse(s) como seus territórios e seu modo de vida, contra outro(s) indivíduo(s) e espécies de animais que o(s) ameaçasse(m), os quais poderiam influenciar diretamente em sua existência.

Compreendemos de tal modo duas importantes características. Primeiramente a definição de elementos de ataque, defesa e controle nas lutas e um segundo no seu propósito de garantir a sobrevivência dos seres.

Percebemos então que a Luta entendida como um fenômeno social se caracteriza como uma prática corporal construída historicamente pelo homem e pela mulher ao longo da história da humanidade através de hábitos culturais de diferentes povos e etnias. Possui inúmeros contextos/representações ao longo do tempo, carregados de sentidos e significados a partir de suas origens, surgindo a partir de suas necessidades mais básicas como a sua própria sobrevivência (ARCHANJO, 2005; PIO, 2011).

E quando e como podemos retratar estes aspectos? Com base nos estudos de Archanjo (2005), a Luta esteve e continua presente em vários períodos históricos, dos mais remotos aos dias atuais, porém a intenção em cada momento reflete do contexto vivido na época pelos seres humanos. Soma-se a este argumento a

afirmação de Ramos (1982) que destaca que a prática de exercícios físicos, em especial a Luta tem origem na Pré-história.

No sentido lato, ou seja, a partir de representatividade corporal, temos a situação em que a Luta circunscreve no contexto dos embates físicos/corporais por intenções de subjugações entre os sujeitos a partir de conflitos interpessoais e, invariavelmente, por conteúdos humanos contraditórios e ambivalentes (CORREIA e FRANCHINI, 2010).

Com base neste conhecimento, iniciamos pela Pré-História, a qual Arruda e Piletti (1995) a denominam como o período anterior ao aparecimento da escrita, por volta de 4000 a. C., período este que compreende o aparecimento do ser humano no Planeta Terra. Para que aconteça uma compreensão mais clara deste período e de suas características torna-se necessário o acesso a documentos não escritos, como restos de armas, utensílios, objetos rudimentares, pinturas rupestres, desenhos, monumentos de pedras, ou estudos científicos que se utilizem de uma tecnologia avançada.

Na pré-história durante a fase do Paleolítico os ancestrais do homem lutavam inicialmente pela liderança de seu grupo, esses embates aconteciam basicamente em função da força física. Com o objetivo da liderança alcançado, automaticamente inúmeros outros benefícios surgiam ao ser dominante, dentre estes a posse do espaço territorial era o mais importante por remeter aos aspectos de sobrevivência de todo o grupo (ARCHANJO, 2005), pelo fato da subsistência ocorrer através da caça, da pesca e da coleta de alimentos durante seu processo de nomadismo, o qual se tornava dependente deste espaço.

Neste período existia a utilização de implementos rudimentares como pedras e paus no auxílio à sobrevivência. Portanto um líder forte que usasse de suas capacidades físicas estaria mais preparado para possíveis eventualidades. Eventualidades que podemos observar neste parágrafo escrito por Ramos (1982):

Nosso antepassado eolítico³, representado, entre outros, pelo “Pithecanthropus Erectus”, tinha sua vida cotidiana marcada por duas grandes preocupações – atacar e defender-se -, na busca constante de alimentos para sua subsistência e a dos seus familiares ou companheiros. Para isso, nômade como era, andava distâncias consideráveis em terrenos mais ou menos acidentados, rastejava, escondido na vegetação ou entre árvores, para acercar-se de sua presa; trepava em árvores para observar,

³ Relativo ou pertencente ao período mais remoto da Idade da Pedra e o primeiro estágio presumido da cultura humana, caracterizado pelo uso de eólitos (peça de pedra lascada, de talho intencional).

apanhar frutos ou fugir de seus inimigos e animais ferozes; saltava de grandes alturas e transpunha abismos, fossos e obstáculos; levantava e transportava pedras, troncos e outros objetos; corria em velocidade, ou por longo tempo, atrás da caça ou para fugir de tempestades, de seus inimigos e das feras; arremessava pedras e paus em alvos quase sempre móveis; usava suas mãos, seus punhos e machados para golpear ou executar certos trabalhos; lutava, em terrível corpo-a-corpo, empregando sua inteligência, pouco desenvolvida, para vencer homens e animais; atravessava rios e lagos a nado; mergulhava em profundidade para apanhar peixes e executava muitas outras atividades físicas. As caminhadas constantes e as corridas, em particular, constituíam, para o homem primitivo, questão de vida ou morte. Pelo visto, era uma vida cruel, difícil e perigosa, imposta pela dureza dos tempos e pela necessidade de conservar a existência (RAMOS, 1982, p. 52).

Desta forma, as manifestações de Luta se tornaram constantes na vida da humanidade deste período a partir da defesa da própria vida e manutenção de sua integridade física decorrente de situações que causassem perigo a sua sobrevivência (BROUSSE *et al.*, 1999).

Ao término do período Paleolítico, tem-se início a era Mesolítica, na qual o fator liderança não era mais o objetivo principal, porém indispensável. No entanto, neste momento a ênfase maior da Luta era na necessidade de preparar os guerreiros das tribos, para o combate com animais ou contra outras tribos, ao se defender e também ao atacar, na busca de alimento, de melhores territórios ou pelo domínio de tecnologias mais avançadas para época, como a utilização do fogo de uma forma mais simples ou de armas mais eficazes. Nesse período, a utilização de implementos rudimentares é substituída por armas mais sofisticadas como lanças, arcos e flechas. Assim as tribos que chegassem nesta fase de evolução mais rápida teriam vantagens contra seus adversários. Pois, conforme Ramos (1982, p. 51), “nem todos os povos atravessaram os mesmos estágios simultaneamente”.

Em relação à luta pela existência, desde os homens mais rudimentares observa-se que eles tinham que lutar para sobreviver. Estes movimentos eram aprendidos por meio de imitação, e foram desenvolvidos pelo método de tentativa e erro, pois não havia um treinamento consciente e sistemático, centrando-se nas atividades de atacar e defender-se (RUFINO, 2012, p. 31).

Já no período Neolítico, no qual o homem já estava polindo a pedra, ele se dedica à cultura, à domesticação de animais, detém o domínio do fogo, constrói cidades lacustres, proporcionando a aprendizagem e domínio da agricultura, o que o fez deixar de ser nômade e passou a se estabelecer em locais fixos, assim a Luta se apresenta com outros aspectos (ARCHANJO, 2005). Por meio da agricultura

algumas inovações surgem como a descoberta da roda, a invenção da tecelagem, a construção de moradias e benfeitorias, entre outras descobertas e invenções, que deram início a divisão social do trabalho e as categorias ou funções sociais.

Pelo fato de que nem todas as tribos chegaram nesta fase ao mesmo tempo, por disputas políticas e ideológicas, pela tradição e ostentação de culturas dominantes, entre outros aspectos, surgem os primeiros conflitos entre os povos, ou seja, as guerras. Contudo, isto não ocorre com todos ao mesmo tempo (ARCHANJO, 2005). Neste caso, a Luta assume uma nova função: a manutenção da ordem, das terras, das conquistas e dos conhecimentos acumulados. Através da ação de pessoas treinadas para tal, de uma forma sistematizada, estas se utilizam de estratégias para a conquista do espaço territorial no intuito de impor suas ideologias e culturas noutros povos, modificando-os a partir de sua cultura.

Posterior aos períodos Paleolítico, Mesolítico e Neolítico referentes à Idade da Pedra, surge a Idade dos Metais marcada pelo início da fabricação de ferramentas e armas de metal. Com o domínio e manuseio do fogo, o ser humano começava a dominar, ainda que de maneira rudimentar, a técnica da fundição. Neste período, o crescimento da população se acentuou em algumas regiões do planeta. As pequenas comunidades se desenvolveram. Algumas delas passaram a dominar grandes extensões de terra e outros grupos (PIO, 2010). Surgiram, assim, as primeiras cidades, principalmente nos locais mais propícios para o desenvolvimento.

O domínio sobre os metais teve influência nas disputas entre as comunidades que competiam pelo controle das melhores pastagens e áreas férteis. Dessa maneira, as primeiras guerras e o processo de dominação de uma comunidade sobre outra contou com o desenvolvimento das armas de metal.

Com os conhecimentos produzidos e organizados através da organização social e a disputa por melhores territórios, a guerra se torna inevitável. Desta forma, a Luta Corporal não se apresentava apenas pelo contato físico direto (corpo-a-corpo), mas também pela utilização de armas que se tornam extensões do próprio corpo. Neste período a humanidade intensifica as campanhas bélicas, as invasões e conquistas, tornando os guerreiros uma classe social indispensável. Conforme Archanjo (2005, p. 15-16), as atividades guerreiras foram o principal fato que colocam a Luta corporal e com armas, na prática diária da maioria dos povos do mundo nos próximos séculos de existência da humanidade.

Somado a este contexto, alguns fatores são apontados por Ramos (1982), como característicos deste período pré-histórico: a luta pela existência, os ritos e cultos relacionados diretamente a sobrevivência, a preparação guerreira e os jogos e práticas atléticas.

O ponto referente aos ritos e cultos representa um momento de adoração das sociedades pelas conquistas alcançadas, relacionadas às lutas travadas no cotidiano dos povos daquela época, contra outros povos ou animais. Estes momentos eram subsidiados por comemorações e agradecimentos, como destacam Stotz e Falcão (2012).

Ao afirmarem que desde os primórdios da humanidade, a música e a dança estão ligadas a muitas lutas que combinam aspectos de combate com elementos estéticos, com propósitos sociais e religiosos, mantendo conexões com ritos de fertilidade, adoração ancestral e convicções animistas (STOTZ e FALCÃO, 2012, p. 96).

Diante destes acontecimentos que perpassaram a evolução histórica e social dos seres humanos, dos aspectos de sobrevivência até os de dominação, a Luta Corporal esteve inserida diretamente nos momentos históricos que marcaram e construíram a identidade do ser humano na sua cultura corporal e também na formação da concepção em compreender as características presentes na relação com os outros seres vivos (homens ou animais) e com a natureza.

A busca em analisar a Luta Corporal a partir de seus aspectos de historicidade proporciona o surgimento de novas possibilidades de reflexão e compreensão da Luta como conhecimento inerente ao ser humano, a qual pode ser vivenciada por meio de um trato teórico-metodológico desvinculado da prática pela prática. Tratá-la como conhecimento promove a busca e o entendimento de sua essência ao passo que deixa de ser reduzida em suas modalidades apenas.

Assim, é imprescindível a compreensão dos acontecimentos do passado para que haja uma leitura crítica por parte dos educandos. Para que possam identificar fatores marcantes, que com o passar do tempo se tornaram fundamentais para a caracterização da Luta da maneira que se apresenta nos dias atuais. Desta forma, todos os fatos históricos anteriores merecem ser vistos para que haja relação com os fatos presentes nas sociedades atuais.

1.3 Algumas terminologias, semelhanças e diferenças / Luta, Arte Marcial ou Esporte de Combate?

Tratar a Luta Corporal como conhecimento permite que outras terminologias surjam, dentre estas, a relação conceitual que recebe diante da semelhança com a Arte Marcial e com a Modalidade Esportiva de Combate, o que se faz necessário, identificar as diferenças e aproximações existentes.

Nos estudos acerca do tema Luta tem se evidenciado a existência destas terminologias que aparentemente teriam o mesmo significado, tanto na escrita quanto no seu entendimento, o que estabelece desta forma uma ideia de que seriam sinônimas, porém é necessário diferenciar estes conhecimentos da cultura corporal do ser humano, mesmo que existam semelhanças que dificultem a diferenciação entre as três, elas ainda assim se distinguem como definem Correia e Franchini (2010),

Implicam um universo amplo de manifestações antropológicas de natureza multidimensional e complexa. Como um conjunto de práticas socioculturais proveniente de um espectro diversificado de demandas históricas específicas, é possível identificar uma pluralidade muito patente nas suas diferentes configurações sociais, formas de expressão, repertório técnico, linguagens, organização e institucionalização (p. 2).

Portanto, as terminologias: Luta, arte marcial e modalidade esportiva de combate seriam unívocas e de tal modo referem-se às mesmas manifestações corporais? Ou representam situações diferentes de acordo com o contexto?

Por mais aparentes semelhanças que uma determinada prática corporal possa ter com outras formas de manifestação corporal em outros tempos ou em culturas e civilizações, não podemos dizer apriori que são a mesma coisa. Toda e qualquer prática, e por extensão as práticas corporais, dependem da rede de relações nas quais estão inseridas. Em outras palavras, uma prática corporal se diz do contexto no qual está inserida. Por conseguinte, cabe ao pesquisador estar atento às diferentes configurações assumidas por uma determinada prática corporal de modo a circunscrever com maior fidelidade a singularidade da mesma (MARTINS e KANASHIRO, 2011, p. 638).

Ao investigar sobre o fenômeno Luta, surge à expressão arte marcial, a qual está diretamente associada, como destaca Apolloni (2004), às primeiras formas sistemáticas de lutar voltadas a fins militares, ocupando um lugar especial na cultura oriental. Praticadas há milênios, com maior ou menor grau de sistematização, elas

formam um corpo de conhecimentos e tradições de base oral e prática que alcançou a literatura, o teatro e o cinema.

Pelo fato da história das artes marciais serem frequentemente transmitidas sem uma visão contextualizada, do ponto de vista histórico e social, (MARTINS e KANASHIRO, 2011, p. 638), o que se nota são os movimentos e técnicas, sendo apresentados, no dia-a-dia, na escola, em filmes e desenhos de maneira reducionista, ou seja, diferente de seus elementos primários. Assim, optamos por entendê-la com uma análise mais criteriosa.

O termo arte marcial refere-se à arte da guerra e tem origem greco-romana. Assim, as artes marciais, segundo esta mitologia, são as artes militares ensinadas aos homens. Segundo Correia e Franchini (2010), este termo configura o contexto das práticas corporais a partir da noção de “metáfora da guerra”, uma vez que essas práticas derivam de técnicas de guerra como denota o nome, isto é, marcial. A dimensão ética e estética é destacada, identificada pela própria nomenclatura de “arte”.

Um ponto importante se destaca ao analisarmos o termo arte marcial, pois não só a prática relacionada ao movimento é o que representa esta terminologia. Sua essência parte de outros fatores, como questões filosóficas e tradições culturais, como a escrita, a pintura, entre outros. Como enfatiza Rufino e Darido (2009), estas se relacionam com questões holísticas e filosóficas, por exemplo, ao abranger outras concepções de corpo e movimento, diferentes daqueles atribuídos à terminologia das lutas.

As Artes Marciais passaram por uma longa travessia até adquirirem seu formato atual. A maioria das artes de combate tem sua história perdida em tempos imemoriais, misturada a lendas e feitos heróicos. Sabemos que as Artes Marciais foram sendo sistematizadas no formato que hoje as conhecemos somente a partir, aproximadamente, da metade do século XIX até a metade do século XX. Neste trajeto, elas também não estiveram nunca desvinculadas dos conflitos políticos, culturais e religiosos dos povos de que se originaram (YONEZAWA, 2010, p. 348).

Outro ponto a ser analisado é que o termo arte marcial geralmente está associado a culturas orientais. No entanto, diversos estudos apontam que esta nomenclatura advém da cultura da Grécia e da Roma, sociedades localizadas no lado ocidental do planeta.

Ao decompor o termo arte marcial, encontramos a expressão “arte” que corresponde a uma demanda expressiva, inventiva, imaginária, lúdica e criativa, que se tornam elementos a serem incluídos no processo de construção de certas manifestações antropológicas ligadas ao universo das Artes Marciais. E o termo marcial, relacionado ao campo mitológico, faz alusões à dimensão conflituosa das relações humanas (CORREIA e FRANCHINI, 2010).

Na busca do entendimento sobre esta arte, Severino (1985) apresenta esta como o conhecimento do ser humano que nunca se extingue, por mais que se passem séculos, se renovem e sejam modificadas as sociedades, ela permanece. E para explicar o que seria marcial, o autor argumenta que:

Ela deriva de MARTE, Deus da guerra no Panteão Romano, irmão de Minerva, Deusa da Sabedoria. Quando falamos de Guerra, é necessário prestar muita atenção a esta palavra, visto que representa muitos símbolos e é por isso que cabe aqui perguntar-nos a que guerra nos referimos. Marte dentro do Panteão Romano simbolizava a guerra, interior, tal qual seu irmão na velha Índia, o Deus KARTYKEYA, também irmão do Deus Ganesha, símbolo da sabedoria (SEVERINO, 1985, p. 8).

Que fique claro que esta guerra citada pelo autor não é a que comumente é associada a ações de batalha ou conflitos entre povos e sim devemos compreendê-la também como tudo aquilo relacionado às formas destes povos expressarem seus modos culturais (YONEZAWA, 2010).

A partir deste ponto de vista percebemos diferenças entre as terminologias Luta e arte marcial. Podemos considerar toda Arte Marcial que apresenta características de combate uma Luta, porém a recíproca não é verdadeira. A arte marcial envolve além dos movimentos que a caracteriza como uma Luta, outras atividades do cotidiano das pessoas, como a escrita, a culinária, a jardinagem, as quais compõem o modo de vida dos povos há milênios (BREDA, *et al.*, 2010, p. 29), uma vez que nas artes marciais temos a inclusão contínua de elementos que ultrapassam as demandas pragmáticas e utilitaristas das formas militares e bélicas de combates humanos (CORREIA e FRANCHINI, 2010, p. 2).

Pensar na terminologia e no seu significado, se torna algo que deve ser considerado, principalmente quando se busca o ensino dos conhecimentos acerca da Luta. Pois, a terminologia também intervém nos aspectos, na interpretação e no seu entendimento. A partir da terminologia é que se dá início às concepções vinculadas e conseqüentemente a forma como é compreendida. Como destaca

Cazetto (2008), ao analisar o livro *Das brigas aos jogos com regras de autoria* de Jean-Claude Olivier, que trata sobre elementos da Luta, no qual o autor a considera juntamente com a arte marcial como modalidades esportivas. Assuntos como estes que nos levam a procura por explicações mais coerentes.

Diante dos fatos, identificamos que independentemente das características existentes, inúmeras são as modalidades de lutas que surgiram em diferentes lugares do planeta, as quais são vivenciadas por formas distintas de acordo com as necessidades políticas, econômicas, sociais, assim como, por meio das especificidades e cultura das sociedades. Rufino e Darido (2011) reforçam que o ato de lutar se apresenta tão antigo quanto à própria história da humanidade, já que ao longo do tempo, manifestações que foram de sobrevivência e utilitárias, passaram a ser sistematizadas e regulamentadas de acordo com cada sociedade, o que resultou em diferentes práticas, as quais são conhecidas atualmente a partir da variedade de modalidades de lutas que são permeadas por processos históricos repletos de rupturas e descontinuidades.

Em especial, destacamos as civilizações orientais, nas quais existe uma grande variedade de manifestações deste fenômeno e registros tanto em pinturas quanto na cultura viva que perdura atualmente. Podemos notar esta multiplicidade de manifestações a partir de Cohn (2002).

Há registros de que existiam diversos tipos de lutas sem armas na Índia, Irã (antiga Pérsia), China, Egito, Mesopotâmia e Japão. Das diversas lutas existentes na época, hoje, no ocidente, recebemos algumas amostras, tais como, o Kung Fu proveniente da China com a divisão de Kung fu do norte e Kung fu do sul sendo o primeiro mais acrobático com saltos e chutes altos e o segundo, com técnicas mais voltadas aos membros superiores com trocas de golpes rápidos com as mãos. Proveniente do Japão, uma série de modalidades ainda permanece até os dias de hoje como é o caso do Karatê que se caracteriza por chutes e socos poderosos, o Jujutsu (jiu jitsu), Aikido, Judô, Kendô, Kyudo e outras. Originariamente coreana surge o Taekwondo que possui um cartel de chutes rápidos e de grande impacto, característica de um povo acostumado a subir e descer montanhas o qual proporcionou um desenvolvimento voltado ao fortalecimento dos membros inferiores (COHN, 2002).

Deste modo, surgiram nas diferentes sociedades espalhadas pelo mundo, diferentes tipos de manifestações corporais relacionadas à temática da Luta ao longo da história do homem, produzindo um número de práticas extensas e uma riqueza de significados muito grande (RUFINO, 2012). Aspecto que se destaca no lado oriental do planeta devido a grande ocorrência de modalidades de lutas, que se

desenvolveram principalmente a partir de situações de conflitos/guerras, aspectos que resultaram num aprimoramento das técnicas de ataque, controle e defesa, por parte dos indivíduos destes locais, em sua maioria sistematizadas e praticadas no âmbito militar. As quais, podemos destacar o Kung Fu, o Karatê e o Taekwondo.

Assim, torna-se necessário a compreensão da essência do conhecimento posto em prática, ou seja, analisar de onde vem o conhecimento. O termo arte marcial traz elementos presentes na Luta, como o ataque, a defesa, o controle, ou seja, o combate corpo-a-corpo, contudo, a arte marcial surgiu com a necessidade de algumas sociedades protegerem suas ideologias, sua cultura, seu modo de pensar e agir, características presentes também na Luta. Todavia, para isto acontecer se tornou necessário o acúmulo e a sistematização de técnicas bélicas, através do treinamento árduo, nos quais a relação com outras manifestações corporais se tornaram importante para estabelecer um vínculo cultural entre os indivíduos de uma determinada sociedade. Qual a diferença entre Luta e arte marcial ou esportes de combate?

Entre a conformidade e a discordância das terminologias outro termo surge, utilizado nos meios acadêmicos e social como sinônimo de Luta, que seriam os esportes de combate, esta mais atual se fundamenta em características de outra área de conhecimento, o esporte. Seu marco cronológico diferencia-se das artes marciais e das primeiras formas de lutas exemplificadas quando apresentamos uma possibilidade da origem do fenômeno Luta. Contudo, são fundamentadas a partir das lutas e artes marciais existentes no contexto mundial. Para tanto Martins e Kanashiro (2011), argumentam que as artes marciais tinham relação com o universo guerreiro e ético-religioso de outras culturas, passaram a ser consideradas práticas com apelo esportivo.

Esta característica é mencionada por Breda et al. (2010) quando se reporta a um momento importante das artes marciais do Japão, no qual ao final do século XIX o país modificou sua política de comércio com outros países em sua maioria ocidentais, a qual acarretou impactos em diversos setores, em especial nos aspectos socioculturais do cotidiano dos povos.

Com isso, recorreremos a um questionamento mencionado por Rufino e Darido (2011) que dizem: o que conhecemos por modalidades de lutas que são apresentadas pela mídia, praticadas por inúmeras pessoas, integrantes do seletivo grupo de práticas olímpicas, como é o caso do boxe amador, do judô, do wrestling,

da esgrima e do taekwondo, não possuem características que nos permitem classificá-las como esportes?

Questionamentos como estes se tornam pertinentes para compreender esta concepção que vem contextualizar o fenômeno Luta atualmente, como por exemplo, a utilização de regras pré-estabelecidas. Correia e Franchini (2010) definem o termo “modalidades esportivas de combate” (MEC) como uma configuração das práticas da Luta corporal, das artes marciais e dos sistemas de combate sistematizados em manifestações culturais modernas, orientadas pelas instituições desportivas.

Mas, afinal qual seria a origem dos princípios das Modalidades esportivas de combate? Assis (2001) a compreende como esporte moderno, o qual surge na Inglaterra a partir do século XVIII, com base e por meio de alguns jogos populares, com muitos destes intermediados pelas public schools⁴, que se espalham por todo o mundo, tornando-se naquela época a principal expressão da cultura corporal e das ocupações de lazer.

Para Franchini e Del Vecchio (2011), as modalidades esportivas de combate surgiram no final do século XIX, especialmente com as disputas de boxe também na Inglaterra, assim como as demais modalidades esportivas conhecidas, principalmente o judô.

Independente do século que tenha início, este processo que (re) significou algumas atividades é denominado por Dunning e Elias (1992) como processo de esportivização, no qual algumas modalidades foram regulamentadas e padronizadas, por meio de regras mais rígidas, as quais visaram estabelecer igualdade entre os sujeitos e o controle sobre a violência, resultando em uma nova característica para o fenômeno Luta.

A partir desta informação Correia e Franchini (2010) apresentam especialidades que somadas caracterizam as Modalidades esportivas de combate diante de sua análise, que seriam: a competição, a mensuração, a aplicação de conceitos científicos, a comparação de resultados, as regras e normas codificadas e institucionalizadas, a maximização do rendimento corporal e a espetacularização da expressão corporal como precursores para a sua diferenciação perante o fenômeno Luta e a arte marcial. Este processo pode ser classificado como uma transposição moderna de práticas seculares de “combate”. Segundo Gutman (1978), somam a

⁴ Embora o nome seja public school, não é uma escola pública, o nome public school em inglês britânico significa escola particular.

estas características anteriores, as seguintes: quantificação, superação, burocratização e institucionalização, via federações e organizações, secularização, especialização e racionalização.

Ainda para Souza Júnior (2001), o esporte moderno, no qual as modalidades esportivas de combate estão inseridas, tem como propósito selecionar, exigir a especialidade, padronizar, estabelecer comparações objetivas, entre outros.

Fatores como estes que distanciam as modalidades esportivas de combate dos princípios da Luta como fenômeno e das características das artes marciais, pois são aspectos particulares do esporte, neste caso das modalidades esportivas de combate. Por isto, enfatizamos a necessidade de diferenciá-los. Destacamos também que o fenômeno Luta não se restringe apenas a relação do homem com sua origem pré-histórica já mencionada, mas por toda sua evolução histórica, que passa por diferentes momentos e se encontra presente em diferentes sociedades, o que significa um conhecimento macro, que também é representado pelas artes marciais e modalidades esportivas de combate.

Martins e Kanashiro (2011, p. 638), destacam o surgimento da organização em grande escala, administrando, controlando e regularizando as competições, que levaram ao processo de esportivização das modalidades de lutas e das artes marciais existentes. Como podemos visualizar atualmente o Karatê, o Kung Fu (Wushu), o Judô, o Taekwondo, e que recentemente tem se discutido acerca da capoeira⁵. Essas características definitivamente podem ser observadas no que diz respeito a algumas lutas e artes marciais atuais.

A reflexão sobre esta prática pode ocorrer na análise do atual MMA (Mixed Martial Arts em português Mistura de Artes Marciais) ou do boxe, que tem em suas bases aspectos da Luta corporal, como o contato físico, porém com uma intenção diferente, por mais que o objetivo seja subjulgar o outro, a dinâmica apresenta situações que tem hora de começar e acabar, regras, entre outros. Características que ao serem analisadas em sua integralidade se diferenciam da origem da Luta Corporal e das Artes Marciais.

Diante destes acontecimentos que perpassaram a evolução histórica e social dos seres humanos, assim como dos aspectos de sobrevivência até os de

⁵ A partir de 1º de janeiro de 1973, com a vinculação da Capoeira a Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP), este fenômeno de esportivização é intensificado à esta manifestação de luta (ALVES e MONTAGNER, 2008, p. 511).

dominação, a Luta Corporal se insere diretamente nos momentos históricos que marcaram e construíram a identidade do ser humano por meio de sua cultura corporal e também na formação da concepção do homem em compreender as características presentes em cada relação com os outros seres vivos (homens ou animais) e com a natureza.

A busca em compreender a Luta a partir de seus aspectos de historicidade proporciona o surgimento de novas possibilidades para refletir e compreendê-la como conhecimento do ser humano.

Logo, é imprescindível a compreensão dos acontecimentos do passado para que haja uma leitura crítica por parte dos discentes na escola. Para que possam identificar fatores marcantes, que ao passar do tempo se tornaram fundamentais para a caracterização da Luta da maneira que se apresenta atualmente. Desta forma, todos os fatos históricos anteriores merecem ser vistos para que haja relação com os fatos presentes nas sociedades atuais. Reconhecemos que o fenômeno Luta não se encerra apenas no que foi até então apresentado, ou seja, carece cada vez mais um aprofundamento e uma leitura crítica constante.

Assim, a Luta e suas manifestações são compreendidas como produções humanas carregadas de significados construídos historicamente e que estabelecem relações constantes com e nas sociedades onde estão inseridas, são praticadas e desenvolvidas e, portanto, um significativo conteúdo a ser estudado na escola (NASCIMENTO, 2008, p. 37).

1.4 A Luta como conteúdo da Educação Física

No contexto da escolarização, para que a Luta se tornasse conteúdo foi necessário ocorrer mudanças importantes em sua constituição, para que diferentes aspectos, como os da violência e agressividade não viessem à tona na escola, na forma que está presente na essência do fenômeno social Luta. Para compreender os motivos pelos quais e o porquê da indicação do trato pedagógico do conteúdo Luta na escola, Nascimento (2008), destaca a necessidade também de compreender o processo dinâmico de mudanças paradigmáticas na área de estudos da Educação Física.

Como por exemplo, a elaboração dos PCNs (1998) como referência curricular a nível nacional, que define a Luta como um dos conhecimentos que a constitui.

Como já citado anteriormente, a Luta na escola a partir da abordagem crítico-superadora foi definida como um conhecimento específico da Educação Física, nesta concepção o Coletivo de Autores (2012) defende seu trato no âmbito escolar a partir da contextualização, reflexão, problematização, entre outros aspectos, que possam propiciar a leitura da realidade social.

Soares (1996) caracteriza a Educação Física escolar como um espaço de aprendizagem e conseqüentemente de ensino, tendo como seus conteúdos o jogo, a ginástica, as lutas, a Dança e os esportes. Por estes permanecerem historicamente ao longo do tempo, inseridos nas culturas humanas mesmo ao passarem por modificações em inúmeros de seus aspectos, como é o caso da Luta como fenômeno social, que passou por constantes mudanças até ser conhecida como se encontra atualmente.

No mesmo sentido Daolio (2004), considera a Educação Física uma disciplina escolar que tem como objetivo garantir ao aluno a apreensão de conteúdos culturais, relacionados à dimensão corporal, como o jogo, a ginástica, o esporte, a Dança e a Luta. E para Darido e Rangel (2005, p. 34), sua função é “formar os cidadãos que irão usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as manifestações que caracterizam essa área, tais como: o Jogo, o Esporte, a Dança, a Ginástica e a Luta”.

Diferentes entendimentos acerca da Luta, também podem existir para sua compreensão como conhecimento, como exemplo pode-se observar na produção coletiva dos professores de Educação Física da rede municipal do Recife, ao compreenderem a Luta como um dos conhecimentos que devem ser tratados pedagogicamente nas aulas de Educação Física escolar.

Uma prática pedagógica que possibilita sintetizar e sistematizar representações do mundo no que concerne à produção histórica e social de algumas das dimensões, elaborações, manifestações da cultura humana, em contextos específicos, tais como exemplo: jogos, esportes, ginásticas, lutas e danças. Dispondo de sua intencionalidade, o ser humano, em interação com os outros e com a natureza, produz, expressa e incorpora essa cultura em forma de signos, ideias, conceitos e ações nas quais interpenetram dialeticamente as intenções dos próprios homens e a realidade social (COLETIVO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA REDE DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL DO RECIFE, 2011, p. 231).

Nesta proposta da cidade do Recife a Luta, é definida como um dos conteúdos da Educação Física escolar, porém não é tratada metodologicamente,

pois na parte metodológica para o ensino dos conhecimentos desta disciplina, ela encontra-se inserida no conteúdo esporte, por meio do judô, o que resulta na sua descaracterização como um conteúdo específico, ou seja, apesar de ser mencionada como um conteúdo, a mesma não se encontra isolada com suas próprias características. Como mostra o quadro 01:

Eixos temáticos	Saberes/Habilidades Ciclos	Educação Infantil		Ensino Fundamental				EJA
		1º	2º	1º	2º	3º	4º	
Esporte institucionalizado	Modalidades individuais: judô, atletismo, ginástica olímpica, ginástica rítmica desportiva					X	X	X

Quadro 01: Distribuição dos eixos e saberes escolares da Educação Física para a proposta curricular da cidade do Recife.

A Educação Física como componente curricular no contexto brasileiro não limita seus conhecimentos apenas a realidade do Brasil, mas também reconhece os conhecimentos de outros países, conhecimentos estes que são riquíssimos ao tratarmos da Luta. De acordo com Betti (1991), essa disciplina trata pedagogicamente na escola diferentes práticas corporais advindas das mais diversas manifestações culturais, as quais podem ser as danças, os esportes, as lutas, os jogos e as ginásticas que juntas compõem um vasto patrimônio cultural de conhecimentos.

Para Cordeiro (2011), a Luta deve ser tratada como conteúdo nas aulas de Educação Física, associada à compreensão da realidade social e do cotidiano escolar das crianças e adolescentes durante sua formação na educação básica para que possam ampliar seu conhecimento por meio de uma leitura crítica dos contextos que ela se apresenta. A Luta tem sua presença justificada na escola também por Souza Júnior et al., (2011), ao contribuírem que nos jogos, nos esportes, nas lutas, nas ginásticas, nas danças e em outros conhecimentos o homem também se constitui homem e constrói sua realidade pessoal e social. Deste modo, é necessário que haja o resgate da produção humana acerca das suas práticas corporais desenvolvidas e acumuladas por diferentes gerações.

Com base em estudos já realizados, buscamos compreender no espaço de intervenção escolar, como o conteúdo Luta se apresenta. Nascimento (2008), por

exemplo, destaca que este conteúdo é pouco visto, o que ocasiona assim diversos questionamentos e preocupações por parte dos professores de Educação Física.

A partir de alguns estudos podemos buscar a compreensão desta situação da Luta, ao levar em consideração que as propostas curriculares nem sempre apresentam os cinco conteúdos específicos da Educação Física a serem tratados pedagogicamente na escola, entre estes a própria Luta. Nascimento (2008) alerta que os conteúdos para a Educação Física escolar não devem ser limitados a conhecimentos específicos aos interesses do professor, por exemplo, e sim que sejam abordados na escola diferentes e significativos conteúdos, que busquem assim a democratização e acesso aos conhecimentos, vivências e significados desta e das demais práticas corporais. Porém, não é o que acontece com a Luta, pois a mesma por muitas vezes é conduzida de forma reducionista pelos professores, que negam o seu trato como fenômeno social, em prol de apenas algumas modalidades como o judô, o caratê ou a capoeira, que acaba limitando a compreensão do conhecimento macro da Luta, por enfatizar o ensino de modalidades específicas que não contemplam todas as características presentes (ARCHANJO, 2005).

A Luta como conteúdo tem-se limitado a esses conhecimentos, judô, caratê e capoeira, na grande maioria das vezes por serem modalidades de lutas que apresentam uma forte relação cultural com o povo brasileiro como definem Correia e Franchini (2010), que o judô juntamente com o caratê em decorrência da forte presença japonesa no país influenciam as produções científicas produzidas no meio acadêmico da Educação Física. O que pode resultar numa fonte de pesquisa aos professores da educação básica, levando-os a ensinarem apenas estas modalidades de lutas no ambiente escolar. Da mesma forma à capoeira por pertencer à cultura do Brasil e ser considerada um patrimônio imaterial pelo Ministério da Cultura⁶.

Com isso, deixar de tratar pedagogicamente o fenômeno Luta e substituí-lo apenas por algumas de suas modalidades, pode ter relação com a própria identidade do professor com um determinado conhecimento, o qual tem mais domínio tanto teórico quanto prático, como alertam Rufino e Darido (2011) quando “as lutas geralmente são aplicadas apenas (e isso quando são) pelos profissionais

⁶ Em 2008^a capoeira foi reconhecida pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – como patrimônio cultural imaterial do Brasil, através do registro das Rodas de Capoeira no Livro (IPHAN/CNFCP).

que tiveram vivências com esta temática durante suas vidas, independente de terem tido aulas de lutas ou não em sua formação inicial” (p. 2). Ao professor também pode haver uma fragilidade quanto à própria formação acadêmica no ensino superior.

Del Vecchio e Franchini (2006) atentam para o fato de que realmente possa existir uma dificuldade em tratar o conteúdo Luta na escola e isto tem um motivo em especial: a formação do próprio professor de Educação Física, que em sua grande maioria, gradua-se no ensino superior em cursos que apresentam fragilidades teóricas e metodológicas para abordar este conteúdo no âmbito da Educação Física escolar. Em geral ocorrem à ausência de disciplinas que tratem a Luta quanto fenômeno ou qualquer uma de suas manifestações, além da existência apenas de disciplinas que visem o aprofundamento em modalidades de lutas específicas, como o caratê, o judô ou a capoeira. Em alguns casos a Luta é apenas vivenciada nas associações atléticas e centros acadêmicos universitários e não na grade curricular.

Há casos também de algumas escolas oferecerem aos alunos modalidades de lutas como judô e karatê como atividade extracurricular, ministradas por ex-praticantes, não integradas ao Projeto Político Pedagógico da escola (RUFINO e DARIDO, 2011). Aspecto que descaracteriza não só os conhecimentos sobre a Luta, mas também da própria Educação Física como componente curricular obrigatório que se apropria da Luta. Realidade comum no interior das escolas (CORREIA e FRANCHINI, 2010), como pode ser visto atualmente a partir de inúmeros projetos sociais que utilizam a Luta e outros saberes como ferramentas para alcançarem outros propósitos, principalmente de cunho social e assistencialista, mesmo sem haver a Luta na própria aula de Educação Física escolar, no mesmo local onde ocorrem as atividades extracurriculares.

Carreiro (2005) conclui que dentre os conteúdos que podem ser contextualizados na Educação Física escolar, a Luta é um dos que encontra maior resistência por parte dos professores, com argumentos como: falta de espaço, falta de material, falta de vestimentas adequadas e associação à violência. Como mostra um estudo de Nascimento (2007) que identificou dentre diversos fatores, dois que se destacaram por serem mais recorrentes para que não existisse a Luta nas aulas de Educação Física escolar, que foram à falta de vivência pessoal em Luta por parte dos professores, tanto no cotidiano de vida, como no âmbito acadêmico; e a preocupação com o fator violência, que os professores julgam ser intrínseco às

práticas de Luta, o que incompatibiliza a possibilidade de abordagem deste conteúdo na escola.

Evidências corroboradas por Brousse *et al.* (1999) ao mostrarem que em primeiro lugar os professores apontam como empecilho a própria formação deficitária com relação aos conhecimentos do fenômeno Luta, alguns que nunca praticaram as atividades de Luta, ou os que praticaram somente dentro do modelo técnico-desportivo, apresentam dificuldades em resignificá-la para as necessidades educativas. Em segundo lugar, citam a falta de instalações específicas para a prática e por último a escassez de trabalhos que orientem a elaboração de propostas curriculares para um modelo educativo.

Esta falta de trabalhos tem relação também com a pouca produção acadêmico-científica sobre o tema Luta, como mostra Correia e Franchini (2010), que analisaram produções em Educação Física, com base em um recorte cronológico de uma década, a qual teve aproximadamente apenas 3%, o que significa um número bastante reduzido de trabalhos para uma área de conhecimento que carece de estudos que subsidiem a prática pedagógica dos professores.

No entanto, nós como professores de Educação Física, devemos nos apropriar criticamente dos conhecimentos da Luta com a maior clareza possível, reconhecendo suas especificidades e suas próprias generalizações entre suas diferentes manifestações, para que sejam em seguida ensinados, e construídos os conhecimentos juntamente com os discentes de uma forma que seja problematizado todo o processo de vivência do conteúdo Luta, para isso Nascimento (2008, p. 47), explana um caminho possível.

A escola definitivamente não será o local de formação do “lutador” de específica modalidade de Luta, e sim do cidadão que poderá: experimentar, usufruir da experiência singular de se opor em situação de combate corporal, contemplar e formar opinião em relação a estas atividades e a respeito de suas trajetórias históricas, a forma como se apresentaram no passado e se apresentam na atualidade nos diversos segmentos sociais juntamente com os significados que foram e lhe são atribuídos (NASCIMENTO, 2008, p. 47).

Na escola o importante ao se tratar pedagogicamente os conhecimentos acerca da Luta, é o professor fazer com que o aluno compreenda as características e aspectos que dão a Luta o entendimento que ela apresenta na sociedade, porém que o aluno, além disto, entenda a necessidade de haver limites na vivência deste

fenômeno social, para que não sejam realizadas atitudes que não condizem com o ambiente escolar. E que, caso o aluno tenha interesse em praticar a Luta com outra conotação que existem locais específicos para isto, como as academias. Esse entendimento de como a Luta está contextualizada em diferentes ambientes, contribui de forma significativa na aprendizagem do aluno.

Esta possibilidade pode ser fomentada a partir de vivências e leituras críticas, inicialmente estimuladas na escola, que poderão ser posteriormente recuperadas e reformuladas pelos alunos no seu cotidiano de vida, no caso de passarem num momento ou outro a terem contato com alguma atividade de Luta, como praticante ou expectador. É imprescindível que da releitura de cada profissional, considerando as peculiaridades de cada contexto escolar, resultem intervenções práticas fundamentadas, e que as mesmas sejam socializadas, experimentadas, confrontadas, debatidas e avaliadas, contribuindo assim para enriquecer o processo de construção de um corpo de conhecimentos significativos a respeito deste tema (NASCIMENTO, 2008).

Ações e reflexões como esta são necessárias para fundamentar a Luta na Educação Física como componente curricular, descaracterizando-a da Luta existente em outros contextos sociais como clubes, academias, competições. Todavia, estas informações também se apresentam como importantes para o discente compreender como a Luta se insere em cada contexto.

1.5 Características, classificação e especificidade da Luta

A partir dos estudos de Pucineli (2004) compreendemos uma possibilidade junto com os próprios discentes seja na educação básica ou no ensino superior, para a apropriação das características da Luta. Em sua obra uma discussão importante surge entre o autor e alguns de seus colegas de turma ao tentar definir o que seria Luta. Não definiremos quem é que realiza cada questionamento e resposta por haver vários sujeitos, apenas ficarão expostos alguns diálogos que contribuirão com nossas reflexões e que foram selecionados por nós. Para cada questionamento realizado, vincularemos em seguida à resposta obtida, vejamos o que dizem:

Qual a especificidade da Luta: seria o ataque e a defesa? Mas, no vôlei também há ataque e defesa e não é Luta!

Mas, nas modalidades que há confrontos, como no basquete, por exemplo, há Luta? Se realizarmos um basquete com arco no chão atrás de nós, no qual devemos entrar e vice-versa, seria Luta? Esta atividade possui algumas características: oposição, que gera ataque e defesa; posturas que permitem atacar e defender de forma rápida; a movimentação parecida.

Mas, ainda falta algo, como estou contra você se não o ataco, já que meu objetivo é o arco? Então, o alvo sendo a pessoa já determina a Luta.

Então queimada é Luta, já que existe oposição e devemos queimar o adversário? Não, pois só tem a possibilidade de finalizar o ataque aquele que tiver a posse da bola, ou seja, há uma condição para que isso ocorra.

E se a possibilidade de finalização (ataque) for simultânea?

Nesta lógica de pensamento surgem algumas invariantes ao tentar definir o que seria Luta: haver oposição, a possibilidade de finalização do ataque ser mútua e o alvo da ação ser a própria pessoa.

Ao lerem um livro sobre judô, surgem novas inquietações: em determinadas modalidades de lutas como o judô, o alvo é a pessoa ou o chão? O alvo continua sendo a pessoa, sendo necessário se utilizar de ações como atingi-la e segurá-la, conduzindo-a a outro lugar.

Devemos classificar as lutas quanto às formas de ação? E quais as ações básicas das modalidades de lutas? Existem lutas, como o judô, que o objetivo não é apenas um. Nele, pode derrubar ou imobilizar.

Desta forma Pucineli (2004), classifica as lutas quanto à distância: curtas (judô), média (karatê, boxe) e longa (com implemento: esgrima e kendo), porém apenas isto não é suficiente para sua compreensão.

Com base nas invariantes os autores sugerem que para ser Luta, o alvo deve ser sempre a pessoa, mas a meta é conduzi-la a outro local. Esse pensamento é ampliado para meta indireta quando desloca o outro através de qualquer tipo de ação e meta direta quando o objetivo é alcançado a partir de imobilizações.

E assim, para os autores a Luta se configuraria da seguinte forma: agarre com meta indireta e agarre com meta direta, e tocar com meta direta e indireta.

Assim, Pucineli (2004), define Luta corporal como:

Uma prática de oposição geralmente entre duas pessoas, na qual realiza-se uma ação (toque ou agarre) com o objetivo de dominar a outra, dentro de regras específicas. Duas condições são essenciais para considerarmos

atividade como luta: o alvo da ação ser a própria pessoa e a possibilidade de finalização do ataque ser mútua, a qualquer momento, inclusive simultânea (p. 11).

São características como estas que possibilitam o fenômeno Luta ser visto como um conhecimento da cultura corporal com suas próprias especificidades. Indagações como estas são o que diferenciam a Luta como fenômeno de outras áreas de conhecimento, como por exemplo, o esporte, o que permite existir certas características em comum entre elas (RUFINO e DARIDO, 2011). Assim, inicialmente se deve pensar no ensino global da Luta, considerando sua dinâmica interna, a leitura e sua resposta, em detrimento das técnicas específicas, num primeiro momento, é um caminho viável para ensinar (GOMES, 2008, p. 77). Logo após o entendimento pelo aluno da essência e dos elementos que cercam o fenômeno Luta, entende-se que seja o melhor momento para introduzir diferentes situações e novos conhecimentos, em especial, as modalidades de lutas específicas, pelas quais, o aluno identificará características vistas anteriormente, analisará a partir de outras lutas e criará nexos entre elas e com sua realidade.

Para isto, torna-se importante o conhecimento ser sistematizado no contexto escolar, na busca pela legitimação do conteúdo Luta nas aulas de Educação Física, já que, como vimos, muitos são os empecilhos que surgem e resultam na sua ausência na escola. Logo, para que isto ocorra, propostas pedagógicas mais concretas são necessárias para justificar a permanência da Educação Física escolar como um componente curricular da escola e não ser vista como uma mera atividade. Evitando que seja tratada de qualquer forma ou colocada em contra-turnos. Portanto, a sistematização dos conteúdos pode contribuir para torná-la mais próxima da dinâmica da cultura escolar e assim contribuir para o seu reconhecimento entre os docentes, alunos, diretores, coordenadores e pais (KAWASHIMA *et al*, 2009).

Percebemos que a partir do Pucineli (2004) e de outros autores citados, que buscam também trazer elementos significativos para a Luta, principalmente relacionados às aulas de Educação Física escolar, identificamos possibilidades reais de tratar a Luta como conhecimento independente dos demais conteúdos da Educação Física em especial do esporte e da ginástica. Percebemos que nas lutas existem características exclusivas que as diferenciam de outras formas do ser humano se expressar. Reconhecemos também que estas definições, classificações

e especificidades não são as únicas do fenômeno Luta, mas são necessárias para sua consolidação como conhecimento singular e conteúdo de ensino.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

Para Minayo (1998) a metodologia se configura como o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, a qual se apresenta neste estudo a partir da realidade de escolas públicas estaduais de Pernambuco diante do trato pedagógico do conteúdo Luta nas aulas de Educação Física escolar. Realidade que nos leva a conhecer as características e as especificidades da sistematização deste conhecimento na escola. Ainda segundo Minayo (1998), isto se configura como pesquisa, por obter respostas a partir da realidade do mundo investigado, vinculando pensamento e ação.

Com isto, fizemos opção pelo delineamento da pesquisa qualitativa, ao realizar estudos bibliográficos, análise documental e pesquisa de campo. No primeiro delimitamos as categorias analíticas: currículo e sistematização do conteúdo Luta. No segundo a análise documental de propostas curriculares em níveis estaduais acerca do componente curricular Educação Física se estendendo à pesquisa de campo ao pretendermos analisar os programas de ensino de professores referentes ao conteúdo Luta e aos possíveis documentos fornecidos pelos professores da pesquisa. E por último a observação de aulas de Educação Física que sejam sobre o conteúdo Luta e a realização de entrevistas semi-estruturadas e, com base nas categorias empíricas: seleção, organização e sistematização do conteúdo Luta.

2.1 Tipo de Pesquisa

De acordo com Thomas *et al.*, (2007), a pesquisa é considerada um modo estruturado de se solucionar problemas. Esta se torna o principal meio para a produção do conhecimento, é através dela que se conhece o novo, se descobre o desconhecido, se encontra respostas para os questionamentos sobre determinado objeto de estudo (AMARAL, 2012). É por meio da pesquisa que solucionamos

inquietações que surgem tanto do meio acadêmico-científico como da própria realidade dos sujeitos e de seus pares.

Na Educação Física existem diferentes problemas de estudo e para cada tipo de problema existem diferentes tipos de pesquisa. Várias são as modalidades de pesquisa que se podem praticar o que implica coerência epistemológica, metodológica e técnica, para o seu adequado desenvolvimento (SEVERINO, 2007, p. 118). Assim, identificamos dois tipos de abordagens de métodos de pesquisa que são a qualitativa e a quantitativa. As diferentes abordagens, além de se diferenciarem pelas formas diversas de conceber e articular os elementos constitutivos da pesquisa, tais como as técnicas, os métodos, as teorias, os critérios de cientificidade, no campo da educação e, particularmente da Educação Física, diferenciam-se pelas concepções de homem que estão em jogo (GAMBOA, 1994).

Concepção de homem esta, que entende o homem como sujeito, síntese, ser histórico, social, que não pode ser fragmentado ou repartido. De acordo com Silva *et al.*, (2008) “a pesquisa qualitativa estuda os sujeitos, grupos e sociedades de maneira contextualizada, tendo como finalidade a interpretação dos significados de ações humanas, valores, crenças, mitos construídos culturalmente”.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1998, p. 21-22).

Para Chizzotti (2003), a pesquisa qualitativa tem como objetivo encontrar, a partir da interpretação do pesquisador, o sentido do fenômeno estudado, e interpretar o significado que as pessoas dão a ele. A partir do objeto de pesquisa o investigador através de seu caráter interpretativo, extrai da realidade pesquisada todo o significado visível ou oculto do seu objeto.

A pesquisa qualitativa tem o fim de criar um modelo de entendimento profundo de ligações entre elementos, isto é, de falar de uma ordem que é invisível ao olhar comum. Saliente-se ainda o termo processo, aqui particularmente rico, caracterizando o método qualitativo como aquele que quer entender como o objeto de estudo acontece ou se manifesta; e não aquele que almeja o produto, isto é, os resultados finais matematicamente trabalhados (TURATO, 2005, s. p).

Uma vez que, compreendemos a pesquisa qualitativa como possibilidade real de identificarmos e analisarmos os significados presentes no contexto social do ser humano como destaca Minayo (2004), fundamentando-nos em Neves (1996) percebemos que,

Os estudos qualitativos são feitos no local de origem dos dados; não impedem o pesquisador de empregar a lógica do empirismo científico (adequada para fenômenos claramente definidos), mas partem da suposição de que seja mais apropriado empregar a perspectiva da análise fenomenológica, quando se trata de fenômenos singulares e dotados de certo grau de ambiguidade (p. 1).

Para Neves (1996, p. 1), o desenvolvimento de um estudo de pesquisa qualitativa supõe um corte temporal-espacial de determinado fenômeno por parte do pesquisador. Este corte em nosso estudo se refere à Luta como um dos conhecimentos a serem tratados pedagogicamente nas aulas de Educação Física escolar, com ênfase nas escolas da rede pública de ensino do Estado de Pernambuco.

Ao ser realizada uma pesquisa, inúmeros questionamentos são elaborados pelos próprios pesquisadores, antes desta iniciar ou até mesmo surgindo durante sua realização, seja por meio de uma orientação, da busca pelo seu referencial teórico ou através da pesquisa de campo. Com isso a necessidade de dar conta dessas questões para poder encerrar as etapas da pesquisa frequentemente nos leva a um trabalho de reflexão em torno dos problemas enfrentados, erros cometidos, escolhas feitas e dificuldades descobertas (DUARTE, 2002, p. 140).

De tal modo, para responder nossos questionamentos, utilizamos como fonte de pesquisa, a literatura da educação e da Educação Física, os documentos oriundos de propostas curriculares estaduais, para situar a proposição estadual de Pernambuco e os da construção curricular do Estado de Pernambuco e dos professores na prática pedagógica. Na pesquisa de campo nos subsidiamos também da observação das aulas de Educação Física dos professores de Educação Física voltadas ao conteúdo Luta, em seguida da realização de entrevistas semi-estruturadas com professores de Educação Física desta rede de ensino, e por fim da análise documental de seus programas de ensino, pois segundo Kirk e Miller (1986), a pesquisa qualitativa deve ocorrer com os sujeitos em seu próprio território, aqui denominado de escola.

Este estudo na fase da pesquisa de campo se caracteriza como uma pesquisa do tipo observação participante, na qual o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades (SEVERINO, 2007, p. 120). Por meio do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, é recolhido às ações dos atores em seu contexto natural, a partir de sua perspectiva e seus pontos de vista (CHIZOZZOTTI, 1995, p. 90). Para isto, foi preciso que houvesse professores de Educação Física que tratassem pedagogicamente o conteúdo Luta em escolas da rede estadual de ensino de Pernambuco.

No entanto, poderia a partir deste critério, ser escolhida qualquer rede de ensino contanto que tivesse o conteúdo Luta presente, redes privadas, redes públicas municipais ou estaduais.

Desta forma, optamos pela rede pública estadual de ensino de Pernambuco, pois esta rede apresenta algumas particularidades que justificaram nossa escolha. Esta que tem como referencial curricular as OTMs.

O documento que subsidia a prática pedagógica dos professores de Educação Física foi elaborado a partir dos encontros de formação continuada do próprio Estado. Nestes encontros todos os professores presentes participam vivenciando os cinco conteúdos abordados na rede: a Ginástica, a Dança, a Luta, o Jogo e o Esporte, e isto contribui automaticamente na qualificação da prática pedagógica destes presentes no encontro e também dos demais que não estão presentes. Mas de que forma, já que no encontro nem todos os professores da rede estão presentes devido ao limite de vagas por encontro?

Em determinados casos alguns professores que participam do encontro representam uma coletividade, seja de sua escola ou do seu município. Os professores da rede pública estadual de ensino de Pernambuco são convidados pelos técnicos das GREs, com prioridade os professores que ainda não participaram em eventos anteriores. Ao retornarem aos seus locais de ensino estes terão como objetivo repassar o que foi tratado no encontro aos demais professores que não tiveram a oportunidade de ir.

Desta forma, todos os professores ao participarem da formação continuada ou não, tem a possibilidade do acesso ao que é tratado, como a Luta.

Alguns destes foram selecionados a partir de critérios e ficaram na incumbência de representar os demais professores de Educação Física da rede. Representar na forma de contribuir e elaborar a proposta curricular do Estado de Pernambuco juntamente com a Secretaria de Educação do Estado e de professores assessores e formadores vinculados a Universidade de Pernambuco e a própria rede pública de ensino.

Nesta construção, os conhecimentos relevantes não partiram apenas de livros ou do meio acadêmico-científico, mas também da própria realidade escolar do Estado. A partir das experiências dos próprios professores da rede.

Por estes motivos percebemos que a escolha pelos professores desta rede de ensino seja significativa, para compreender como ocorre o trato pedagógico do conteúdo Luta.

Na pesquisa participante, o pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os pesquisados. Passa a interagir com eles em todas as situações, acompanhando todas as ações praticadas pelos sujeitos (SEVERINO, 2007, p. 120).

Por meio de informações escritas, orais, gravadas, filmadas, Severino (2007), define que na pesquisa de campo o objeto de estudo é abordado em seu contexto original, o qual apresenta suas próprias características.

Com isso, a coleta dos dados é realizada nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador, ou seja, o pesquisador observa as manifestações dos sujeitos e as situações vividas, vai registrando descritivamente todos os elementos observados bem como as análises e considerações que fizer ao logo da participação (SEVERINO, 2007, p. 120).

Enfim, para Chizzotti (1995, p. 90), a observação participante visa uma descrição “fina” dos componentes de uma situação: os sujeitos em seus aspectos pessoais e particulares, o local e circunstâncias, o tempo e suas variações, as ações e significações, os conflitos e a sintonia de relações interpessoais e sociais, e as atitudes e os comportamentos diante da realidade.

2.2 Sujeitos da pesquisa

Na pesquisa qualitativa, todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas (CHIZZOTTI, 1995, p. 83). Por isso optamos por realizar esta pesquisa junto à professores de Educação Física da rede estadual de ensino de Pernambuco, por nesta rede de ensino haver uma proposta curricular denominada de OTMs que apresenta nortes teóricos e metodológicos para o trato pedagógico dos conhecimentos acerca da Luta.

Logo, para Thomas *et al.*, (2007, p. 300), “na pesquisa qualitativa, a seleção dos participantes é proposital, o que, em essência, significa que escolhemos a amostra a partir da qual podemos aprender mais”. Ou seja, como a construção das OTMs se deu também pelas experiências e acúmulo de conhecimento dos professores de Educação Física, conhecimentos estes oriundos da própria realidade do chão da escola pública. Nós no papel de pesquisadores, reconhecemos estes professores como sujeitos essenciais a este estudo.

Assim, estes professores foram definidos a partir dos critérios de inclusão e exclusão da pesquisa.

Como critérios de inclusão, teremos:

- Professores que sejam concursados e licenciados em Educação Física, garantindo assim a legitimidade e qualificação da formação acadêmica;
- Professores que pertençam à rede há pelo menos 04 (quatro) anos, por significar que estes tenham vínculo com a rede antes da consolidação das OTMs ou durante seu processo de construção e também relação com a Base Curricular Comum (BCC), proposta curricular do Estado de Pernambuco anterior as OTMs, que serviu como base para o referencial teórico do conteúdo Luta;
- Professores que não estejam afastados da escola por motivos de licença ou qualquer outro motivo;
- Professores que tratassem o conhecimento Luta como um dos conteúdos da Educação Física escolar;

- E que possuam programa de ensino para a Educação Física, em especial para o conteúdo Luta.
- Quando convidado, possa ceder a sua aula sobre o conteúdo Luta para a observação, registro e filmagem do pesquisador;
- Quando solicitado, possa contribuir com uma entrevista acerca do conteúdo Luta.

Como critério de exclusão, foi:

- Excluídos aqueles professores que durante qualquer etapa da pesquisa, esta já iniciado, tiverem que se afastar ou não desejarem mais participar.

2.3 Passos metodológicos da pesquisa de campo: a coleta de dados

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa intitulada: a prática pedagógica da Educação Física em diferentes segmentos escolares, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UPE em setembro de 2008 com Registro no Comitê de Ética em Pesquisa da UPE 139/08. Registro do Caae (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética): 0131.0.097.000-08.

No entanto, este intitulado o trato pedagógico do conteúdo Luta nas aulas de Educação Física em escolas da rede estadual de Pernambuco foi cadastrado na Plataforma Brasil seguindo seus critérios científicos e em seguida encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da UPE, para isto a carta de anuência (anexo 2) encontra-se em posse para os devidos encaminhamentos ao Comitê de Ética.

Essa pesquisa, em seguida foi submetida à avaliação do Comitê de Ética da Universidade de Pernambuco, sendo aprovada por meio do parecer consubstanciado de Nº 323.079.

Para Minayo (1998, p. 51), “o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo”. Diante deste argumento, reconhecemos a necessidade deste momento como essencial à pesquisa, para que novos encaminhamentos e

questionamentos surjam e assim revelem novas diretrizes para a compreensão do nosso objeto de estudo.

Para analisarmos o trato pedagógico do conteúdo Luta em aulas de EF de diferentes segmentos de escolarização na rede de ensino do Estado de Pernambuco, consideramos a pesquisa de campo o procedimento metodológico mais confiável e próximo da realidade que se encontra o objeto de estudo analisado.

A coleta de dados tem início no Programa de Formação Continuada de Professores de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco realizado no segundo semestre do ano de 2012, por meio do Seminário Regional. Neste encontro participaram 05 (cinco) das 17 (dezesete) Gerência Regionais de Educação - GRE do Estado de Pernambuco, sendo contempladas, a GRE Agreste Centro Norte, a GRE Mata Centro, a GRE Mata Norte, a GRE Sertão do Moxotó - Ipanema e a GRE Vale do Capibaribe.

Durante a realização deste encontro, ocorreu a primeira etapa da nossa coleta de dados. Pela utilização de um questionário exploratório com perguntas abertas e fechadas (Apêndice 1), no intuito de identificarmos os professores e o quantitativo destes que: tratam o conteúdo Luta, que se utilizam de programa de ensino para o conteúdo Luta, que conhecem ou participaram da elaboração das OTMs, que se utilizam desta proposta curricular ou de outra referência curricular, em qual segmento escolar atua, e por fim, se estaria disposto a contribuir futuramente em outras etapas desta pesquisa, como ceder suas aulas sobre o eixo temático Luta para observações e também conceder entrevistas.

No primeiro dia da Formação Continuada, foi exposto aos professores presentes que esta pesquisa e outras em nível de mestrado ocorreriam durante o Seminário. Assim, o questionário exploratório desta pesquisa intitulado de o trato pedagógico do conteúdo Luta nas aulas de Educação Física em escolas da rede estadual de Pernambuco, foi aplicado no término das 05 (cinco) oficinas de Luta e Texto Didático. Aplicado pelo próprio pesquisador e outros professores com afinidade aos temas abordados na oficina, dentre estes professores vinculados ao Grupo de Pesquisa ETHNÓS. Vale ressaltar que, todos os professores da rede estadual de ensino participaram não só dessa, mas de todas as outras 04 (quatro) oficinas (Ginástica e Alunos com Necessidades Especiais; Dança e Saúde; Jogo e Programa de Ensino; e Esporte e Projetos de Pesquisa), que aconteciam

simultaneamente a esta, numa forma de rodízio, ou seja, a cada turno os professores participavam de uma oficina.

Após a aplicação dos questionários, foram coletados 110 (cento e dez) instrumentos, porém o número total de professores que participaram do Seminário foi maior que este, pois a própria Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco (SEDUC-PE) disponibilizou 175 (cento e setenta e cinco) vagas para este que foi/seria o primeiro evento do ano de 2012, porém se tornou o único já que os outros 02 (dois) foram cancelados por questões contratuais entre a SEDUC-PE e o local de realização dos Seminários. Assim, alguns professores durante o Seminário não quiseram participar desta primeira etapa da pesquisa por diversos fatores.

No entanto, a partir dos que participaram, identificamos como mencionados anteriormente, um total de 110 (cento e dez) professores que responderam e devolveram os questionários. Logo, houve professores representantes das 05 (cinco) GRE presentes, o que fez contemplar as diferentes regiões do Estado de Pernambuco, já que estas GRE são formadas por cidades do litoral ao sertão.

Em seguida, em posse dos questionários, aplicamos os critérios de inclusão dos sujeitos, estabelecidos anteriormente à fase de aplicação dos questionários exploratórios, que se encontram no apêndice 1.

Assim, com os critérios pré-estabelecidos, identificamos um total de 26 (vinte e oito) professores que correspondiam a esta fase da pesquisa, que podem ser identificados por suas GRE como consta no quadro abaixo.

GRE	Quantitativo de professores após a aplicação dos critérios da pesquisa
Agreste Centro Norte	13
Mata Centro	13
Total	26

Quadro 02 – Quantitativo de professores incluídos na pesquisa após a 1^o fase de coleta de dados – aplicação dos questionários.

A partir disto, demos início à segunda fase da coleta de dados correspondente ao contato com os professores que se aproximaram com a realidade da pesquisa e com o objeto de estudo a ser tratado nesta.

Esse novo contato ocorreu através do envio de *emails* a todos os professores que constavam nessa nova lista. Vale salientar que na aplicação dos questionários, os professores foram informados que estariam sujeitos a receberem um email como

forma de contato, referente à continuidade da pesquisa. O conteúdo do email continha informações que ressaltavam o intuito da pesquisa e a disponibilidade e confirmação destes professores para uma nova etapa, referente à observação de suas aulas acerca do conteúdo Luta que aconteceriam no 1º semestre do ano de 2013, especificamente na 2º unidade didática, na qual o conteúdo Luta está legalmente presente, segundo a proposta curricular do Estado de Pernambuco, a OTMs, juntamente com o conteúdo dança que o antecede.

O conteúdo ainda tinha informe acerca da disponibilidade dos professores em ceder uma cópia dos seus programas de ensino, assim como, da autorização para durante a observação, que houvesse a filmagem das aulas.

Após o envio do *email* aguardamos um prazo de 01 (um) mês pelo retorno dos professores com suas respectivas respostas. No entanto, ao término deste prazo, apenas 02 (dois) professores responderam nosso contato e se disponibilizaram a participar e contribuir com o decorrer dos estudos. Já os demais professores que não responderam ao *email* ficaram a partir deste momento impossibilitados em continuar como sujeitos da pesquisa.

Apesar de o Seminário ter recebido professores de 05 (cinco) diferentes GRE, estes 02 (dois) que confirmaram sua participação estão locados em escolas da GRE Mata Centro com sede em Vitória de Santo Antão, interior do Estado de Pernambuco, porém em municípios distintos e distantes um do outro.

Tomada as decisões a serem realizadas posteriormente, os professores foram procurados em suas respectivas escolas e antes do início das aulas, por meio de uma visita, pela qual a direção das escolas e os pais dos alunos foram informados sobre a pesquisa, sobre suas particularidades e acerca dos fins que esta tomaria. Nesse primeiro contato foram apresentados os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que garantem a legalidade da pesquisa frente às considerações éticas de uma pesquisa com seres humanos. Os mesmos foram respondidos e assinados, pelos pesquisadores e pelo professor participante da pesquisa. Tendo a direção recebido uma cópia do parecer consubstanciado do Comitê de Ética.

Ao chegar na 2º unidade didática, nas aulas destinadas ao conteúdo Luta, foi organizado junto aos dois professores da pesquisa, os dias e horários para observação e filmagem das aulas.

A observação das aulas de Educação Física escolar para o conteúdo Luta foi realizada através de um roteiro de observação (apêndice 3). A qual, segundo Marconi e Lakatos (2010), caracteriza-se como uma técnica de coleta de dados utilizada para conseguir informações por meio dos sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. A observação nos permitiu compreender em lócus como o conteúdo Luta é tratado pedagogicamente pelos professores e como os alunos o vivenciam. Esta observação apenas contou com o registro das aulas sem que houvesse a necessidade de intervenção do pesquisador.

O registro dos dados pode ocorrer no ato, observando-se diretamente, no momento em que ocorrem. Deste modo, pode-se observar os eventos no contexto em que se dão e observar a relação com outros atos e as circunstâncias que influenciaram a sua ocorrência, e permitir uma análise mais compreensiva dos dados (CHIZZOTTI, 1995, p. 53).

Com isso, utilizamos os seguintes instrumentos de coleta de informações: diário de campo e filmadora para filmagem digital, por acreditarmos serem os mais coerentes com nossa investigação. A escolha e utilização da observação ocorreram no intuito de registrarmos e conseqüentemente analisarmos as características que emergem deste momento da prática pedagógica.

Assim os dias e horários ficaram definidos da seguinte forma. Para o PF1, temos o seguinte quadro de aulas do conteúdo Luta para o II bimestre, que foi disponibilizado pelo próprio professor, no qual cada hora/aula equivale há 50 minutos.

DATA	EIXO TEMÁTICO	CONTEÚDO	TIPO DE AULA
1º e 2º anos			
07/05	Lutas (contexto geral)	Histórico e Evolução das Lutas.	Teórica
14/05	Lutas (contexto geral)	Jogos de Combate (lutas lúdicas).	Prática
21/05	Lutas (capoeira)	Histórico, Evolução e movimentos básicos da capoeira.	Teórica
28/05	Lutas (capoeira)	Movimentos básicos da capoeira (jogo na roda).	Prática
04/06	Lutas (judô)	Histórico e Evolução do Judô.	Teórica
11/06	Lutas (judô)	Movimentos básicos do judô Ukemis (técnicas de queda) Nage Waza (técnicas básicas de projeção: o soso gari, o uchi gari, o goshi, koshi guruma) Osae Komi Waza (técnicas de controle no solo)	Prática

Quadro 03 – Distribuição dos dias e seus respectivos conteúdos para o trato da Luta. Este quadro foi elaborado pelo professor PF1 para ser aplicado nas turmas de 1º e 2º anos, sendo de sua autoria.

O acesso ao cronograma das aulas nos permitiu identificar os dias de aula e as turmas que o professor lecionava. Houve assim a definição de quais turmas seriam acompanhadas de acordo com o dia (s) que o professor tivesse mais aulas a lecionar, ampliando desta forma o número de aulas a serem observadas. Vale ressaltar neste momento que, o PF1 apenas leciona aulas de Educação Física nesta escola, para turmas de 1º e 2º anos, estando às turmas de 3º ano sob a responsabilidade de uma professora da escola. As turmas observadas pelo pesquisador foram 05 (cinco) turmas diferentes, sendo 03 (três) turmas de 1º ano e 02 (duas) turmas de 2º ano, que tinham aula no mesmo dia. Cada turma no ensino médio desta escola tem apenas 01 (uma) aula de Educação Física por semana, no entanto não encontramos qualquer justificativa para isto.

Para o PF2 temos o seguinte quadro referente a 02 (duas) turmas diferentes, uma turma de 1º ano e uma turma de 3º ano, respectivamente. Diferentemente da escola do PF1, nesta outra as turmas do ensino médio tem 02 (duas) aulas semanais para a aprendizagem dos conhecimentos da Educação Física escolar. Porém, elas acontecem de forma geminada.

A partir da solicitação dos cronogramas ao PF2, pudemos observar quando aconteceriam as aulas e o que seria abordado.

DATA	EIXO TEMÁTICO	CONTEÚDO	TIPO DE AULA
1º ano			
15/05	Luta (capoeira e judô)	Capoeira: Histórico, tipos (regional e angola), instrumentos, cordas, musicalidade. Judô: Histórico, técnicas, graduação, regras.	Teórica
22/05	Luta (capoeira e judô)	Capoeira e judô (exercícios)	Teórica
29/05	Luta (capoeira e judô)	Avaliação	Teórica
3º ano			
20/05	Luta (conhecimento da cultura corporal)	Compilação de diferentes modalidades de lutas	Teórica
27/05	Luta (conhecimento da cultura corporal)	Compilação de diferentes modalidades de lutas	Teórica
03/06	Luta (conhecimento da cultura corporal)	Avaliação	Teórica

Quadro 04 – Distribuição dos dias e seus respectivos conteúdos para o trato da Luta⁷.

Como podemos observar as turmas nas quais ambos os professores lecionam são turmas referentes ao ensino médio. O PF1 trabalha numa escola que está em processo de se tornar uma escola integral, tendo já iniciado com as séries iniciais do ensino fundamental II, este processo de construção. Quanto à escola do PF2, a mesma já é uma escola integral, também conhecida como escola de referência do Estado de Pernambuco. Desta forma, resultou na pesquisa que as aulas que foram observadas seriam apenas para turmas de ensino médio.

Após a definição das datas, foram solicitados aos professores PF1 e PF2 seus respectivos programas de ensino (anexo 3 e 4) referentes ao conteúdo Luta, para conhecimento do pesquisador e análise do mesmo, como um dos materiais a serem analisados na pesquisa. Em posse dos programas de ensino teve início a realização de uma análise documental dos planejamentos e programas de ensino dos professores, que para Severino (2007, p. 123) ocorre quando, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise. Ainda na coleta de documentos utilizados pelos professores em sua prática pedagógica, tivemos acesso e recebemos vídeos que os professores utilizam em sala de aula e textos didáticos sobre boxe (anexo 5), muay thai (anexo 6), capoeira (anexo 7), judô (anexo 8) e kung fu (anexo 9). Os textos didáticos são de autoria e foram cedidos pelo PF2.

Ao início das aulas referentes ao eixo temático Luta, ocorreram as observações e filmagens. Com base no cronograma fornecido pelos professores, tínhamos o intuito de frequentar todas as aulas, ou seja, toda a unidade didática. Porém, não foi o que aconteceu. Na escola do PF1, em 03 (três) dias não teve aula. Os motivos foram: num dia ocorreu a aplicação de uma prova para a Olimpíada Brasileira de Matemática (OBM), noutro a escola estava interditada para reforma, por causa das chuvas, e por fim, num dia o professor não pôde ir por motivos familiares. Já nas aulas do PF2, em dois dias não ocorreram aulas, um dos motivos foi que como já estava próximo do término do 2º semestre e conseqüentemente da

⁷ Este quadro foi adaptado pelo pesquisador a partir das informações fornecidas pelo PF2, dos conteúdos a serem tratados nas turmas de 1º ano e 3º ano.

realização das festas juninas da escola, o professor disponibilizou um dos dias para os alunos ensaiarem uma coreografia para ser apresentada na festa de São João da escola. E outro dia que aconteceria as 02 (duas) últimas aulas de acordo com o cronograma, chocou com a semana de provas da escola, acontecendo no dia da aula de Educação Física uma avaliação escrita de outro componente curricular.

Logo, apresentamos o quadro abaixo com o total de aulas observadas e o tempo de filmagem.

Aulas PF1			Aulas PF2		
Turma	Número de aulas	Tempo de filmagem para cada aula	Turma	Número de aulas	Tempo de filmagem para cada aula
1º A	3	1º - 41 min. 2º - 37 min. e 05 seg. 3º - 35 min. e 22 seg.	1º D	2	1º e 2º - 50 min. e 16 seg.
1º B	3	1º - 40 min. 2 36 seg. 2º - 35 min. e 04 seg. 3º - 33 min. e 40 seg.	3º C	2	1º e 2º - 51 min. e 46 seg.
1º C	3	1º - 22 min. 12 seg. 2º - 35 min. e 04 seg. 3º - 33 min. e 40 seg.			
2º A	3	1º -39 min. 45 seg. 2º - 35 min. e 51 seg. 3º - 32 min. e 39 seg.			
2º B	3	1º - 38 min. e 37 seg. 2º - 34 min. e 54 seg. 3º - 35 min. e 22 seg.			

Quadro 05 – Identificação das turmas observadas, o número de aulas e o tempo total de filmagem para cada turma.

O não cumprimento da carga horária destinada ao conteúdo Luta, resultou numa defasagem de conhecimento para os alunos. Percebe-se que em ambas as escolas, ocorreram contratemplos e imprevistos de diversas instâncias para a continuidade e conclusão do planejamento. O PF1 ainda se disponibilizou em repor as aulas que não aconteceram, no entanto, ao término da 2º unidade didática, houve o recesso escolar, e na volta às aulas o professor tinha o intuito de realizar esta reposição de aulas imediatamente, porém estava iniciando a 3º unidade didática, o que resultaria num choque de conteúdos. Com o passar do tempo e com o material que já tínhamos em posse, nos sentimos contemplados quanto à problematização da pesquisa. Então comunicamos ao PF1 que nosso objetivo a partir das visitas já havia apresentado dados consideráveis para o término desta etapa do estudo.

Em todas as aulas de ambos os professores, além de observar e filmar, o pesquisador tinha em sua posse um diário de campo, o qual para Minayo (1998) é o principal instrumento de trabalho utilizado para registrar o que acontece durante a observação numa pesquisa qualitativa. Neste, foram registrados tudo o que se passava em sala de aula, no decorrer do trato pedagógico do conteúdo Luta, com ênfase maior na sua sistematização pelo professor.

Após o recolhimento dos programas de ensino dos professores, seguido da realização das observações e filmagens das aulas citadas anteriormente, agendamos com os professores, PF1 e PF2 um dia e horário disponíveis para a finalização da pesquisa de campo, que se daria por meio da aplicação das entrevistas. A opção pela aplicação das entrevistas após a análise dos programas de ensino e das observações se deu pelo fato do amadurecimento qualitativo do nosso objeto de estudo, após diferentes investigações na literatura, na análise documental e nos primeiros momentos da pesquisa de campo. E das mesmas serem apenas com os PF1 e PF2 foi pelo fato de apenas estes professores terem se adequados aos critérios de inclusão estabelecidos na pesquisa.

Com base em Severino (2007, p. 124), optamos também pela entrevista por esta se configurar como uma técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. Trata-se, portanto de uma interação entre pesquisador, pesquisado e objeto de estudo. Dentre os diferentes tipos de entrevistas, optamos pela entrevista semi-estruturada (apêndice 2), a qual para Triviños (1987), tem como característica questionamentos básicos apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa, resultando novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos sujeitos.

Nosso roteiro de entrevista contém questionamentos relacionados às nossas categorias analíticas que são currículo e sistematização do conteúdo Luta, relacionadas ao nosso objeto de estudo que é o trato pedagógico do conteúdo Luta na Educação Física escolar da rede estadual de ensino de Pernambuco. A escolha por este tipo de entrevista se deu pelo fato dela poder fazer emergir informações de forma mais livre, pelo fato das respostas não serem condicionadas a uma padronização de alternativas (MANZINI, 1991). Assim, como da possibilidade de fazer outras perguntas durante a entrevista na tentativa de compreender informações momentâneas à entrevista e que sejam pertinentes ao estudo.

Ao agendarmos com os professores o dia, o horário e local, foram realizados as entrevistas. Ambos os professores optaram pela realização da entrevista na própria escola que trabalham. Assim apresentamos o quadro a seguir.

Entrevistas			
Professores	Data	Local	Tempo de duração
PF1	20/06/2013	Escola onde está lotado.	49 min. e 44 seg.
PF2	12/06/2013	Escola onde está lotado.	59 min. e 07 seg.

Quadro 06 – Dados primários acerca das entrevistas.

Após as entrevistas, que foram à última etapa da fase de campo, damos início à fase de análise dos dados da pesquisa referentes à análise documental e a pesquisa de campo.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

Os dados desta pesquisa foram analisados a partir da análise de conteúdo categorial por temática, que segundo Souza Júnior *et al.*, (2010) e Bardin (2011), consiste num recurso técnico para análise de dados, provenientes de mensagens escritas ou transcritas, dividindo-se em três etapas: a pré-análise que corresponde a um período de intuições com objetivo de tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, a exploração e análise do material que consiste em codificar, decompor ou enumerar o texto em questão desmembrando-o em categorias e por último o tratamento dos dados interpretados, ou seja a inferência por parte do pesquisador. Como podemos observar no Quadro 07.

ETAPAS	INTENÇÕES	AÇÕES
1ª etapa: Pré-análise	<ul style="list-style-type: none"> Retomada do objeto e objetivos da pesquisa; Escolha inicial dos documentos; Construção inicial de indicadores para a análise: definição de unidades de registro - palavras-chave ou frases; e de unidade de contexto – delimitação do contexto (se necessário); 	<ul style="list-style-type: none"> Leitura flutuante: primeiro contato com os textos, captando o conteúdo genericamente, sem maiores preocupações técnicas; Constituição do corpus: seguir normas de validade: <ol style="list-style-type: none"> Exaustividade - dar conta do roteiro; Representatividade - dar conta do universo pretendido; Homogeneidade - coerência interna de temas, técnicas e interlocutores; Pertinência - adequação ao objeto e objetivos do estudo.
2ª etapa: Exploração do material	<ul style="list-style-type: none"> Referenciação dos índices e a elaboração de indicadores - recortes do texto e categorização; Preparação e exploração do material - alinhamento; 	<ul style="list-style-type: none"> Desmembramento do texto em unidades/categorias - inventário (isolamento dos elementos); Reagrupamento por categorias para análise posterior - classificação (organização das mensagens a partir dos elementos repartidos)
3ª etapa: Tratamento dos dados e interpretação	<ul style="list-style-type: none"> Interpretações dos dados brutos (falantes); Estabelecimento de 	<ul style="list-style-type: none"> Inferências com uma abordagem variante/qualitativa, trabalhando com significações em lugar de inferências estatísticas.

	quadros de resultados, pondo em relevo as informações fornecidas pelas análises;	
--	--	--

Quadro 07 – Etapas da análise de conteúdo (SOUZA JÚNIOR et al, 2010).

Conforme Minayo (1998, p. 70), as categorias podem ser estabelecidas antes do trabalho de campo, na fase exploratória da pesquisa, ou a partir da coleta de dados. Estas categorias podem ser classificadas como analíticas que correspondem ao marco da pesquisa e as categorias empíricas com finalidade operacional, voltadas ao campo. No intuito de compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas (CHIZZOTTI, 1995, p.98), que elaboramos os indicadores de conteúdo (QUADRO 08), que expressa o que desejamos investigar e como estes se expressam neste estudo (SOUZA JÚNIOR et al, 2010, p. 35).

ELEMENTO CENTRAL	Trato pedagógico do conteúdo Luta na Educação Física escolar da rede estadual de ensino de Pernambuco.
OPERACIONALIZAÇÃO	Tratamento dado ao conteúdo Luta para sua materialização (seleção, organização e sistematização).
CATEGORIAS ANALÍTICAS	Currículo e sistematização do conteúdo Luta.
CATEGORIAS EMPÍRICAS	Seleção, Organização e Sistematização do conteúdo Luta.
PONTOS DE ORIENTAÇÃO PARA INVESTIGAÇÃO	Como ocorre a seleção, organização e sistematização do conteúdo Luta pelos professores? Quais modalidades de lutas são vivenciadas? Quais dificuldades surgem no trato do conteúdo Luta em aulas de Educação Física escolar? Como o professor se instrumentaliza para sua práxis a partir das OTMs? Quais fenômenos repercutem diretamente ou não no trato da Luta na escola?

Quadro 08 - Indicadores para análise de conteúdo

Optamos em dar início com a análise documental das propostas curriculares estaduais do Brasil e logo após com as de Pernambuco que resultaram nas OTMs por assim compreendermos uma lógica interna no objeto de estudo.

CAPÍTULO IV

CONTEÚDO LUTA NAS PROPOSTAS CURRICULARES ESTADUAIS DO BRASIL

Adentramos agora na análise dos dados coletados a partir das leituras das propostas curriculares estaduais, por meio de uma análise documental nos utilizando da análise de conteúdo para tratamento dos dados existentes. Como forma de auxiliar a análise, elaboramos um quadro norteador com unidades de codificação/categorização de registro e unidades de contexto.

PROPOSTAS CURRICULARES ESTADUAIS		LUTA
CATEGORIAS		
SELEÇÃO		
Unidades de contexto	Unidades de registro	
PRESENÇA DA LUTA	Conteúdo específico da EF	
	Modalidades de Luta: capoeira, judô, caratê	
CONCEPÇÃO	Prática corporal	
	Disputas para subjugar o outro/combate corpo-a-corpo	
HISTÓRICO	Primórdios da humanidade	
	Evolução da Luta /humanidade	
FUNDAMENTOS	Ataque	
	Defesa	
	Controle	
TIPOS DE LUTAS	Judô, luta olímpica, jiu-jitsu, sumô	
	Karatê, boxe, muay thai, taekwondo.	
	Esgrima, kendô.	
REFERÊNCIAS	Artigos científicos	
	Livros específicos da Educação Física	
	PCNs	
ORGANIZAÇÃO		
NOMENCLATURA	Luta	
	Lutas	
	Artes marciais	
CLASSIFICAÇÃO DAS LUTAS	Lutas de distância	
	Lutas de corpo/aproximação	
	Lutas com instrumento mediador	
INSERÇÃO NOS NÍVEIS DE ESCOLARIZAÇÃO	Educação infantil	
	Ensino fundamental	
	Ensino médio	
ANOS ESCOLARES	Uso do conteúdo	
SISTEMATIZAÇÃO		
OBJETIVO ESPECÍFICO PARA O ENSINO DA LUTA	Reconhecer como um elemento da cultura corporal	
	Conhecer aspectos históricos e	

	sociais	
	Compreender sua evolução	
	Vivenciar diferentes estilos	
	Executar movimentos	
ELEMENTOS TRABALHADOS	Princípios gerais das lutas	
	História	
	Fundamentos das lutas/movimentos básicos	
	Tipos de lutas	
	Diferenciar a Luta da briga	
	Jogos de oposição	
	Filosofia	
	Técnicas e táticas	
	MÉTODO DE ENSINO ESPECÍFICO	Realização de jogos e brincadeiras
Vídeos		
Visita a locais de prática da Luta		
Pesquisa		
AValiação	Não se apresenta	

Quadro 09: Identificação das unidades de contexto e de registro das propostas curriculares estaduais.

4.1 A presença e/ou ausência do conteúdo Luta nas propostas

A partir da categoria empírica que se refere à presença da Luta, identificamos que a mesma está presente na maioria das propostas, exceto em duas: Santa Catarina e Alagoas. Estas não justificam tal ausência, no entanto, a primeira diz que os temas jogo e esporte serão abordados de forma a constituir uma influência basilar para os demais: ginástica e dança. Nesse sentido, percebemos que há supremacia de uns conteúdos em detrimento de outros, consideramos este um fato negativo, pois assim como outras representações constituintes da cultura corporal, a Luta é uma manifestação importante e também deve ser tratada pedagogicamente (RUFINO e DARIDO, 2011).

Portanto, ao apresentar um conteúdo a ser tratado na Educação Física, não se pode desconsiderar outros que de maneira particular, também são importantes do ponto de vista histórico cultural e socialmente, pois de alguma maneira estão presentes no cotidiano dos alunos. Tendo o conhecimento da Luta e a vivência de suas práticas, os alunos estarão tendo contato com uma parte da cultura que foi/é tão importante para a compreensão de aspectos relevantes da humanidade.

Uma observação que não podemos deixar de trazer aqui é em relação ao

lugar ao qual a Luta é posto em algumas propostas curriculares. Na proposta de Minas Gerais (s.d.), a Luta não pertence a um eixo temático próprio. É apresentada apenas a capoeira (nas dimensões: jogo, dança e Luta) no eixo temático jogo, é um elemento obrigatório a ser trabalhado. Sendo também apresentada na proposta, outras modalidades de Luta, como elementos da cultura oriental: caratê, muay thay, kung fu, aikido, tae kwon do, tai chi chuan, ioga, estando presentes no eixo temático de ginástica, como elementos que não são obrigatórios. Criticar a falta de um eixo temático próprio para a Luta é necessário, pois estando presente em um eixo próprio, haverá maior espaço para se tratar de suas particularidades podendo contribuir para que a Luta seja valorizada e entendida como um conteúdo relevante para se tratar na Educação Física. Então não basta estar presente na proposta, deve também ser entendida como fenômeno sócio cultural.

Esta ausência de um eixo temático próprio para a Luta na proposta de Minas Gerais poderia ser considerada como uma desvalorização da Luta como conteúdo para a Educação Física, mas ao tratar a capoeira como um elemento obrigatório, a proposta fala que seja qual for a categorização que se dê à capoeira, não se pode negar que é uma prática corporal viva em nosso país, carregada de simbologias, conhecimentos e histórias. Por isso mesmo, legítima de ser analisada, compreendida e vivenciada. Assim entendemos que a proposta do estado de Minas Gerais, valoriza a capoeira por tratar-se de um elemento que apresenta grande importância histórico-cultural para o Brasil, pois segundo Vieira e Assunção (2008), “passou a ser vista como folclore exótico, digno de preservação e matriz e uma Luta genuinamente brasileira”. Isso pode justificar a presença da capoeira como única Luta obrigatória, mesmo estando no eixo temático jogo. Interessante que apesar da valorização da cultura genuinamente brasileira (a capoeira), também traz a possibilidade de serem tratadas as lutas que fazem parte da cultura de outros países, neste caso a cultura oriental.

Então em relação à presença da Luta nas propostas curriculares, podemos identificar que pelo fato da mesma aparecer na maioria das propostas analisadas, ou seja, em dezessete delas: Acre, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rondônia, São Paulo, Sergipe, a Luta está traçando um bom caminho para conquistar seus espaços diante dos outros conteúdos, que muitas vezes são hegemônicos nas aulas de Educação Física. Lembrando que não

basta à Luta estar presente na proposta curricular dos estados e ser tratada superficialmente, pois assim estará negligenciando o valor histórico que a Luta carrega, é preciso que tanto este conhecimento como os demais recebam uma atenção com qualidade.

4.2 Compreensão dos conceitos acerca da Luta

Tratando-se agora da categoria empírica para a compreensão do conceito que as propostas curriculares apresentam para a Luta, identificamos que elas se aproximam, visto que a maioria das propostas, treze no total: Acre, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rondônia e Sergipe, trata o conceito de Luta tomando como base os parâmetros curriculares nacionais (PCNs), os quais a conceituam como disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), mediante técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusões, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa (PCNs, 1998). Os PCNs são documentos, nos quais as propostas curriculares buscaram apoio. Já as propostas de Alagoas, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e São Paulo não apresentam um conceito para a Luta. Diferentemente do documento do Estado do Tocantins que define a Luta a partir de concepções próprias.

São atividades que combinam ações de ataque e defesa, levando o aluno a possuir domínio de si mesmo e de seus oponentes de forma segura e eficiente, adotando procedimentos de prevenção de incidentes e correção postural, valorizando regras de comportamento e atitudes (TOCANTINS, 2009, p. 97).

Classificamos a seguir as propostas curriculares que utilizam o conceito de Luta a partir dos PCNs: Acre (2010); Distrito Federal; Espírito Santo; Goiás (2007); Maranhão; Mato Grosso; Mato Grosso do Sul. Paraíba (2010); Pernambuco; Rondônia; Rio Grande do Sul (2009); Rio de Janeiro e Sergipe (2007).

Outras propostas curriculares como, por exemplo, Paraná (2008), Minas Gerais, São Paulo e Tocantins (2009), apresentam o conceito diferente dos PCNs ou

simplesmente não trazem concepções da Luta. Já as OTMs, um dos documentos norteadores do nosso estudo baseiam-se além nos PCNs, também no Dicionário da Educação Física, pois inclui elementos presentes neste.

Por exemplo, na proposta curricular de São Paulo não é apresentado diretamente um conceito para a Luta, mesmo o documento defendendo que na Educação Física escolar devem ser trabalhados grandes eixos de conteúdos, resumidos e expressos no jogo, no esporte, na ginástica, na Luta e na atividade rítmica. Ocasionalmente uma fragilidade na compreensão do conteúdo, do ponto mais básico que é o entendimento do seu conceito (SÃO PAULO, 2008).

A proposta curricular do Paraná, como dito anteriormente, não apresenta o conteúdo de Luta baseado nos PCNs, porém também não traz um conceito próprio para a mesma, pois apenas exhibe outros elementos para a compreensão da Luta, como, por exemplo, sua origem, suas características ou como devem ser abordadas (PARANÁ, 2008). No entanto, o fato desta proposta ter sido construída com a participação dos professores da rede estadual do Paraná, assim como as OTMs do Estado de Pernambuco, sendo um diferencial no Brasil, pode ser um estímulo para numa nova oportunidade a elaboração de um conceito para a Luta o que torna mais claro seu entendimento.

A proposta curricular de Tocantins (2009), que também traz um conceito próprio para a Luta, apresenta-o como atividades que combinam ações de ataque e defesa, levando o aluno a possuir domínio de si mesmo e de seus oponentes de forma segura e eficiente, adotando procedimentos de prevenção de incidentes e correção postural, valorizando regras de comportamento e atitudes (TOCANTINS, 2009). Percebemos neste a existência de um viés diferente dos demais para a Luta ao relacioná-la com aspectos da saúde do corpo e de conduta.

A proposta de Minas Gerais, não apresenta um conceito geral para a Luta. Mas apresenta um conceito para a capoeira, afirmando que a mesma remonta às origens da manifestação e expressa por meio de golpes desequilibrantes, traumáticos, acrobáticos, uma alternância de ataques e defesas (MINAS GERAIS, s.d.). O fato de ser estudada a capoeira, mesmo com toda sua importância para a sociedade brasileira, ao invés do conhecimento partir do mais amplo da Luta até chegar ao mais específico, causa uma sobreposição de conteúdo, o que pode resultar numa má formação de conceitos e entendimentos por parte dos estudantes

ao se depararem inicialmente com uma modalidade de Luta ao contrário do fenômeno em si.

Podemos então ratificar a importância de confrontar os conceitos de Luta abordados em cada uma das propostas curriculares analisadas, compreendendo quais são os sentidos/significados atribuídos à Luta em cada um desses Estados. Ao comparar os conceitos aqui dispostos pelas propostas, encontramos muitas aproximações, até porque em sua maioria são baseados no conceito dos PCNs, entretanto, existem propostas que apresentam um conceito próprio.

Diante disso, identificamos que mesmo partindo de bases teóricas distintas para se conceituar a Luta, não há tanta discrepância entre seus conceitos, isso porque as características fundamentais da Luta estão presentes neles. Uma vez que hoje as lutas em grande maioria se apresentam como sistemas de conhecimentos perpassados por uma regularidade fundamental, ou seja, elas envolvem sempre a situação básica das ações/categorias fundamentais como atacar, defender e controlar (PIO, 2010). Estas ações/categorias estão presentes nesses conceitos, por exemplo, nas propostas curriculares de Minas Gerais, Tocantins (2009, p. 97), Distrito Federal; Sergipe; Maranhão (2009); Pernambuco; Rondônia; Acre; Rio de Janeiro (2010); Espírito Santo; Rio Grande do Sul (2009); Paraíba (2010); Goiás (2007); Mato Grosso; Mato Grosso do Sul (2007). É evidente que nessas ações/categorias apresentam-se suas especificidades, sendo trabalhadas de acordo com a prática exercida dentro de cada contexto.

4.3 Ocorrência da Luta nos níveis de escolarização

Em relação à categoria empírica que trata os níveis de escolarização, foi investigada em quais anos de ensino a Luta está presente nas propostas curriculares. Identificamos que a Luta em algumas propostas não é tratada em todos os níveis, como ocorre nas propostas curriculares do Acre (2010); Distrito Federal (s,d); Goiás (2007); Minas Gerais (s,d); Rio de Janeiro (2010); Rio Grande do Sul (2009); Rondônia; Sergipe (2007); e Tocantins (s,d).

O quadro abaixo pode facilitar a visualização da presença da Luta nos níveis de escolarização:

Região	Proposta	Presença da Luta em níveis de escolarização		
		1º ao 4º ano	5º ao 8º ano	Ensino Médio
Centro-oeste	Distrito Federal	-	X	-
	Goiás (2007)	-	X	-
	Mato Grosso	X	X	X
	Mato Grosso do Sul (2009)	X	X	X
Nordeste	Alagoas	-	-	-
	Maranhão (2009)	X	X	-
	Paraíba (2010)	X	X	-
	Pernambuco (2010)	X	X	X
	Sergipe (2007)	-	X	X
Norte	Acre (2010)	-	X	X
	Rondônia	X	X	-
	Tocantins (2009)	-	X	-
Sudeste	Espírito Santo	X	-	-
	Minas Gerais	-	X	-
	Rio de Janeiro (2010)	-	-	X
	São Paulo (2010)	-	X	X
Sul	Paraná (2008)	-	X	-
	Rio Grande do Sul (2009)	-	X	-
	Santa Catarina	-	-	-

Quadro 10: Níveis/anos de escolarização que a Luta está presente.

Percebemos uma maior incidência da Luta no ensino fundamental 2 estando presente em 15 das 19 propostas analisadas, e no ensino médio em 7 das 19 propostas em detrimento de sua frequência no ensino fundamental 1, onde a Luta se encontra em apenas 7 propostas do total. Através desse contexto, podemos levar em consideração o que trazem os parâmetros curriculares nacionais, ao falar que o trabalho nas séries finais do ensino fundamental é muito relevante, pois pode possibilitar uma maior ampliação da visão sobre a cultura corporal de movimento (PCNs, 1998). Destacamos que possivelmente a baixa frequência no ensino médio seja decorrente de diversos fatores, como por exemplo, das cobranças e exigências dos processos seletivos que se aproximam e são característicos deste nível de

escolarização, como por exemplo, o vestibular. Aspecto que pode aos poucos ser alterado com a presença de questões acerca do componente curricular Educação Física no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). No entanto, para o entendimento do aluno e para a valorização dos conteúdos da Educação Física no ensino fundamental, carece de um trato teórico e metodológico não apenas nos anos finais do ensino fundamental, mas em todo este segmento escolar, assim como no ensino médio ampliando os momentos de aprendizagem do aluno com esse conhecimento.

4.4 Organização do conteúdo Luta nas propostas

Partimos agora para a categoria que trata da organização do conteúdo Luta. Na proposta de Sergipe (2007), o conteúdo Luta é tratado no 5º ano do ensino fundamental seguindo até o 9º ano. A partir daí a Luta é abordada sempre em uma unidade, sendo dois tipos de lutas trabalhados em cada, o aspecto histórico das lutas é apresentado aos alunos. No ensino médio a Luta só é trabalhada no 1º ano, abordando questões a respeito da qualidade de vida e da Luta como defesa pessoal.

Nas OTMs (2010), os conteúdos são organizados em ciclos de aprendizagem. No 1º ciclo, objetiva-se que o aluno identifique os conhecimentos da Luta contextualizando-os, relacionando-os ao cotidiano, refletindo sobre definições, atitudes, procedimentos, habilidades. No 2º ciclo (4º ao 6º ano do fundamental) objetiva-se a sistematização do conhecimento Luta, contextualizando-o e relacionando-os com o cotidiano. No 3º ciclo objetiva-se ampliar a sistematização do conhecimento da Luta. E por fim o 4º ciclo (ensino médio), objetiva-se que o aluno aprofunde, de forma sistematizada, os conhecimentos da Luta, explicando as regularidades científicas de cada tema tratado.

A organização da Luta nesta proposta se apresenta de uma forma mais organizada, pois aborda a mesma em todos os níveis de escolarização e a cada ano vai aumentando a complexidade, tratando desde o primeiro ciclo as questões de diferenciação entre Luta e briga, utiliza de jogos/brincadeiras que trabalhem os elementos básicos da Luta até chegar a se trabalhar suas distintas modalidades e seus aspectos históricos. Percebemos que há nessa organização uma espiralidade que inova o conhecimento a ser tratado naquele ciclo, por almejar novas formas de

compreensão do aluno, ao mesmo tempo que considera o que já foi visto em ciclos anteriores.

Na proposta do Rio Grande do Sul são apresentados os saberes conceituais (técnico e crítico) e os saberes corporais (saber fazer e conhecer). No subeixo saber praticar, a proposta sugere para a 7ª e 8ª série a Capoeira de forma elementar. A proposta sugere também, para as mesmas séries, no subeixo para conhecer, tipos distintos de lutas, de caráter esportivo e não esportivo. Explicita também os saberes conceituais (que são os técnicos e críticos). Apesar de apresentar apenas a capoeira para se aprender a praticar, deixa claro que a escolha da Luta depende da realidade cultural da escola. Apresenta ainda no subeixo para conhecer, tipos distintos de lutas: os de caráter esportivo e os de caráter não esportivo.

Deparamo-nos novamente com a capoeira sendo “priorizada”. Uma vez que o objetivo da proposta para o ensino da Luta, é que os alunos possam aprender a capoeira de forma elementar. E para se alcançar tal objetivo propõem-se que os alunos tenham o contato com os vários elementos da mesma, os elementos técnico-táticos básicos. O que podemos imaginar é que, não se trata da capoeira ser superior, mas podemos dizer que trata-se de uma modalidade de luta que fez parte da raiz da cultura brasileira, como já foi dito.

Na proposta curricular da Paraíba, a Luta é um dos conteúdos estruturantes que é organizada a partir dos eixos temáticos (que são algumas modalidades de luta) e os eixos articuladores, os eixos articuladores apresentam o que deve ser trabalhado a partir de cada modalidade, por exemplo, o histórico da Luta; seus fundamentos; as regras etc. A Luta é trabalhada durante todo o ensino fundamental, do 1º ao 9º ano, e a sugestão de organização da mesma como conteúdo nessa proposta aproxima-se de maneira bem relevante da organização na orientação teórico metodológica de Pernambuco, ambas apresentam os elementos a serem trabalhados partindo do conhecimento que os alunos já têm e em seguida passam a abordar as questões mais básicas da Luta, partindo a cada nível de ensino para o aumento da complexidade.

A proposta curricular para o estado do Rio de Janeiro aborda a Luta apenas no ensino médio, e pelo que consta, mais uma vez a capoeira está presente. Esta aparece no 1º ano ensino médio, sendo trabalhados seus aspectos históricos. No 2º ano, já se aborda o judô. A proposta sugere para a educação de jovens e adultos a participação em lutas no contexto escolar, de forma recreativa e também

competitiva. Assim como também sugere a aquisição e aperfeiçoamento de habilidades específicas das lutas.

A partir da análise da proposta do Rio de Janeiro, conseguimos identificar certa fragilidade na construção da mesma, e isso é facilmente observado ao comparar com as propostas da Paraíba e de Pernambuco. Uma vez que estas contemplam a Luta em todos os níveis de escolarização aos quais se propõem trabalhar a Educação Física, exemplo disso: Pernambuco apresenta a proposta de Educação Física para todos os níveis de escolarização, e em todos eles a Luta é trabalhada. A proposta de Paraíba contempla apenas o ensino fundamental (1 e 3), mas em todos esses níveis a Luta está presente.

A proposta curricular de São Paulo (2010) apresenta a organização para o segundo ciclo do ensino fundamental e médio. Onde a Luta começa a ser tratada a partir do 7º ano, sendo trabalhados os princípios de confronto e oposição, a classificação e organização e também as questões de violência. Esta última nos faz identificar uma aproximação desta proposta, com as citadas anteriormente. Quando tratam as discussões sobre a violência, mas seria estranho se as propostas não sugerissem tratar sobre este assunto ao se trabalhar a Luta na escola. No 7º ano, trabalham com algumas modalidades de lutas (Judô, caratê, taekwondo, boxe ou outro), e seus princípios técnicos e táticos, as principais regras, assim como os elementos históricos. Ao sugerir o boxe, deixa claro que ele pode ser substituído por outra modalidade. Assim entendemos que se trata da adaptação da realidade, na qual deixa-se o professor livre para selecionar outra modalidade que seja mais pertinente a realidade dos alunos da escola. No 9º ano, trabalham também a capoeira, sendo abordada como Luta, jogo e esporte. Sendo tratados tanto seus princípios técnicos e táticos assim como seu processo histórico. No 1º ano ensino médio propõe-se trabalhar a Luta abordando seus princípios norteadores e regras e técnicas de uma modalidade que ainda não tenha sido trabalhada. E por fim, no 3º ano do ensino médio, apresentam-se as modalidades já conhecidas pelos alunos.

No Mato Grosso do Sul, a Luta está presente desde o 1º ano do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio. Inicia-se no 1º ano fundamental, a introdução dos fundamentos básicos da Luta. No 2º ano segue-se dando continuidade ao trabalho iniciado no ano anterior, através de atividades coletivas de oposição, que trabalhem os fundamentos básicos da Luta. O 3º ano segue a mesma lógica de trabalho com os fundamentos, mas acrescentam-se as atividades que

possibilitem realizar os rolamentos. Assim segue-se a lógica de se trabalhar as atividades que poderão proporcionar o aperfeiçoamento dos fundamentos, sempre apresentando algum elemento novo.

A capoeira aparece mais uma vez (no 6º ano), como uma luta característica da população local, sendo trabalhados os seguintes elementos: Histórico (objetivo, e principais características); Localização de criação e expansão pelo Brasil e pelo mundo Transformações ao longo do tempo; Filosofia (significados culturais) e os principais elementos técnicos e táticos. Assim como se propõe lutas ocidentais como o boxe, jiu-jítsu, esgrima, greco-romana, vale tudo, pancrácio entre outros. tratando-se dos elementos, Histórico (objetivo e principais características); E também lutas orientais (judô, karatê, aikido, kung fu, sumô, taekwondo, muay thai entre outros). E nos últimos três anos (ensino médio) aborda-se mais as discussões de temáticas como a construção histórica da Luta, as diferenciações entre Luta e briga e as lutas na mídia. Observamos que a organização do conteúdo Luta nessa proposta aproxima-se das propostas de Pernambuco e Paraíba, uma vez que contempla a Luta em todos os ciclos e trabalha os diferentes elementos que a mesma oferece.

Em Tocantins a Luta é tratada no 6º ano sendo abordados os aspectos culturais gerais e os tipos de lutas. No 7º ano trabalha-se com a capoeira e o judô, sendo abordados seus elementos históricos, evolução, e características. No 8º ano segue-se com as outras modalidades de lutas: jiu jitsu e karatê, sendo trabalhados os mesmos elementos do ano anterior, a partir da especificidade das lutas. E por fim, no 9º ano, continua a sequencia do trato com as modalidades, e este nível traz o boxe, a luta livre e o judô, sendo abordados os mesmos elementos trabalhados nos níveis anteriores. Identificamos que ao priorizar o trato com as modalidades deixa-se de trabalhar a história da Luta de maneira mais geral.

Na proposta do Maranhão (2009) no 1º e 2º ano começam e ser trabalhados os fundamentos da Luta através de atividades lúdicas: Jogos de luta de conquista de território, conquista de objetos, de desequilibrar, de agarrar e imobilizar. Estas atividades são indicadas igualmente para os dois níveis de ensino, e isto também vai ocorrer com as séries seguintes. No 3º e 4º ano para se trabalhar os fundamentos são propostas as mesmas atividades das séries anteriores. O que se diferencia, no entanto é que são trazidos novos elementos a serem trabalhados: as diversas formas de lutas contemporâneas. Para o 5º e 6º ano, começam a serem trabalhadas mais especificamente as definições e classificações de lutas, as lutas de corpo a

corpo e de distância (seus fundamentos e forma de manifestação), e por fim, para esses anos escolares, propõe-se trabalhar a capoeira como manifestação de luta brasileira: suas histórias e raízes. E finalizando a organização do conteúdo Luta no ensino fundamental, são sugeridos igualmente para os 7º, 8º e 9º anos: as lutas nacionais (Capoeira e uca-uca): suas histórias, seus fundamentos e suas características; as lutas e a violência social; as principais lutas contemporâneas (Karatê, Jiu-jitsu, Judô, Tae-kwon-dô, Boxe, Luta Olímpica, etc.): História e características.

Observamos que apesar de apresentar os elementos (a serem trabalhados) iguais para as mesmas séries, pode ser feita a organização desses elementos de maneira que em cada série possa haver a complexidade e diversidade de elementos.

A proposta de Minas Gerais (s.d), organiza os conteúdos nos eixos temáticos, para o ensino fundamental 2 (6º ao 9º ano) e ensino médio. Porém não apresenta em quais séries deve-se trabalhar cada conteúdo. Diante disso pudemos identificar apenas que a mesma trabalha a partir de eixos temáticos, nos quais, apresentam-se os elementos obrigatórios e os complementares. A Luta aparece como elemento obrigatório (eixo temático jogo) com a capoeira, e como complementar, aparecem os elementos da cultura oriental: caratê, muay thay, kung fu, aikido, tae kwon do, tai chi chuan, ioga. Com isso podemos perceber que a Luta, nesta proposta não possui um eixo temático próprio.

Na proposta curricular do Mato Grosso a Luta está presente no 1º, 2º e 3º ciclos. No 1º ciclo a Educação Física é pautada pela reflexão e vivência dos elementos da cultura corporal de movimento, passando das vivências espontâneas para as construções sistematizadas. E para o 2º ciclo propõe-se momentos de problematização que permita uma sistematização mais elaborada dos elementos da cultura corporal de movimento, e novamente a Luta é um desses elementos. No 3º ciclo pretende-se ampliar conceitualmente os conhecimentos da cultura corporal de movimento, e nestes inclui a Luta. Para o ensino médio a proposta diz que é preciso resgatar o significado das lutas como fenômeno cultural de diferentes culturas, principalmente da capoeira, que representa uma das maiores manifestações da cultura afro-brasileira Mato Grosso (s.d). Explica que é preciso entender o contexto histórico de lutas como caratê, o judô, como também entender seus significados culturais.

No Distrito Federal a Luta só está presente no 5º ano e apenas a capoeira aparece como um dos conteúdos, ela é apresentada como uma atividade rítmica e expressiva. A proposta não deixa claro se são apresentados aos alunos os elementos históricos da capoeira.

Na proposta de Goiás (2007) a Luta aparece como o eixo temático: Lutas e suas manifestações culturais. Trazendo como conteúdos para todos os anos que a Luta está presente: histórico das lutas, origem e os tipos de lutas. Para o 6º ano apresenta como expectativa de ensino e aprendizagem: Identificar a origem e a história das lutas (capoeira, judô, karatê e outras). Identificar e compreender o significado cultural e filosófico de cada luta identificando também os elementos técnicos de cada luta. E para o 7º ano praticamente as mesmas expectativas do ano anterior, diferenciando-se apenas: Conhecer, identificar e realizar exercícios preparatórios para cada tipo de luta. Para o 8º ano também seguem as mesmas expectativas que nos anos escolares anteriores, sendo acrescentado compreender e explicar as relações entre as lutas e os problemas sociais tais como: violência, gangs, consumismo, uso de substâncias químicas prejudiciais à saúde etc. Podemos observar que apesar de não tratar a Luta no 9º ano, a proposta valoriza a historicidade da Luta e suas origens, organizando o conteúdo Luta sempre o relacionando com as questões sociais.

Na proposta do Acre (2010), a organização do conteúdo Luta é confusa, pois não é explícito quais os elementos da Luta serão trabalhados. No 6º ano fala-se que terão rodas de conversa para que ocorra apresentação das práticas da cultura corporal, e a Luta está presente nestas práticas, mas não fica claro como isso vai ocorrer. Fala-se ainda que deva haver participação em lutas, situações de vivências de luta. Não se pode entender de fato como a Luta será tratada nestas condições.

No 8º ano ocorrerá a identificação das diferentes manifestações de lutas, reconhecendo as capacidades físicas e habilidades motoras envolvidas e as características culturais de sua criação e prática. Em seguida propõe-se a participação em diferentes manifestações de lutas, adaptando-as as condições do grupo, materiais e espaços, garantindo a segurança e a integridade física dos participantes. Adaptação das lutas, evidenciando as capacidades físicas e habilidades motoras envolvidas (ACRE, 2010, p.63). A proposta também sugere a prática da capoeira para ampliar as relações entre a teoria e prática a respeito das capacidades físicas e habilidades motoras.

Enfim, o trato da Luta nessa proposta não facilita a compreensão de como a mesma é tratada. A partir da organização normalmente podemos perceber como tal conteúdo é tratado e qual importância se dá ao mesmo, mas nesta proposta isso não foi possível. Portanto não podemos visualizar bem como a Luta é organizada.

A proposta do Espírito Santo apresenta a Luta apenas no 1º ano do ensino fundamental. A mesma aparece no eixo-temático: corpo-linguagem/corpo/expressão, fazendo parte do tópico das atividades rítmicas e expressivas, onde apresenta como habilidades: identificar as atividades rítmicas e expressivas presentes em danças, lutas, ginásticas, como manifestações da cultura corporal. Propõe para se trabalhar, lutas e seus processos históricos. Enfim esta proposta também apresenta uma organização para o conteúdo Luta de forma confusa. Acredita-se que estas apresentações confusas dos conteúdos podem ser um dos motivos para fazer com que o professor abdique de realizar suas aulas baseando-se nas propostas curriculares dos estados, fazendo com que possa vir a ser uma justificativa (mesmo que não tenha o espaço para tal) para que o professor negligencie alguns conteúdos nas aulas de Educação Física.

A Luta na proposta curricular de Rondônia está presente no 3º, 5º, 7º ano. No 3º ano do ensino fundamental objetiva-se conhecer, vivenciar e distinguir os diferentes estilos de lutas presentes no Brasil. No 5º ano trabalha as lutas e suas possibilidades no ambiente escolar, propondo a capoeira e o judô como as possibilidades. E por fim no 7º ano ensino fundamental abordam-se os diversos esportes de luta e suas peculiaridades (ações motoras de acordo com a realidade). E por fim no ensino médio pretende-se que o aluno possa vivenciar as manifestações corporais presentes nos esportes, danças, ginásticas, lutas e lazer. Percebe-se que Luta aparece superficialmente nesta proposta, identificamos a falta dos fundamentos teóricos básicos da Luta e seus elementos históricos.

Para a proposta curricular do Paraná ao abordar a Luta, deve-se valorizar conhecimentos que permitam identificar valores culturais, conforme o tempo e o lugar onde as lutas foram ou são praticadas (PARANÁ, 2008). Nesta proposta fala-se da complexidade crescente, onde através dela pode-se trabalhar com o mesmo conteúdo no ensino fundamental e médio. No 5º ano trabalha-se com lutas de aproximação (capoeira), para trabalhar esse conteúdo propõe-se a experimentação dos jogos de oposição, a apresentação e experimentação da música e sua relação com a Luta. Vivenciar movimentos característicos da Luta como: a ginga, esquiva e

golpes etc. No 6º ano trabalha-se com o mesmo conteúdo, aumentando apenas o nível de complexidade. No 7º ano são abordadas lutas como instrumento mediador (capoeira), para entender a organização de roda de capoeira vivenciar jogos de oposição no intuito de aprender movimentos direcionados à projeção e imobilização. Para o 8º ano sugere pesquisas sobre a origem e os aspectos históricos das lutas.

Chegando ao fim da análise da categoria empírica sobre a organização do conteúdo Luta. Pudemos perceber que enquanto algumas propostas curriculares conseguem organizar o conteúdo Luta quase que perfeitamente desde o 1º ano do ensino fundamental até o 3º ensino médio, outras deixam a desejar neste sentido, pois nem sempre tratam a Luta em todas as séries e quando tratam não conseguimos compreender como tal conteúdo é organizado.

4.5 Método específico para o ensino da Luta

Tratando agora da categoria empírica relacionada ao método específico para o ensino da Luta, as propostas não apresentam um método específico, sugerem apenas o que se deve ser trabalhado durante os níveis de escolarização que elas contemplam.

Identificamos apenas as propostas do Paraná (2008), Maranhão (2009), Acre (2010) e Rondônia (s.d.), que sugerem uma possibilidade para o ensino da Luta. Não se trata exatamente de um método específico para o ensino da luta, mas diferentemente das demais propostas curriculares analisadas neste trabalho que apenas descrevem a organização dos elementos da Luta nos segmentos escolares, as propostas citadas acima, apresentam sugestões metodológicas muito pertinentes para se trabalhar a Luta na escola.

A proposta do Maranhão (2009) sugere a apresentação de vídeos específicos das diferentes modalidades de lutas, visitas em locais de prática das lutas. Assim como também a utilização de jogos de lutas, que abordam de maneira lúdica os fundamentos da Luta, estes sendo considerados pela proposta como grande recurso para se trabalhar a Luta. Sugere ainda a utilização de jogos de conquistas de objetos e jogos de equilíbrio.

A proposta do Paraná (2008) apresenta como sugestão trabalhar com jogos de oposição, que podem ocorrer em duplas, trios ou até mesmo em grupo. Esta

sugere também que os professores podem propor pesquisas, seminários e visitas a academias para os alunos conhecerem as diferentes manifestações corporais que fazem parte da Luta.

Na proposta do Acre (2010) sugere que o professor proponha aos alunos situações de observação de modelos (colegas, gravação de eventos esportivos da televisão, vídeos no Youtube etc.) no que diz respeito a aspectos das características dos praticantes de Luta.

A proposta de Rondônia também propõe a utilização da internet, vídeos, pesquisas em livros, ou a indicação de visitas em locais onde estas atividades acontecem são alternativas pertinentes para facilitar o conhecimento.

Observamos que estas propostas que apresentam uma metodologia para o ensino da Luta, não apresentam nenhum método que seja necessário que o professor detenha técnicas específicas da Luta para poder trabalhá-la na escola. E também apresentam uma maneira importante de aproximar os alunos da Luta ao sugerirem pesquisas e apresentação de vídeos, pois estes são métodos que se pode utilizar para facilitar o trabalho do professor.

4.6 Tipos de lutas

Em relação à categoria empírica que trata dos tipos de lutas que estão expostos nas propostas curriculares identificamos vários tipos:

Região	Proposta	Tipos de luta
Centro-oeste	Distrito Federal	Capoeira.
	Goiás	Capoeira, judô karatê e outras.
	Mato Grosso	Capoeira, caratê e judô.
	Mato Grosso do Sul	Capoeira, e boxe, jiu-jítsu, esgrima, greco-romana, vale tudo, pancrácio, judô, karatê, aikido, kung fu, sumô, taekwondo, muay thai.
	Alagoas	Não trata a Luta.
	Maranhão	Capoeira, kung-fu, esgrima, tae-kwon-do boxe, judô, jiu-jitsu, greco-romana, sumô e ai-ki-do.
		Cabo-de-guerra e braço-de-ferro, capoeira, judô, sumo, taekwondo, jiu-jitsu, karatê,

Nordeste	Paraíba	Greco-romana, muay thai, kung-fu, boxe, akido, krav-maga e luta de braço.
	Pernambuco	Cabo-de-guerra e braço-de-ferro, capoeira, karatê e judô.
	Sergipe	Capoeira; judô; jiu jitsu; karatê; boxe; luta livre.
Norte	Acre	Capoeira.
	Rondônia	Capoeira e judô.
	Tocantins	Capoeira, judô, jiu jitsu, karatê, boxe, taekwondo e luta livre.
Sudeste	Espírito Santo	Não apresenta
	Minas Gerais	Capoeira e cultura oriental: caratê, muay thay, kung fu, aikido, taekwon do, tai chi chuan.
	Rio de Janeiro	Capoeira, judô.
	São Paulo	Capoeira, judô, caratê, tae kwon do, boxe.
Sul	Paraná	Judô, Luta Olímpica, Jiu-Jitsu, Sumo, Karatê, Boxe, Muay Thay, Taekwondo e esgrima.
	Rio Grande do Sul	Capoeira, caratê, judô e taekwondo, Idjassú, huka-huka e krav maga .
	Santa Catarina	Não trata a Luta.

Quadro 11: Modalidades de lutas indicadas para o ensino do conteúdo Luta.

Podemos perceber a partir deste quadro que a maioria das propostas apresenta várias modalidades de Luta e não apenas as que já são mais tradicionais no Brasil, como da cultura oriental. Algumas propõem modalidades para os alunos apenas conhecerem e modalidades para que os alunos possam aprender a praticar. Isso acontece na proposta do Rio Grande do Sul (2009), onde apresenta a capoeira como uma modalidade em que os alunos devem aprender a praticar e as demais modalidades para conhecer. Percebemos que a capoeira está presente em todas as propostas curriculares que tratam a Luta, assim como outros tipos de luta também estão, porém a capoeira se diferencia uma vez que na maioria das propostas curriculares ela apresenta-se como um conteúdo obrigatório, ou seja, não há o conteúdo Luta, o conhecimento maior como orienta os PCNs, mas sim uma de suas modalidades.

Na proposta do estado do Paraná (2008) nota-se que a capoeira é uma prática corporal da cultura afro-brasileira e seus elementos são importantes à história do Brasil. Pernambuco (2010) também fala da importância de tratar a capoeira nas aulas de Educação Física, e sugere a sistematização da mesma. Na proposta da Paraíba (2010) a capoeira também é tratada como um conteúdo importante a ser trabalhado. Nas outras propostas não justificam exatamente sua

presença. Para os outros tipos de lutas que foram apresentados também não são apresentadas justificativas de sua presença.

Enfim, percebemos uma maior incidência no trato da Luta nas propostas, a partir de modalidades mais tradicionais como o caratê, o judô, o jiu jitsu, o muay thai, como vemos em 14 propostas: Sergipe, Maranhão, Pernambuco, Rondônia, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraíba, Goiás Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia e Tocantins. Porém, muitas vezes apenas é citado no aporte teórico que são tratadas, mas quando nos deparamos no decorrer da proposta principalmente em sua metodologia, percebemos que nem todas cumprem com o enunciado anteriormente. Também notamos grande presença da capoeira nas propostas estando em 11 delas: Maranhão, Pernambuco, Rondônia, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Tocantins, das quais, algumas também tratam das modalidades mais tradicionais. Contudo 2 propostas apenas tratam da capoeira, que são o Distrito Federal e a do Acre. E outras 3 não tratam o conteúdo Luta ou pelo menos não apresentam nenhuma menção a este conhecimento, como é o caso das propostas de Alagoas, Espírito Santo e Santa Catarina.

De maneira geral, identificamos os diferentes elementos que as propostas curriculares utilizam para o trato teórico-metodológico da Luta. E mesmo sendo apresentadas aqui propostas distintas, não são tão diferentes os elementos que as mesmas apresentam para se trabalhar a Luta, como por exemplo, os tipos de lutas, os conceitos e os objetivos. Enfim, algumas propostas apresentam uma organização confusa e superficial para o trato da Luta como um conteúdo nas aulas de Educação Física.

Apoiamos a necessidade de uma reestruturação teórica e metodológica de todas as propostas curriculares, até mesmo as que já se destacam diante das demais ou no seu desenvolvimento se comparado às propostas que a antecedem no seu próprio estado. Com conhecimentos acerca da Luta, aprofundados e sistematizados, por meio de objetivos claros para o ensino da Luta, com metodologias de ensino que possibilitem com clareza a ação do professor em sua prática pedagógica em sala de aula, avaliações específicas para a Luta, à utilização de referências que qualifiquem cientificamente e pedagogicamente a Luta como conhecimento. No entanto, em especial a participação dos professores da educação básica da rede de ensino, na construção ou reestruturação das suas respectivas

propostas curriculares, referentes ao governo que estão inseridos, é o que consideramos como um dos aspectos que apresenta maior salto qualitativo no ensino da Luta, pelo fato destes professores conhecerem como poucos a realidade do cotidiano escolar.

CAPÍTULO V

O CONTEÚDO LUTA NAS PROPOSTAS CURRICULARES DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Vimos, no campo das discussões acerca da Luta, diferentes características, que contribuem para a compreensão dos conhecimentos e de suas particularidades acerca deste fenômeno. Como forma de aprofundar e entendê-la no âmbito da Educação Física no Estado de Pernambuco, decidimos pesquisá-la a partir dos documentos desta própria rede de ensino. Assim, tivemos acesso às propostas curriculares para a Educação Física em Pernambuco, a partir da década de 80, até a mais atual, que serviram e servem como referencial curricular, teórico e metodológico para o ensino da Luta e dos demais conteúdos do componente curricular Educação Física.

O acesso a estes documentos se deu através de bibliotecas particulares de alguns professores de Educação Física, em especial de professores do ETHNÓS e de acervos disponíveis na BESEF (Biblioteca da Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco).

Somadas, as propostas curriculares totalizam 05 (exemplares), sendo estas:

- De 1990, a Contribuição ao Debate do Currículo em Educação Física: uma proposta para a Escola Pública;
- De 1992, Coleção Professor Carlos Maciel - Subsídios para Organização da Prática Pedagógica nas Escolas;
- De 1998, Coleção Professor Paulo Freire: política de ensino e escolarização básica;
- De 2006, Matriz Curricular de Referência das Competências em Educação Física para o Estado de Pernambuco;
- E por fim, de 2010, as Orientações Teórico-Metodológicas.

Assim, demos início a esta fase da pesquisa, referente à análise documental. Como forma de conhecer a Luta em cada proposta e identificar como cada uma contribuiu para o ensino deste conteúdo no Estado de Pernambuco.

Buscando compreender cada proposta. Iniciamos com a Contribuição ao Debate do Currículo em Educação Física: uma proposta para a Escola Pública. Esta

foi produzida coletivamente por professores da rede estadual daquele período, e por professores universitários do Estado de Pernambuco e de outras localidades. A mesma visava o aprofundamento do debate a respeito do conteúdo e do papel da Educação Física na escola pública.

De princípio, um dado já nos chama a atenção. No sumário, especificamente no tópico, Educação Física do pré-escolar ao ensino médio, estão expostos os conteúdos a serem tratados na educação básica, no entanto o conteúdo Luta não está inserido, apenas nesta ordem, jogo, esporte, ginástica e dança. Em contrapartida, a própria proposta logo adiante, ao justificar a importância da Educação Física na escola, diz que:

O homem tem produzido, no decorrer da história, um fantástico acervo de formas de representação do mundo, exteriorizadas pela expressão corporal. Assim, podemos identificar os jogos, a dança, as lutas, os exercícios ginásticos, os esportes, os malabarismos, a mímica, entre outros, como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas (PERNAMBUCO, 1990, p. 7-8).

Logo, percebemos uma dicotomia. Já que, o que o próprio documento revela como representação do mundo, não está posto como conhecimento a ser tratado, como os demais que se encontram dispostos na proposta.

É enfatizado que para este programa foram selecionados quatro temas da cultural corporal: Jogo, Esporte, Ginástica e Dança (PERNAMBUCO, 1990, p. 9). Contudo, não é possível compreender o porquê desta escolha ou do detrimento de outros conhecimentos, como é o caso da Luta.

Para deixar mais claro, os conteúdos citados são tratados, teórico e metodologicamente, abordando suas historicidades, seus conceitos e principalmente suas possibilidades de trato, nos diferentes níveis de escolarização. Porém, ao ser abordado o conteúdo ginástica, o texto ilustra que no currículo escolar brasileiro daquele período, formas de lutas eram vivenciadas dentro deste conteúdo. Apenas isto é o que se percebe sobre a Luta na proposta. Aspecto, que permite interpretar que os conhecimentos acerca deste conteúdo poderiam ou não ser vivenciados nas aulas de Educação Física no Estado de Pernambuco, segundo o currículo oficial.

Reforçando esta visão, as próprias referências utilizadas em sua elaboração, não são específicas ou voltadas para o ensino da Luta na escola.

Passado os anos, em 1992 surge um novo modelo de proposta curricular para o Estado de Pernambuco, o currículo chamado de Coleção Professor Carlos Maciel - Subsídios para Organização da Prática Pedagógica nas Escolas, voltado pedagogicamente tanto para a escola quanto ao professor.

Desta vez ao observar o sumário da proposta, os conteúdos propostos para o ensino são, o esporte, a ginástica e a dança. O conteúdo Luta mais uma vez não é contemplado. Já o conteúdo jogo é inserido e citado pedagogicamente, sendo exemplificado como uma forma de tratar um dos conteúdos da Educação Física, sendo destacado nele, seu conceito, sua importância e sugestões de seleção de conteúdo. Logo, até o momento fica mais claro o entendimento de que o conteúdo Luta, como compreendemos atualmente, não era retratado na proposta oficial, como mostra o próprio texto da proposta, que conceitua a Educação Física como uma disciplina que trata pedagogicamente na escola dos temas ou formas da cultura corporal, que seriam a dança, o jogo, o esporte e a ginástica (PERNAMBUCO, 1992, p. 8).

Apesar disso, ao analisarmos o conteúdo jogo, há a menção de jogos que possibilitem a ação de lutar, de defender e de atacar. Logo, surge a dúvida. Não seriam o conteúdo Luta e seus fundamentos presentes na proposta. Como os direcionamentos são bastante objetivos, não fica claro do que realmente se trata este tipo de jogo. Também no conteúdo dança, ocorre a citação da Luta, desta vez como um tema sugestivo para o ensino da dança. Na mesma proposta, percebemos duas intenções de trato da Luta, como “conteúdo”, ferramenta ou instrumento para o ensino de outros conteúdos.

Percebe-se que existe esta incógnita na tentativa de descobrir o status da Luta também nesta proposta curricular, pelos fatores citados anteriormente. Além de que, no conteúdo jogo, ao sugerir a possibilidade de tratar a ação de lutar, de atacar e de defender, não é apresentado uma exemplificação destas ações, ocasionando fragilidades nas interpretações do conhecimento. Diferentemente dos demais conteúdos que trazem detalhadamente cada etapa para o ensino.

Devido a índices alarmantes, ou seja, reduzido contingente de alunos aprovados anualmente - 58,7% - e nas taxas de reprovação e evasão – 21,4% e 16,3%, respectivamente, dos 1,6 milhões de alunos matriculados no ano de 1994 no Estado de Pernambuco (PERNAMBUCO, 1998, p. 14), que o Governo do Estado, junto com a Secretaria de Educação e Esportes, tomou a decisão de construir um

novo currículo escolar, no intuito de solucionar os entraves escolares existentes. No entanto, não só estes foram os motivos para este novo currículo. O resultado foi à elaboração da Coleção Professor Paulo Freire: política de ensino e escolarização básica, no ano de 1998.

Neste referencial curricular, destacamos uma passagem voltada ao processo de aprendizagem dos alunos: “possibilitar aprendizagens significativas pelos alunos: aprendizagens diversas dos conhecimentos sociais necessários à contextualização do mundo que os cerca, de lhes dar condições de pensar e de exercer crítica” (PERNAMBUCO, 1998, p. 14). Inserimos então nestes diversos conhecimentos sociais citados, a necessidade de o aluno conhecer e aprender sobre a Luta, uma vez que, a mesma pertence ao mundo. Além de que, os conhecimentos surgem em resposta aos problemas práticos e teóricos propostos pelos homens, seja de forma explícita como o conhecimento e as técnicas, sistematizados pelas investigações científicas, sejam eles implícitos em numerosas práticas sociais (PERNAMBUCO, 1998).

No entanto, o que vimos no decorrer da proposta não segue este ideal de contato com diferentes conhecimentos sociais, quando nos referirmos a diversidade dos conteúdos a serem tratados nas aulas de Educação Física. Pois, o único conteúdo apresentado é a ginástica, do ciclo infantil até o ensino médio. Perguntamos-nos então onde estaria o conteúdo Luta. O que podemos perceber é que em alguns momentos ocorrem passagens da Luta, contudo, inserido na ginástica, como podemos ver a seguir.

No quadro apresentado na tabela para alunos da pré-escola (crianças com 4 a 6 anos ou ciclo infantil), existem assim como os demais quadros, quatro pontos a serem abordados: conteúdo, situação didática, indicador de desempenho e critério de avaliação. É neste último, que a Luta é citada. Ao ser tratado o conteúdo ginástica, o critério de avaliação ocorre com o aluno distinguindo-a da Luta, da dança e do jogo, em termos de seus fundamentos. Como na proposta apenas esta informação é apresentada, não se sabe ao certo como a Luta é compreendida, no entanto, nota-se que a mesma está como algo a complementar o conteúdo da ginástica.

Já nas 1^{as} e 2^{as} séries (1^o ciclo), também quanto ao critério de avaliação, a Luta, juntamente com o jogo e a dança são utilizados como comparativos, para que os alunos na vivência do conteúdo ginástica possam questionar seus movimentos

básicos e elementos de ligação. Nos 2^{os} e 3^{os} ciclos não há nenhum conhecimento relacionado a Luta.

No 4^o ciclo referente às 7^o e 8^o séries, na parte de situação didática, a Luta é mais uma vez mencionada, juntamente com outros conhecimentos, como a dança, o esporte, o teatro, entre outros. Porém, todos sendo utilizados, segundo o documento, como espaço de vivência para o aluno ampliar a prática da ginástica. Ou seja, isto não configura a Luta como um conteúdo específico nesta proposta curricular.

E por fim, no ensino médio, no item indicador de desempenho, a Luta é posta como momento para o aluno identificar nela os elementos gímnicos próprios das modalidades aeróbica, localizada e hidroginástica.

Como podemos analisar, assim como as propostas, Contribuição ao Debate do Currículo em Educação Física: uma proposta para a Escola Pública de 1990 e Coleção Professor Carlos Maciel - Subsídios para Organização da Prática Pedagógica nas Escolas de 1992, a Luta como um conteúdo, com seus próprios objetivos, características e outros aspectos pedagógicos, não se encontra nas três propostas vistas até então. A limitação teórica nestas propostas não nos permite aprofundar além do que já foi tratado. Talvez apenas num contato com os professores que lecionaram naquele período, que poderíamos compreender afinal como se dava o ensino dos conteúdos da Educação Física, de como eram selecionados, organizados e sistematizados.

No ano de 2006, após diversos encontros, orientações, fóruns, seminários, eventos científicos de educação e Educação Física, que vinham acontecendo desde o ano de 2002, foi consolidado um novo referencial curricular para a Educação Física na educação básica, no Estado de Pernambuco, chamado de Matriz Curricular de Referência das Competências em Educação Física para o Estado de Pernambuco.

Logo, observamos e destacamos algo de importante nesta proposta que a diferencia das anteriores, que é a participação de professores de Educação Física e de técnicos da própria rede de ensino do Estado de Pernambuco, que juntos representaram as 17 GEREs (Gerências Regionais de Educação) da época. Como é visto no quadro a seguir da própria proposta. Apesar de não contemplar os mais de um mil professores da rede na época, já se demonstrava uma participação com representação dos professores.

GERE	Nº TÉC%/PROFº
SERTÃO CENTRAL (SALGUEIRO)	03
MATA NORTE (NAZARÉ DA MATA)	03
MATA SUL (PALMARES)	03
LITORAL SUL (BARREIROS)	03
MATA CENTRO (VITÓRIA)	03
AGRESTE MERIDIONAL (GARANHUNS)	03
VALE DO CAPIBARIBE (LIMOEIRO)	03
MOXOTÓ IPANEMA (ARCOVERDE)	03
MÉDIO SÃO FRANCISCO (PETROLINA)	03
SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO (FLORESTA)	03
SUBMÉDIO ALTO DO PAJEÚ (AFOGADOS)	03
SERTÃO DO ARARIPE (ARARIPINA)	03
AGRESTE CENTRO NORTE (CARUARU)	03
METRO SUL	03
METRO NORTE	03
RECIFE SUL	03
RECIFE NORTE	03
TOTAL	51

Quadro 12 – Representação de professores das GERES.

A participação destes sujeitos que estão diretamente ligados ao lócus de ensino e aprendizagem, possibilita à construção de um currículo mais justo e próximo a realidade escolar e aos ideais e anseios dos sujeitos da escola, em especial os alunos, que nela interagem com o conhecimento científico e com suas experiências de vida.

No discurso de reflexão para a construção desta proposta, é levada em consideração principalmente a busca pela *práxis* em todo o processo de ensino e aprendizagem (PERNAMBUCO, 2006). E quanto à concepção da disciplina Educação Física, é levado em consideração naquele momento, sua inserção na área de linguagens e códigos.

Essa linguagem é compreendida pelos PCNs para o Ensino Médio (BRASIL, 1999, p. 125) como, a

capacidade humana de articular significados coletivos em sistemas arbitrários de representação, que são compartilhados e que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade. A principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido.

Tomando como base esse referencial de linguagem, nesta proposta de 2006 a Luta agora se apresenta como um conteúdo específico da Educação Física, com conceito próprio e conhecimento teórico, além de um trato metodológico adequado a suas especificidades. Diferentemente das propostas Contribuição ao Debate do Currículo em Educação Física: uma proposta para a Escola Pública, Coleção

Professor Carlos Maciel - Subsídios para Organização da Prática Pedagógica nas Escolas e Coleção Professor Paulo Freire: política de ensino e escolarização básica, nas quais, a partir do documento, a Luta estava sendo contextualizada como uma atividade, estratégia e/ou ferramenta para o ensino de outros conteúdos da Educação Física.

Diferentes destas, a proposta Matriz Curricular de Referência das Competências em Educação Física para o Estado de Pernambuco de 2006, por tratar o conhecimento de uma forma diferente, resgatando o contexto social em que alunos e alunas vivem, que as experiências no âmbito escolar foram sistematizadas e ampliadas, no sentido de contemplar a realidade de cada sujeito.

O conhecimento precisa ser tratado de forma espiralada, desenvolvendo-se a partir de ciclos que viabilizam a sua ampliação durante os anos de escolarização. Portanto, nesse trabalho, podemos encontrar crianças e jovens lidando com diferentes ciclos ao mesmo tempo, em diferentes conteúdos ou formas de pensamento. Nesse sentido, eles vão reformulando o seu entendimento constatando, interpretando, compreendendo e explicando a realidade (PERNAMBUCO, 2006, p. 9).

Outro aspecto nesta proposta se apresenta importante. O avanço no diálogo dos ciclos de escolarização^{8,9}, que por meio deles, deve-se pensar como planejar os conteúdos a serem tratados, articulando-os com as propostas pedagógicas da escola, até sua materialização em sala de aula, por professores e alunos. Segundo Pernambuco (2006, p. 9), isto possibilitará à escola atender os diferentes ritmos, as diferentes formas de aprendizagem e experiências psico-sócio-culturais.

Ao nos referirmos a Luta, percebemos diferenças se comparado às propostas que antecedem 2006. Desta vez, a Luta é entendida como um conteúdo característico da Educação Física, assim como os demais. A mesma é conceituada, por duas referências, o Dicionário da Língua Portuguesa e os PCNs. Respectivamente, a Luta é conceituada da seguinte forma: pelo primeiro documento, como um combate corpo-a-corpo - que é imprescindível para que ela ocorra - sem armas, entre duas pessoas. E no segundo documento como, “disputas em que os

⁸ Trata-se, em geral, de partir de um ciclo de estudos existente e de reordená-lo. Um ciclo de estudos é concebido aqui como uma sequência de séries (ou níveis) anuais formando um todo. Um estabelecimento escolar agrupa geralmente os alunos que frequentam o mesmo ciclo de estudos. Existe, dentro de um ciclo de estudos, uma certa unidade de concepção dos objetivos, das disciplinas, dos programas e dos modos de ensino (PERRENOUD, 2007, p. 35).

⁹ Nas propostas do Estado de Pernambuco o modelo de ciclos de escolarização foi introduzido a partir da proposta curricular: Contribuição ao Debate do Currículo em Educação Física: uma proposta para a Escola Pública de 1990.

opponentes devem ser subjugados mediante técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa” (BRASIL, 1998, p. 37).

Levantamos a hipótese que a presença do conteúdo Luta na proposta Matriz Curricular de Referência das Competências em Educação Física para o Estado de Pernambuco de 2006 sofreu influência dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), uma vez que este a traz como um dos conteúdos da Educação Física no âmbito escolar, além do mesmo servir como uma referência nacional para o trato deste conteúdo. Ainda analisando os PCNs, este só surgiu no ano de 1997, desta forma o documento não teria como subsidiar as propostas anteriores.

Voltados para este aspecto das referências. Podemos levantar a hipótese de que a Luta não se apresenta como um conteúdo específico da Educação Física, com suas características, suas modalidades, entre outros, na proposta Coleção Professor Paulo Freire: política de ensino e escolarização básica de 1998, porque naquele contexto histórico do Brasil, alguns temas da cultura corporal tratados nas aulas de EF não recebiam um aprofundamento tanto teórico quanto metodológico suficiente para qualificar as aulas. Como é o caso da Luta, que na primeira versão do livro Metodologia do Ensino da Educação Física (1992), é compreendida como um conteúdo da EF. No entanto é visto apenas a modalidade capoeira e ainda assim de uma forma reduzida. Esta relação torna-se adequada, pois é de nosso conhecimento que esta obra fundamenta as propostas seguintes as de 1998, porém estas já apresentam em suas referências os PCNs, que possuem a indicação do conteúdo Luta.

Como podemos observar, além de ser conceituada, na proposta é apontada a importância de se tratar a Luta no âmbito da Educação Física escolar: “a Luta precisa ser compreendida desde a busca pela sobrevivência, no que se refere a sua história, passando pelas esferas sociais, afetivas, religiosas, políticas, econômicas etc, a até uma forma de linguagem transmitida ao ser humano ao longo dos tempos.” (PERNAMBUCO, 2006, p. 25). Aspectos que mostram a relação que a Luta tem com o desenvolvimento das sociedades, assim como a influência que cada uma exerce sobre a outra. Mais uma vez, totalmente diferente das anteriores, nesta proposta curricular, as características se complementam, reforçando a compreensão da Luta como conteúdo a ser tratado na Educação Física no Estado de Pernambuco.

Tornando-se um referencial para o Estado, municípios e também para outras localidades.

Outro aspecto para o ensino da Luta se deu quando na proposta Matriz Curricular de Referência das Competências em Educação Física para o Estado de Pernambuco foram apresentadas outras modalidades de lutas a serem tratadas pedagogicamente na escola, como é o caso do judô, da caratê e outras situação como é o caso das brincadeiras de cabo-de-guerra e braço-de-ferro, além da capoeira, sugeridas no documento. O que consolida um conjunto de conhecimentos específicos pertencentes à Luta. E que os alunos, a partir de diferentes vivências, identificam características únicas da Luta, que a diferenciam dos outros conteúdos, além de identificar também as similaridades e diferenças entre as modalidades específicas das lutas.

Ocorre também no trato da Luta, a valorização da cultura brasileira e de sua relação com a compreensão da realidade aqui presente, na busca pelo entendimento das raízes históricas do Brasil, com base nas origens dos negros, dos brancos e dos índios, que determinaram a identidade social e cultural deste país. Desta forma, é por meio da capoeira, que ocorre a possibilidade do aluno identificar o período escravocrata no Brasil, e os momentos posteriores que influenciaram a evolução da sociedade brasileira. Na proposta Matriz Curricular de Referência das Competências em Educação Física para o Estado de Pernambuco, é tomado como referência para o ensino da Luta na escola as proposições metodológicas de Cordeiro e Pires (2005), que sugerem temáticas centrais, como: a Historicidade, a musicalidade, os gestos e os rituais.

A definição de conteúdos contribui na consolidação desse conhecimento nas aulas de Educação Física. Apesar desta organização apenas ser mencionada para a capoeira, ainda assim faz com que o entendimento por parte do professor de como tratar diferentes modalidades de lutas se amplie, a partir de um modelo já expresso. Porém, percebemos que apenas a seleção destes conteúdos não é o suficiente. Para tal, nesta proposta curricular são definidos as competências¹⁰ e os descritores¹¹

¹⁰ Elas centram seu interesse em conhecimentos relacionados à Cultura Corporal, atrelados sempre a aspectos de reflexões acerca da Ética, Meio-Ambiente, Orientação Sexual, Pluralidade e Saúde. Os temas da Cultura Corporal precisam ser considerados em suas inúmeras formas de expressão: anátomo-fisiológica, psicológica, social, política e histórica, a fim de que alunos e alunas, ao concluírem a Educação Básica, possam ter desenvolvido autonomia para elaborar e gerenciar suas próprias práticas corporais seja no sentido lúdico ou agonístico, individual ou coletivo, mas sempre com discernimento, responsabilidade e criticidade (PERNAMBUCO, 2006, p. 13).

para todos os conteúdos, inclusive para a Luta. Ambas são respectivamente definidas na proposta, como:

as competências são pensadas e elaboradas a partir de exigências mais complexas perante as ações de docentes e discentes e estabelecem uma metodologia mais ativa, participativa e problematizadora diante de contextos reais. Os descritores são as próprias ações que, somados entre si e situados em tais contextos, resultarão em competências. Diferentes associações de descritores podem resultar em diferentes competências. Não existe apenas um descritor relacionado a apenas uma competência (PERNAMBUCO, 2006, p. 14).

Essa organização a partir de competências e descritores não existia nas propostas anteriores a Matriz Curricular de Referência das Competências em Educação Física para o Estado de Pernambuco de 2006. Eles foram definidos da seguinte forma:

Símbolo	Competência	Símbolo	Descritor
CL01	Classificar as diferentes formas de lutas, vivenciando seus movimentos, de forma a reconhecer a importância de suas regras e técnicas nas realizações e na vida cotidiana.	DL01	Identificar os fundamentos das diferentes formas de lutas.
CL02	Organizar sequências de movimentos que expressem defesa corporal, associando suas técnicas aos aspectos históricos de cada forma de luta.	DL02	Demonstrar os fundamentos das diferentes lutas.
CL03	Compreender de forma sistematizada as diferentes manifestações de lutas, reconhecendo suas origens e contribuições socioculturais no processo de formação da sociedade, atribuindo-lhes sentido/significado.	DL03	Apresentar os fundamentos das diferentes lutas por meio da linguagem corporal.
CL04	Criar movimentos, fazendo uso dos fundamentos da luta para maior condição de tomada de decisão em situação de confronto.	DL04	Vivenciar as sequências de movimentos de diferentes formas de lutas.
CL05	Compreender os valores sociais, históricos, políticos e culturais intrínsecos nas gêneses das lutas.	DL05	Demonstrar, nas diversas formas de luta, o sentido da autodefesa enquanto movimento de ação/reação.
CL06	Reconhecer, por meio de vivências corporais, de pesquisas e de debates, a relação da construção histórica das lutas com o seu cotidiano.	DL06	Reconhecer o caráter histórico dos diversos tipos de luta e sua influência na formação das sociedades.

¹¹ No Sistema de Avaliação Educacional do Estado de Pernambuco – SAEPE -, as competências adquiridas na Educação Básica são verificadas a partir do nível de aprendizagem dos alunos, que é expresso na forma de descritores. Esses descritores de competências são as ações e operações que indicam o desempenho esperado (PERNAMBUCO, 2006, p. 13-14).

CL07	Compreender e elaborar coletivamente estratégias táticas utilizando os fundamentos da luta, de maneira a possibilitar uma leitura da realidade.	DL07	Associar o surgimento das lutas a sua historicidade e ao contexto atual.
CL08	Explorar as possibilidades de superação em situação de combate, utilizando-se dos fundamentos da luta.	DL08	Identificar as manifestações de luta em diferentes contextos.
		DL09	Identificar os pontos de aproximação e de distanciamento nas diferentes formas de lutas.
		DL10	Participar de festivais utilizando as várias manifestações de luta, em diferentes contextos sócio-culturais.

Quadro 13 – Apresentação das Competências (C) e Descritores (D) sobre a Luta (L)¹².

A materialização destas competências e descritores para a Luta se dava segundo a proposta curricular, da seguinte forma. Primeiramente levavam em consideração os aspectos de organização da identificação e da categorização dos movimentos de combate corpo-a-corpo. Em seguida, abordando a iniciação da sistematização desses movimentos, a partir da compreensão do sentido/significado de cada uma de suas formas. E por último, a ampliação desta sistematização, de maneira que sejam compreendidas as técnicas mais aprimoradas e que sejam criadas outras formas de combate (PERNAMBUCO, 2006, p. 27).

Com base nisto, é definido na proposta que diferentes associações de descritores podem resultar em diferentes competências. Não existe apenas um descritor relacionado a apenas uma competência. Logo, percebe-se que um descritor não está ligado diretamente a uma competência. Como cada aluno tem a capacidade de se apropriar do conhecimento de uma forma, ou seja, alguns apresentam melhores condições intelectuais, motoras, emocionais ou psicológicas e outros não, mesmo com todos passando pelo mesmo processo de aprendizagem, alguns se expressam diferentemente de outros. Mesmo que sejam propostas diferentes competências, pode acontecer dos descritores serem diferentes para cada aluno, de acordo com sua capacidade de aprendizagem.

Segmentos escolares	Educação	Ensino Fundamental	EJA	Ensino Médio
----------------------------	-----------------	---------------------------	------------	---------------------

¹² Quadro retirado na íntegra da proposta Matriz Curricular de Referência das Competências em Educação Física para o Estado de Pernambuco de 2006.

Competências/Descritores		Infantil												
Competências diante das temáticas da Cultura Corporal	Descritores diante das temáticas da Cultura Corporal	1º	2º	I Ciclo		II Ciclo		III Ciclo		IV Ciclo		1º	2º	3º
				1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º			
LUTA														
CL01 CL02 CL03 CL04 CL05 CL06 CL07 CL08	DL01			x	x									
	DL02			x	x									
	DL03			x	x	x	x							
	DL04					x	x	x	x	x	x			
	DL05					x	x	x	x	x	x			
	DL06									x	x	x	x	x
	DL07									x	x	x	x	x
	DL08									x	x	x	x	x
	DL09										x	x	x	x
	DL10										x	x	x	x

Quadro 14 – Competências e Descritores distribuídos nos ciclos de escolarização da educação básica¹³.

Pelo quadro nota-se em qual ciclo de escolarização e ano escolar pretende-se que o aluno consiga se apropriar do descritor, aspecto que acontece do 1º ano do ensino fundamental até o último ano do ensino médio. No entanto, quanto às competências, observa-se que estas podem acontecer em qualquer ciclo e ano escolar, já que se compreende a aplicabilidade da ampliação da sistematização do conhecimento pelo aluno, o que faz com que ele possa se utilizar de conhecimentos vistos anos anteriores, como base para a aprendizagem de novos.

Para que isto aconteça são apresentadas orientações metodológicas no intuito de atender as reais necessidades que o documento pretende desenvolver com os alunos. Indicando caminhos que contribuíssem na ação do professor e o aprendizado do aluno, levando em consideração a escola como um local não só de transmissão do conhecimento, mas também de construção e reconstrução desse conhecimento.

A partir disto, é apresentada uma estrutura para a aula de Educação Física, dividida em três momentos, porém que estivessem interligados e que fossem contínuos. Que num primeiro momento o professor contextualizasse e problematizasse o conteúdo e o objetivo da aula por meio do diálogo, em seguida a reorganização e reconstrução do conhecimento, no qual o aluno participa

¹³ Recorte do quadro original que contemplam os cinco conteúdos da EF, jogo, ginástica, dança, esporte e luta, da proposta Matriz Curricular de Referência das Competências em Educação Física para o Estado de Pernambuco de 2006.

diretamente da aula, pois faz sugestões acerca das vivências teóricas e práticas acumuladas, sendo nesta fase o momento de apreensão e sistematização do conteúdo; e por fim, ocorria à conclusão, momento de avaliação e síntese da aula, complementando com os informes e encaminhamentos para a próxima aula.

Estes traços metodológicos buscavam possibilidades de qualificar a prática pedagógica dos professores, assim como, a aprendizagem dos alunos. Estes fatores possivelmente ajudaram bastante na consolidação dos conhecimentos acerca da Luta como um conteúdo específico. Pois, desta vez, não só foi definido o que tratar, mas também como tratar e como avaliar. Lembrando que nada era exposto como a única forma de ensino, mas sim como proposições para esta prática.

Apesar de apresentar avanços significativos para o ensino na Luta e principalmente para a Educação Física no âmbito escolar, a proposta Matriz Curricular de Referência das Competências em Educação Física para o Estado de Pernambuco deixa de ser a referência curricular para a Educação Física na rede estadual de ensino de Pernambuco em 2010. Ano que foi apresentada uma nova proposta curricular, denominada de Orientações Teórico-Metodológicas para a Educação Física.

Esta construção foi subsidiada a partir do processo histórico da Educação Física em Pernambuco, tendo em vista as produções acumuladas por este componente curricular a partir das políticas educacionais do Estado de Pernambuco, aqui destacamos as quatro propostas curriculares anteriores, além de documentos oriundos de políticas governamentais também de Pernambuco, e as produções brasileiras sobre educação e Educação Física (PERNAMBUCO, 2010). Sua elaboração se deu por meio de uma equipe diferenciada, qualificada e conhecedora da realidade da Educação Física no Estado de Pernambuco. Na qual, em sua grande maioria tem formação nesta área. Este grupo foi formado por professores assessores e vinculados a UPE, sujeitos da Secretaria de Educação do Estado, professores especialistas, professores formadores e por professores de Educação Física desta rede de ensino. Ou seja, sua elaboração e materialização se deram, também por meio de uma coletividade, assim como a proposta curricular Matriz Curricular de Referência das Competências em Educação Física para o Estado de Pernambuco que a antecede.

As OTMs se fundamentam na perspectiva Crítico-superadora, assim como as outras 4 propostas que a antecede e que foram aqui analisadas, e justifica dizendo

que esta perspectiva permanece na essência de todos os documentos governamentais anteriores. Quanto aos princípios curriculares, conhecimentos a serem tratados nas aulas de Educação Física escolar, são utilizados 06 (seis) princípios: **Relevância social do conteúdo; Contemporaneidade do conteúdo; Adequação às possibilidades sócio-cognoscitivas do aluno; Simultaneidade dos conteúdos enquanto dados da realidade; Espiralidade da incorporação das referências do pensamento; e Provisoriedade do conhecimento.** Sendo cada um:

- **1º Relevância social do conteúdo:** Fundamentado em Libâneo (1985) o qual afirma que "não basta que os conteúdos sejam apenas ensinados, ainda que bem ensinados é preciso que se liguem de forma indissociável a sua significação humana e social", os autores da Crítico-Superadora expõem que o conteúdo "deverá estar vinculado à explicação da realidade social concreta e oferecer subsídios para a compreensão dos determinantes sócio-históricos do aluno, particularmente a sua condição de classe social".
- **2º Contemporaneidade do conteúdo:** Os conteúdos devem oferecer aos alunos o que de mais moderno existe com relação aquele conhecimento.
- **3º Adequação às possibilidades sócio-cognoscitivas do aluno:** Inicialmente deve-se estabelecer o confronto entre o conhecimento escolar e o conhecimento do senso comum, instigando "o aluno a ultrapassar o senso comum e construir formas mais elaboradas de pensamento". Não se trata de "oposição entre cultura erudita e cultura popular...", mas uma relação de continuidade em que, progressivamente, se passa da experiência imediata ao conhecimento sistematizado" (LIBÂNEO, 1985).
- **4º Simultaneidade dos conteúdos enquanto dados da realidade:** O trato simultâneo dos conteúdos, dando uma visão de totalidade.
- **5º Espiralidade da incorporação das referências do pensamento:** Ampliação das referências do pensamento a respeito do conhecimento tratado.

- **6º Provisoriedade do conhecimento:** Este rompe com a ideia do dono do saber, pois desenvolve o conhecimento a partir da noção de historicidade, "para que o aluno se perceba como sujeito histórico" (PERNAMBUCO, 2010, p. 12).

Estes princípios somados apontam uma nova realidade para a Educação Física escolar no Estado de Pernambuco, trazendo consigo novas concepções a serem adotadas, que visam à qualificação do ensino na escola pública. Por meio destes princípios, o professor vislumbra orientações para selecionar, organizar e sistematizar os conhecimentos da Educação Física. Fato este que se diferencia das demais propostas curriculares anteriores as OTMs. Isto resulta numa clareza maior ao professor no intuito de tratar os conhecimentos e principalmente para a aprendizagem do aluno. Ao visualizar estes princípios e associá-los a Luta, se percebe caminhos para a legitimação deste conteúdo na escola.

Com base na perspectiva crítico-superadora utilizada como referência, destacamos dois trechos na proposta que ao interpretarmos, visualizamos indicadores para a ênfase da Luta como conhecimento. Em primeiro lugar, a Educação Física "busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal..., historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas" (COLETIVO DE AUTORES, 2012). Nestas formas de representação, se insere o fenômeno Luta e suas inúmeras modalidades existentes. E em segundo, partindo desta perspectiva, levanta-se a imprescindível presença da historicidade no ensino, pois "é preciso que o aluno entenda que o homem não nasceu pulando..., jogando etc. Todas essas atividades corporais foram construídas em determinadas épocas históricas, como respostas a determinados estímulos, desafios ou necessidades humanas (COLETIVO DE AUTORES, 2012, p. 40)". Assim "o conhecimento é tratado de forma a ser retraçado desde sua origem...", mostrando que "a produção humana é histórica, inesgotável e provisória" (p. 41). Isto se aplica também a Luta. É necessário que o aluno entenda que o ser humano não nasceu já golpeando (característica do fenômeno Luta), e sim que ele desenvolveu e aprimorou os movimentos de acordo com suas necessidades e experiências. São informações deste tipo que o aluno deve também compreender na aprendizagem da Luta e suas características.

Essa inserção e consolidação da Luta, é reforçada pelos objetivos propostos nas OTMs, destacamos um em especial, que a enfatiza como conhecimento, pela amplitude que a intenção da proposta abrange alcançar:

- Conhecer, valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações de cultura corporal do Brasil e do mundo, percebendo-as como recurso valioso para a integração entre pessoas e entre diferentes grupos sociais e étnicos (PERNAMBUCO, 2010, p. 22).

Adentrando especificamente no conteúdo Luta, nas OTMs percebemos que é apresentada a mesma seleção de conteúdo da Matriz Curricular de Referência das Competências em Educação Física para o Estado de Pernambuco de 2006, assim como o mesmo referencial teórico para o conteúdo Luta. Assim, não notamos avanços quanto a este item na proposta. O que difere desta proposta para a anterior é que, em vez de se utilizar de descritores e competências, este documento apresenta metas¹⁴ a serem alcançadas, e estas não se organizam por ciclos escolares, mas sim por ano de escolarização, ou seja, torna-se agora mais específico, já que, para cada ano se tem diferentes fatores para o trato pedagógico do conteúdo Luta.

Além desta diferença no documento das OTMs, os conteúdos são divididos por unidades didáticas, onde o esporte, o jogo e a ginástica são vistos em três unidades diferentes, apenas os conteúdos Luta e dança que são tratados numa mesma unidade didática (2º bimestre). Sendo o conteúdo Dança distribuído em 10 aulas e o conteúdo Luta em 10 aulas. Diferentemente dos outros eixos temáticos que recebem 20 aulas cada para seu trato teórico-metodológico em sala de aula.

Unidade Didática	Eixo temático	Número de aulas
1º	Ginástica	20
2º	Dança	10
	Luta	10
3º	Jogo	20
4º	Esporte	20

Quadro 15 – Distribuição dos eixos temáticos pelas unidades didáticas e suas respectivas cargas horárias.

¹⁴ Alvo, mira, objetivo, finalidade (DICIONÁRIO AURÉLIO MIGUEL, 2013).

Nas OTMs não são apresentadas nenhuma justificativa para esta divisão, supomos que a Luta ficou na mesma unidade didática da dança por ser o conteúdo que possui o menor número de metas a serem alcançadas, o que nos leva a pensar na ideia de tempo-meta, já que cada unidade escolar tem quase que a mesma quantidade de horas aula. No entanto, outras suposições podem surgir empiricamente, como, a disposição, o interesse ou os conhecimentos dos que elaboraram as OTMs acerca da Luta.

As metas estão presentes em todos os anos escolares da educação básica, do 1º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio. Todas seguindo os princípios curriculares estabelecidos como norteadores para as OTMs.

Ano escolar	Metas
1º ano	<ul style="list-style-type: none"> - Resgate do conhecimento do aluno sobre a Luta através da sua vivência; - Promoção de jogos/brincadeiras que propiciem a identificação dos fundamentos básicos da luta: ataque, defesa e controle; - Discussão sobre a diferença entre lutar e brigar, identificando a presença da Luta em locais destinados ao lazer e a saúde refletindo sobre peso e altura nas ações corporais.
2º ano	<ul style="list-style-type: none"> - Vivência de várias possibilidades de ação dos fundamentos da Luta: <ul style="list-style-type: none"> Ataque – empurrar, agarrar, puxar, desequilibrando o outro; Defesa - equilibrar-se, esquivar-se, livrar-se do outro; Controle – imobilizar, segurar, prender, gingar, visando dominar o outro; - Vivência dos fundamentos e regras básicas da Luta identificando diferentes posições do corpo e a concepção de postura nas ações relacionando-as aos cuidados necessários para não se machucar e não machucar o outro; - Discussão sobre a Luta e a convivência social enfatizando a não violência e o respeito ao outro.
3º ano	<ul style="list-style-type: none"> - Vivência dos fundamentos e regras básicas da Luta a partir da historicidade; - Promoção de jogos e brincadeiras, enfatizando ataque, defesa e controle na Luta; - Compreensão da relação existente entre as ações da Luta (ataque, defesa e controle) e seus benefícios para a saúde; - Identificação de semelhanças e diferenças presentes na Luta, elaborando uma definição de Luta a partir das vivências.
4º ano	<ul style="list-style-type: none"> - Vivência de modalidades da Luta, identificando ataque, defesa e controle específico das modalidades; - Pesquisa sobre as diferenças e semelhanças entre as diferentes lutas, relacionando as diversas etnias que compõem o povo brasileiro.
5º ano	<ul style="list-style-type: none"> - Vivência dos fundamentos e regras básicas de algumas formas de Luta; - Organização de Festival, onde se vivencie os fundamentos de alguns tipos de Luta escolhidas pelos grupos com regras adaptadas.
6º ano	<ul style="list-style-type: none"> - Identificação na Luta como uma das possibilidades de prática regular, relacionada à vida saudável, ao tempo livre, ao trabalho dos profissionais que atuam no âmbito do Esporte, da Educação; - Generalização dos fundamentos da Luta nas diferentes modalidades e confronto entre estes fundamentos e outras ações corporais existentes no Jogo, na Ginástica, na Dança, no Esporte.
7º ano	<ul style="list-style-type: none"> - A partir das experiências vivenciadas nas aulas, fazer uma análise comparativa com os outros temas da Cultura Corporal; - Conhecimento das regras oficiais de diversas modalidades de lutas.
	<ul style="list-style-type: none"> - Contextualização histórica das lutas através de textos, filmes e documentários; - Conhecimento das características das luxações e das distensões musculares

8º ano	mais comuns durante a prática das lutas e dos procedimentos emergenciais; - Organização de torneios com objetivo de integração e a vivência do conhecimento sistematizado.
9º ano	- Ampliação do conhecimento Luta tratando historicamente o desenvolvimento das práticas mediante vivências e no processo de pesquisa sobre o conteúdo; - Ampliação do conhecimento sobre as diferentes lutas e seus fundamentos básicos (ataque, luta e controle), organizando festivais, workshops e seminários para a comunidade escolar; - Experimentar em aula habilidades de ensino junto aos colegas menos experientes, trabalhando o conteúdo aprendido; - Socialização, de forma escrita e/ou falada, os conceitos, as atitudes, os processos e habilidades trabalhadas sobre os diferentes tipos de lutas.
1º ano EM	- Explicação da luta enquanto conhecimento da Cultura Corporal historicamente acumulada; - Compreensão da Luta relacionada à saúde, como elemento de exercitação, identificando-se perante as zonas de treinamento corporal; - Produção de conceito e caracterização da luta buscando equilíbrio entre o consumo de oxigênio e o gasto energético, assim como, estudo sobre obesidade e hábitos de vida saudável, visualizando dentre eles a exercitação do corpo nas lutas e outras práticas corporais, para o bem estar humano.
2º ano EM	- Reflexão sobre conceitos valores, hábitos, atitudes que constituem a Luta nas aulas de Educação Física escolar e em outros espaços e tipos da prática corporal, particularizando o estudo da Luta, confrontando a resistência orgânica geral e a resistência muscular localizado; - Reconhecimento das regularidades subjacentes às modalidades capoeira, judô, karatê; - Produção de texto escrito visando à compreensão e a explicação da Luta de forma contextualizada, reorganizando o conteúdo e apresentando uma nova síntese para comunidade escolar.
3º ano EM	- Compreensão de como a população local se utiliza das diversas formas de lutas para sua exercitação; - Conhecimento sobre alguns tipos de doenças, as quais têm indicação terapêutica nos exercícios físicos, tendo a Luta como uma das possibilidades; - Aprofundamento, através de pesquisa, do conhecimento Luta visando a sua compreensão e explicação contextualizada em diferentes espaços sociais.

Quadro 16 – Distribuição das metas em cada ano de escolarização nas OTMs.

Nas metas existentes para o eixo temático Luta, identificamos a presença dos princípios norteadores. Quanto à relevância social do conteúdo, destacamos pontos como o resgate do conhecimento do aluno a diferenciação entre a Luta e a briga, o estímulo a não utilização de atos violentos no cotidiano, a propagação do conteúdo em outros locais além da aula de Educação Física, como por exemplo, em festivais, além de que sua prática apresenta benefícios à saúde, troca de experiência com os menos experientes, reflexão acerca de valores sociais, etc.

Com relação à contemporaneidade dos conteúdos, consideramos relevante o estabelecimento de fundamentos na Luta, a vivência de novas modalidades de lutas desconhecidas, contextualizar a história do fenômeno Luta, tornar a Luta uma prática regular, conhecer sua relação com o surgimento de lesões, etc. Já para a adequação às possibilidades sócio-cognoscitivas do aluno, identificamos, o

reconhecimento dos fundamentos da Luta diante de ações do cotidiano do aluno, socializar o conhecimento no ambiente escolar e no não escolar, compreender como a população local se utiliza da Luta no dia-a-dia.

Para a simultaneidade dos conteúdos como dados da realidade, identificamos o trato simultâneo de conhecimentos, na possibilidade do aluno ao se deparar com a aprendizagem específica de alguma característica da Luta, está automaticamente inserido no contato com outros conhecimentos, ou seja, ao se deparar com uma meta de socialização dos conhecimentos acerca da Luta, ele está vivenciando/relembrando também os conteúdos já aprendidos anteriormente, sem serem repartidos ou tratados separadamente. O que reflete diretamente no princípio da espiralidade da incorporação das referências do pensamento, a cada nova aprendizagem acerca da Luta, o aluno qualifica sua interpretação, sua assimilação, sua sistematização e sua ampliação, sem desconsiderar o que já tem de acúmulo. E para a provisoriedade do conhecimento acerca da Luta, se dá através das pesquisas, do aprofundamento do conhecimento e das vivências.

Com tudo isso, concluímos que essas metas se tornaram mais uma ação pedagógica para a legitimação do conteúdo Luta nas aulas de Educação Física. Além de proporcionar caminhos metodológicos para a atuação do professor em sua prática pedagógica. No entanto, consideramos de extrema relevância e importância, a reflexão acerca de novos avanços para o ensino da Luta na escola. Pois, tomando como referência o acervo teórico das OTMs para a Luta, este não apresentou avanços, por se utilizar do mesmo referencial teórico da proposta Matriz Curricular de Referência das Competências em Educação Física para o Estado de Pernambuco de 2006. Caberia nas OTMs novas referências científicas e delimitações para o trato da Luta na Educação Física escolar, como é o caso de abordar outras modalidades de lutas além da capoeira, e/ou talvez ampliar as possibilidades do trato da Luta, a partir de exemplificações metodológicas.

Por meio deste capítulo, identificamos através das propostas curriculares que subsidiaram a prática pedagógica de diferentes professores de Educação Física escolar, em diferentes anos e décadas, sendo as OTMs a atual, como o conteúdo Luta esteve exposto teoricamente e metodologicamente na rede estadual de ensino de Pernambuco. Diante disto, percebemos avanços significativos ao longo dos anos, por exemplo o estabelecimento da Luta como um conteúdo próprio e específico, ou seja, sem estar inserido como uma atividade para o ensino de outros conteúdos

como é o caso na ginástica na proposta Contribuição ao Debate do Currículo em Educação Física: uma proposta para a Escola Pública, ou na dança na Coleção Professor Carlos Maciel - Subsídios para Organização da Prática Pedagógica nas Escolas, ou até mesmo nem estar na proposta como é caso da Coleção Professor Paulo Freire: política de ensino e escolarização básica.

Destacamos que inúmeros motivos possam esclarecer estas incógnitas, uma forma seria o acesso por meio de entrevistas com os professores de Educação Física que estavam atuando nas escolas do Estado de Pernambuco entre os anos de 1990 até 2006, quando foi implementada a Matriz Curricular de Referência das Competências em Educação Física para o Estado de Pernambuco, na qual a Luta é apresentada como conteúdo.

Fica assim, a expectativa de que a próxima proposta curricular de Pernambuco atenda qualitativamente os anseios dos professores que se deparam com a realidade da abordagem da Luta na escola; já que se encontra em fase de conclusão os Parâmetros Curriculares de Pernambuco¹⁵ para a Educação Física, que atenderá não só a rede de ensino pública estadual, mas também todas as redes públicas municipais de ensino do Estado, as quais, muitas não têm uma proposta curricular particular, nem se utilizam de uma proposta curricular como referência para a Educação Física escolar. Logo, esta nova proposta vem substituir não só as OTMs, mas contribuir na educação básica em Pernambuco. Documentos esses já disponíveis no site da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco para os demais componentes curriculares.

5.1 A Sistematização do conteúdo Luta nas OTMs

Várias propostas para a sistematização dos conteúdos na Educação Física são construídas na tentativa de melhorar a prática pedagógica do professor pelo Brasil. No Estado de Pernambuco, surge diante de um processo coletivo em 2010 as OTMs lançando uma proposta de ação que contribui para a qualificação da prática pedagógica do professor de Educação Física e que tem como princípios norteadores

¹⁵ No site da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco <http://www.educacao.pe.gov.br/portal/?pag=1&cat=36&art=1047> encontram-se os Parâmetros Curriculares de Pernambuco para os demais componentes curriculares.

a compreensão de formação humana, de currículo na escola, da dinâmica curricular e da realidade dos alunos. As Orientações Teórico-Metodológicas – OTMs, atual proposta curricular para a Educação Física no Estado de Pernambuco, propõem seleção, organização e sistematização dos conteúdos da Educação Física a partir de uma perspectiva crítico-superadora.

A pesquisa coletiva realizada por professores e alunos constrói significados para a Luta nas aulas de Educação Física escolar, identificando possibilidades para outras práticas diferentes do modelo atual de fragmentação do conhecimento e principalmente do não trato pedagógico dos seus conhecimentos. Estas relações permitem o aluno vivenciar diferentes formas de lutar, consigo mesmo, com o outro, em grupo, utilizando objetos, associando com o seu dia-a-dia, para que a apropriação deste conhecimento seja diferente da que ocorre fora da escola, a qual está muitas vezes relacionada exclusivamente à competição ou a violência por exemplo.

Neste contexto entendemos a Luta Corporal sendo uma das inúmeras formas de expressar e representar a cultura de um determinado povo. Onde a escola apresentará o papel de sistematizar este conhecimento através do componente curricular Educação Física.

Logo, o conteúdo Luta é um dos objetos de estudo da cultura corporal constitutivo da Educação Física escolar, tendo em sua composição uma grande diversidade de informações, ações e possibilidades de avanços teórico-metodológicos e perspectivas de inovações pedagógicas. Que não deve ser tratado como um auxílio pedagógico ao profissional de Educação Física, como diz (FERREIRA, 2006), ou seja, como uma ação sem sentido e sem significado para o processo de ensino e aprendizagem. De tal modo, quando discutimos as questões epistemológicas, entendemos que os diferentes povos e etnias ajudaram na construção e evolução das Lutas Corporais. Por esses fatores a Luta estabelece relações constantes com e nas sociedades onde está inserida, através de suas diferentes formas que são praticadas e desenvolvidas e, portanto, torna-se um significativo conteúdo a ser estudado nas aulas de Educação Física escolar (NASCIMENTO, 2008).

Porém, quanto à seleção, organização e sistematização deste conhecimento na escola ainda existe uma lacuna desta temática no âmbito escolar devido à fragilidade pela qual o fenômeno tem em sua fundamentação teórico-metodológica.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (1998), como diretrizes curriculares educacionais e uma das primeiras referências que trata do conceito Luta fenômeno cultural, definem a Luta como:

“Disputas em que os oponentes devem ser subjugados, de acordo com técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na junção de ações de ataque e defesa. Apresentam como característica fundamental a presença de uma regulamentação específica a fim de punir atitudes de violência e deslealdade” (p. 37).

A partir desta concepção da Luta nota-se uma preocupação com o fenômeno, mas de uma forma esportivizada, pois as categorias presentes são aspectos que enfatizam a aprendizagem dos movimentos através da prática. Além de que o trato da Luta nesta compreensão se remete a utilização desta contra fatores que levem a falta de respeito por parte dos alunos.

Estas características podem resultar na ausência do conteúdo Luta nas escolas e, quando existir, pode acontecer de ser ministrada por terceiros e desvinculada da disciplina de Educação Física, por meio de atividades extracurriculares ou por meio de grupos de treinamento.

Ao não considerar a Luta na prática pedagógica, ao descartá-la como conteúdo da disciplina de Educação Física, o currículo escolar desconsidera esta importante manifestação da cultura corporal e prejudica a formação do aluno (PARANÁ, 2009). Tomando como relevante o entendimento e evolução histórica e social desse conteúdo, o professor vai (re) significar a forma com que trata o conhecimento Luta nas aulas de Educação Física. A partir desta contribuição histórica, novos encaminhamentos surgem para qualificar a prática pedagógica, subsidiada por um processo de ação-reflexão-ação.

Na busca pela sistematização do conhecimento da Luta tomamos como base as OTMs do Estado de Pernambuco por entender que esta proposta curricular tem a intencionalidade de qualificar a prática pedagógica dos professores da rede estadual de ensino.

As OTMs apresentam um expressivo referencial teórico e metodológico para os eixos temáticos da cultura corporal, capazes de transformar o entendimento ou direcionar o conhecimento a novas perspectivas para aprofundar os conhecimentos

acerca da ginástica, da dança, da Luta, dos jogos e brincadeiras e do esporte. Com relação ao conteúdo Luta, nosso tema de pesquisa, a historicidade se apresenta como marco inicial para sua compreensão, para que haja o entendimento de sua existência, das possibilidades desta ser realizada e os motivos pelos quais é representada por diferentes e inúmeras manifestações pelo mundo, para só assim ser inserida no âmbito da educação.

De modo geral a Luta, segundo Pernambuco (2010, p. 26),

precisa ser abordada levando em consideração, em primeiro lugar, os aspectos de organização da identificação e da categorização dos movimentos de combate corpo-a-corpo. Depois, abordando a iniciação da sistematização desses movimentos, a partir da compreensão do sentido/significado de cada uma de suas formas. Por fim, chegando até a ampliação dessa sistematização, de maneira que sejam compreendidas as técnicas mais aprimoradas e sejam criadas outras formas de combate.

Isto resulta num salto qualitativo para o conteúdo Luta, pois trata de aspectos metodológicos, distinguindo os diferentes conhecimentos para os ciclos de aprendizagem^{16,17} relacionados à Educação Física escolar.

Os conhecimentos da cultura corporal vivenciados nas aulas de Educação Física são organizados através de unidades didáticas como ação de apoio ao trabalho pedagógico do professor, organizando-se a partir do desdobramento de metas, sínteses e procedimentos e os conhecimentos presentes na escola (PERNAMBUCO, 2010). Assim, conforme as OTMs o eixo temático Luta se encontra na segunda unidade didática juntamente com o conteúdo Dança.

De acordo com os ciclos de aprendizagem presentes nas OTMs o conteúdo Luta é organizado nos diferentes anos escolares a partir de objetivos específicos. Do 1º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, compreendendo os quatro níveis de escolarização da educação básica, partindo do nível de abstração

¹⁶ Com base no Coletivo de Autores (2012), os ciclos de aprendizagem são um processo de organização do pensamento sobre o conhecimento, mediante a formação de representações, generalizações e regularidades, com a finalidade de atribuir níveis sucessivos, sem pontos fixos, promovendo a passagem espiralada ao tratar o conteúdo em progressão contínua, partindo da condição dos aprendizes na interação social.

¹⁷ O currículo por ciclos procura reorganizar os tempos e espaços escolares, no intuito de agrupar as crianças, principalmente por idade, despreocupando-se com o enquadramento hierárquico dos saberes. Uma intencionalidade pedagógica para com os conteúdos, objetivos, habilidades e disciplinas pode partir do professor, mas não pode se encerrar nele mesmo. Esta deve chegar, de maneira propositiva, a confrontar-se com as características coletivas e individuais dos alunos, permitindo uma heterogeneidade e diversidade nos ritmos e formas de aprendizagens e buscando construir uma lógica dialética para a estruturação do pensamento (SOUZA JÚNIOR, 2007b, p. 89).

até o nível e capacidade do discente ampliar e aprofundar os conhecimentos vivenciados durante toda sua vida escolar.

Para isso além das unidades didáticas, as próprias aulas também foram sistematizadas para garantir que os conhecimentos da cultura corporal sejam desenvolvidos e discutidos na sua práxis. Pernambuco (2010, p. 57) destaca três fases: a apresentação e discussão com os alunos dos conteúdos e objetivos, buscando as melhores formas de organização e execução; a apreensão/produção do conhecimento; e a conclusão e avaliação a partir do realizado levantando possibilidades para as aulas seguintes. Estas etapas permitem o aluno refletir, dialogar, criticar, percebendo-se como sujeito que também tem possibilidades de se apropriar dos diferentes conhecimentos que o cercam.

Esta organização teórico-metodológica que influencia os conteúdos com base em aspectos norteadores traz uma nova perspectiva de trato pedagógico para o conteúdo Luta.

Portanto, as OTMs trazem com base na perspectiva crítico-superadora uma nova proposta metodológica para o eixo temático Luta no âmbito da Educação Física escolar, na seleção, organização e sistematização dos conteúdos desta área de conhecimento, identificando e destacando objetivos e metodologias. Para que o discente alcance durante todas as fases dos ciclos de aprendizagem a apropriação da historicidade, dos conceitos, das diferentes modalidades da Luta, das regras, dos espaços utilizados a prática, da relação com contexto atual que a caracteriza em meio ao mundo.

Contextualizar os conhecimentos vivenciados com seu cotidiano, com as finalidades que a sociedade busca através deste fenômeno, relacionando a Luta com o lazer, com o trabalho, com a educação, com a saúde e com as outras práticas da cultura corporal permite o aluno desenvolver seus próprios conceitos e entendimentos sobre a Luta Corporal. Sempre construindo e refletindo com os outros alunos e professores as características e particularidades deste conteúdo.

É importante que, para a aprendizagem do aluno acerca da luta, diferentes conhecimentos devam ser tratados, e principalmente que estes estejam interligados, com a história da luta, sua relação com a evolução da humanidade, os instrumentos/objetos que eram utilizados como armas/implementos, as diferentes modalidades de lutas, de artes marciais e de esportes de combate, suas aproximações e distanciamentos, os fundamentos de ataque, defesa e controle que

definem a forma como esses acontecem, regras, locais de prática, graduação, musicalidade, campeonatos, principais praticantes, relação com a atualidade, com a mídia, saúde, trabalho. Diferença dos demais conteúdos da Educação Física. Enfim, há uma diversidade de conhecimentos acerca do conteúdo Luta que é essencial para a aprendizagem do aluno, nos diferentes níveis de seu processo de escolarização.

Por isto, optamos investigar a Luta na rede estadual de ensino de Pernambuco, por esta além de apresentar diversas informações, ter uma proposta curricular que subsidia a prática pedagógica dos professores de Educação Física.

CAPÍTULO VI

A MATERIALIZAÇÃO DA LUTA EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM PERNAMBUCO

Neste capítulo, buscamos compreender, a partir das análises dos programas de ensino, das observações realizadas em escolas públicas da rede estadual de Pernambuco, com subsídio de diários de campo e de filmagens e por meio de entrevistas semi-estruturadas junto a dois professores desta mesma rede de ensino, como os conhecimentos acerca da Luta são selecionados, organizados e sistematizados em sala de aula na educação básica.

6.1 A Luta nos programas de ensino dos professores

O acesso aos documentos dos professores pesquisados, correspondentes aos programas de ensino e outros materiais, tais como, slides, textos didáticos e provas para avaliação, permitiu um acúmulo de referências para compreender como os professores tratam pedagogicamente o conteúdo Luta.

Ao todo para o PF1 tivemos acesso ao seu programa de ensino, a três (03) slides, um (01) referente a fenômeno Luta, um (01) acerca do judô e mais um (01) que aborda a capoeira. E por fim, uma (01) prova escrita contendo questões sobre conhecimentos da Luta, do judô e da capoeira. Já com o PF2 obtivemos seu programa de ensino referente ao conteúdo Luta e mais dois (02) slides, um (01) indicativo ao judô e um (01) outro à capoeira. Este professor também disponibilizou dois (02) vídeos sobre o judô e a capoeira. Além de cinco (05) textos didáticos utilizados em sala de aula com os alunos, que tratam sobre cinco (05) modalidades de lutas, o boxe, o muay thai, a capoeira, o judô e o kung fu.

Na análise dos dois programas de ensino, encontramos algumas diferenças e particularidades em cada documento. No programa do PF1 nos deparamos com os

seguintes itens que o estrutura: Objetivos, Conteúdos/Eixos Temáticos, Nº de Aulas, Situações Didáticas (Procedimentos Metodológicos) e por fim, Avaliação (Estratégias, Instrumentos e Critérios), e neste temos o termo lutas. E no programa do PF2 são definidos as Competências/Habilidades e os Conteúdos/Detalhamento para o conteúdo que se utiliza do termo Luta. Enfatizamos que ambos os programas de ensino são voltados às turmas do ensino médio, que são os níveis de escolarização que os professores lecionam.

A partir dos programas de ensino, identificamos como objetivos específicos e competências para o ensino da luta:

Objetivos/Competências específicas para o ensino da luta	
PF1	PF2
Compreender o histórico e a evolução das lutas.	Resgatar o histórico, social, afetivo, religioso, político e econômico da luta enquanto cultura corporal.
Diferenciar Luta de Briga, analisando objetivos e principais fundamentos (ataque, controle e defesa).	Compreender a luta como elemento de exercitação relacionada à saúde.
Conhecer os diferentes tipos de lutas: orientais, ocidentais e lúdicas.	Compreender os aspectos de organização da identificação e da categoria dos movimentos de combate corpo a corpo, compreendendo o sentido/significado e cada uma de suas formas.
	Compreender a luta como elemento de exercitação relacionada à saúde.
	Conceituar e caracterizar a luta resgatando seus aspectos históricos, sociais, políticos, econômicos e religiosos.
	Correlacionar às lutas priorizando as origens do negro, do branco e do índio.
	Refletir sobre conceitos, hábitos e atitudes que constituem a prática das lutas em vários espaços e tempos da prática corporal.
	Compreender e explicar as lutas de forma contextualizada.

Quadro 17 – Objetivos e competências propostos pelos professores.

No programa de ensino do PF1 os objetivos, ou seja, o que se quer alcançar por parte do aluno, gira em torno da historicidade das lutas, da diferenciação da luta das brigas e do contato com diferentes tipos de manifestações de luta. Já no programa de ensino do PF2 encontramos a partir das competências que são formadas por habilidades, atitudes e conhecimentos que visam uma ação para uma

determinada situação, temas como a historicidade, juntamente com questões sociais, religiosas, políticas, econômicas e afetivas; A relação da luta com a saúde; A identificação dos movimentos e dos sentidos e significados de cada modalidade de luta; A relação da luta com as origens do negro, do branco e do índio; A reflexão de conceitos, hábitos e atitudes por meio de diferentes lutas; E por fim, a busca pela contextualização das lutas.

Para o ensino da Luta, ambos professores seguem indicações de autores como Arruda e Piletti (1995), Archanjo (2005) e Pio (2011) que orientam o estudo da Luta a partir de sua historicidade, como forma de compreensão dos fatos que cercam este fenômeno desde sua origem com os homens pré-históricos até os contextos sociais atuais da humanidade.

Logo, percebem-se duas características distintas para a formação do estudante, uma que prioriza algo intencional, porém determinante, ao se tratar de objetivos, ou seja, é o que se espera do aluno a partir daquele modelo de ensino. E do contrário, a partir das competências, pensa-se nas possibilidades existentes, nas quais o aluno possa interagir com o conhecimento, de modo que o domine assim como o aplique nas aulas e no seu dia-a-dia, na interação com os demais sujeitos. Ao olharmos para ambos os programas de ensino, percebemos que o do PF2 apresenta mais situações didáticas do que o do PF1. Ao levar em consideração as OTMs que estabelecem um tempo pedagógico para o ensino da luta igual em toda rede de ensino, apontamos uma diferença importante entre as duas práticas pedagógicas.

Quanto aos conteúdos e/ou eixos temáticos, os professores estabelecem os seguintes:

Conteúdos e/ou eixos temáticos	
PF1	PF2
Histórico e evolução das lutas.	Resgate histórico, social, afetivo, religioso, político e econômico das lutas.
Artes Marciais (Orientais e Ocidentais), Lutas Modernas (MMA, UFC, WWE) e Lutas Lúdicas (jogos e brincadeiras populares com lutas).	Relação do negro, branco e do índio com as lutas.

Judô e capoeira (ênfase).	Relação das lutas com a saúde: Gasto energético; Obesidade; Hábitos de vida saudável.
	Exercitação do corpo nas lutas: Fundamentos gestuais e de organização: golpes e defesas, ritmo e, exposição/feira e vestimenta.
	Temas sociais: Violência, preconceito e valores, a luta na sociedade.

Quadro 18 – Conteúdos e/ou eixos temáticos.

Podemos destacar quanto aos conteúdos, que assim como nos objetivos/competências, o PF2 se apresenta mais detalhista na hora de redigir o programa de ensino, o que pode levar a uma prática pedagógica mais concisa. No entanto, ambos os professores mantêm uma coerência dos conteúdos com o item anterior exposto, o que também qualifica o processo de ensino e aprendizagem. O PF1 mantém uma relação dos conteúdos com os conhecimentos específicos da Luta e com algumas de suas modalidades, diferentemente do PF2 que apresenta elementos associados a questões além do conteúdo específico, principalmente sobre temas que envolvem diretamente características da sociedade, como é o caso da saúde, da violência, da religião. No entanto, destacamos o trabalho dos professores em mostrarem que há sim um conteúdo específico acerca da Luta a ser tratado pedagogicamente nas aulas de Educação Física escolar, aspecto contrário ao que estudos científicos propostas curriculares apresentam, como foi visto anteriormente, principalmente quando a Luta está inserida em outra área de conhecimento, como por exemplo, no esporte.

Nesse item, ao levar em consideração a realidade dos professores e do que está exposto nos programas de ensino, destacamos a importância de existir uma complementação entre estes dois documentos ao se elaborar os objetivos/competências para o ensino da Luta, para qualificar as aulas em sala, já que cada um, por meio do que identificamos, apresenta uma ênfase maior em determinados assuntos, o que pode ser ou não igual durante a prática pedagógica dos professores, ou seja, o que aqui apontamos como uma ausência de conhecimento ou intenção de abordar alguns aspectos pode ser contemplado em sala de sala, mesmo não contando no programa de ensino.

Em seguida buscamos compreender como se dava a metodologia aplicada ao ensino da Luta nas aulas dos professores. Para tal montamos o quadro a seguir que apresenta os elementos em destaque pelos professores nos programas de ensino, no intuito de nortear uma das fases da sistematização do conteúdo Luta.

Situações/Estratégias Didáticas/Procedimentos Metodológicos	
PF1	PF2
Aulas teóricas e práticas	Leitura e interpretação de texto
Exposição de Vídeos	Problematização dos conteúdos
Apresentação de Slides	Resolução de exercícios
Atividades Recreativas: Jogos de Lutas (lúdicas)	Discussão dos conceitos
	Exibição de vídeos
	Aula expositiva
	Apresentação de trabalhos
	Construção de materiais.

Quadro 19 – Estratégias Didáticas/Procedimentos Metodológicos.

A metodologia utilizada é um dos principais pontos que busca a consolidação do conteúdo Luta na escola. É por meio dela que o aluno se aproxima do conhecimento e se apropria dele. Após definir os objetivos e os conteúdos a serem tratados em sala de aula, cabe ao professor também definir como se dá metodologicamente o ensino dos conhecimentos acerca dos conteúdos. Esta definição ocorre por meio de sua experiência acumulada em sua prática pedagógica, em seus estudos e pesquisas, e por meio do conhecimento das características da turma que será contemplada. Vimos no estudo das propostas curriculares a nível estadual que são apresentadas diferentes metodologias para o ensino da luta, como pesquisa, leitura, vídeos, visitas etc.

A partir da análise dos dois programas de ensino, encontramos algumas diferenças na metodologia utilizada pelos professores. O PF1 em seu programa

define que as aulas acontecem tanto de forma teórica quanto prática, ou seja, estabelece uma práxis no ensino dos conhecimentos da Luta, diferentemente do PF2 que no documento apenas apresenta aulas expositivas como alternativa para o processo de ensino e aprendizagem. Para tal, apontamos a necessidade da realização de aulas práticas, por ser um momento em que as experiências surgem e os alunos interagem com o conhecimento de uma forma diferente, ou seja, além da leitura, da escrita etc, que vem a somar no seu aprendizado. Enfim, ambos os professores proporcionam situações metodológicas concretas que se assemelham com as OTMs, ao definirem intencionalmente suas práticas pedagógicas por meio de situações didáticas ao utilizarem vídeos, slides, atividades específicas da Luta, a leitura, a problematização, a resolução de exercícios etc, possibilitam ao aluno diferentes contextos para a aprendizagem. Características como estas, mostram que para o ensino da Luta, não cabe mais apenas a realização motora dos movimentos, mas sim, a vivência, por parte do aluno, de inúmeras situações que somadas qualificam seu entendimento. Cabe ao professor definir, construir e colocar em prática o mais adequado percurso metodológico.

O último aspecto apresentado nos programas de ensino é o que trata da avaliação. O PF1 estabelece uma avaliação específica para a Luta, a qual se aproxima em alguns itens dos processos avaliativos dos demais conteúdos (ginástica, dança, jogo e esporte), já o PF2 traz em seu programa de ensino uma avaliação única, que deve ser aplicada para todos os conteúdos da Educação Física escolar.

Avaliação	
PF1	PF2
Avaliação Processual (análise individual do desempenho): <ul style="list-style-type: none"> • Produção e interesse pessoal; • Participação; • Frequência; • Pontualidade. 	Diagnóstica: <ul style="list-style-type: none"> • Avaliação Biométrica (PAR-Q, Peso, Estatura, Cálculo do IMC e do IAC). • Dinâmicas de Grupo;
Avaliação Escrita (prova com questões subjetivas e de múltipla escolha).	Formativa: <ul style="list-style-type: none"> • Exercícios; • Debates; • Testes; • Observação.
	Somativa: <ul style="list-style-type: none"> • Trabalhos individuais e em grupo;

	<ul style="list-style-type: none"> • Prova; • Ficha de participação.
--	--

Quadro 20 – Avaliação da Luta nos programas de ensino.

A avaliação, assim como outros aspectos didáticos, é essencial num processo de ensino e aprendizagem. A avaliação tanto pode estimular, promover, gerar crescimentos e avanços, e levar o aluno ao sucesso, como também pode desestimular, frustrar, impedir o progresso, conduzindo-o ao fracasso. Logo, para trabalhar a avaliação na prática pedagógica no processo de ensino e aprendizagem é preciso uma reflexão sobre esta prática, já que avaliar necessita da relação do corpo pedagógico da instituição, do projeto político pedagógico, do currículo, das legislações, das demais disciplinas. É a partir daí que analisamos o processo de aprendizagem do aluno, com qualidade ou com dificuldade.

Mais uma vez ao analisarmos os dois programas de ensino, encontramos diferenças significativas, desta vez na avaliação. A LDB 9.394/96 aponta que a avaliação deve ser contínua, cumulativa e que os aspectos qualitativos devem prevalecer sobre os quantitativos. Portanto, a ênfase deve ser dada não ao ensinar e sim ao aprender. Segundo Pernambuco (2010) a função da avaliação não é detectar déficits, mas sobretudo, analisar, interpretar, tomar decisões para orientar a melhoria do processo ensino-aprendizagem. Ao tomarmos como base estes argumentos, identificamos algumas características importantes em ambas as avaliações.

O PF1 apresenta dois nortes: um em que a avaliação ocorra de modo processual, na qual a importância se dá supostamente pelo acompanhamento do aluno por meio de diferentes aspectos, inclusive já citados, produção, participação, frequência e pontualidade, algo que remete a questões quantitativas no momento de avaliar, pois ocorre uma ênfase em itens que não avaliam a relação da aprendizagem do aluno com o conhecimento e sim aspectos que envolvem sua presença e/ou ausência em sala de aula. Neste caso corroboramos com Pernambuco (2010, p. 58), que tendo em vista que a Educação Física é um componente curricular com um corpo de conhecimento próprio, não cabe mais avaliar apenas por participação, frequência e rendimento atlético/físico. Fato que também acontece com o PF2 quando apresenta em sua avaliação diagnóstica uma

avaliação biométrica (PAR-Q, Peso, Estatura, Cálculo do IMC e do IAC), na formativa a observação e na somativa a ficha de participação.

Com relação à segunda avaliação do PF1, na avaliação escrita, observamos a existência de questões subjetivas e questões de múltipla escolha, o que possibilitada à avaliação ocorrer também por meio de procedimentos qualitativos, como no caso das questões subjetivas, em que os alunos estão habilitados a realizá-las, introduzindo suas opiniões, reflexões, críticas e conclusões. Aspecto semelhante à avaliação formativa elaborada pelo PF2 ao apresentar o item debates, em que os alunos, assim como nas questões subjetivas, encontram-se capazes de interagir qualitativamente em sala de aula, com o professor e com os demais alunos.

Os professores demonstraram no decorrer de seus programas de ensino semelhanças e distanciamentos. Ao tomar como base as OTMs que norteiam a rede pública de ensino de Pernambuco, identificamos que há uma necessidade dos professores buscarem meios para qualificá-los, já que norteiam suas práticas pedagógicas e que por fim incidem na aprendizagem dos alunos. Destacamos também, apesar de ser um dever do professor manter um programa de ensino, a simples elaboração destes documentos por eles é extremamente válido para o cotidiano da sala de aula, pois o programa de ensino é um importante instrumento para a organização dos conhecimentos acerca da Luta.

Enfim, na Educação Física escolar, em especial no trato pedagógico do conteúdo Luta, os aspectos qualitativos podem se apresentar de diferentes maneiras, portanto são imprescindíveis que estes aspectos sejam determinantes na escolha e definição de objetivos, conteúdos, procedimentos metodológicos e avaliação.

6.2 Um diálogo com a Luta das escolas públicas estaduais de ensino de Pernambuco

Compreendendo o que foi registrado pelos professores em seus programas de ensino, e baseado nos estudos presentes na revisão de literatura e na análise das diferentes propostas curriculares estaduais e do Estado de Pernambuco, que damos início a análise das observações e das entrevistas, tomando como base as categorias seleção, organização e sistematização do conteúdo Luta.

Inicialmente, optamos a partir das falas dos professores, por compreender qual o entendimento deles acerca da Luta como fenômeno, conhecimento e conteúdo, no intuito de perceber como o PF1 e o PF2 abordam o conteúdo em voga na Educação Física escolar. O PF1 estabelece um nexos entre a Luta como conhecimento a ser tratado na prática pedagógica com a Luta do dia-a-dia, relacionada às dificuldades que cada sujeito social passa e com as influências do cotidiano, como por exemplo, da mídia.

No contexto atual analisando não só os conteúdos da Educação Física, como a dimensão que a Luta tem tomado ultimamente, sobretudo pela exposição e exploração da mídia, eu acho que a Luta está aí, além dela já existir no nosso dia-a-dia, no cotidiano, as lutas que a gente vive e não percebe, existe também as lutas estruturadas, e a gente precisa também passar para o aluno que esse fenômeno que vem crescendo a cada dia, ele tem um histórico, uma tradição, que precisa além de ser mantido, preservado e precisa ser entendido (PF1).

Para Ramos (1982), Brousse *et al.*, (1999) e Archanjo (2005), o fenômeno Luta apresenta diversas características que não só representam este conhecimento, mas que também concebem elementos significativos para a humanidade. Como o PF1 destaca, é preciso que os professores de Educação Física assumam esta responsabilidade durante o ensino, em prezar por algo que representa diferentes povos e suas respectivas culturas.

O PF2 corrobora com a ideia da Luta estar presente também além da sala de aula, ou seja, não só como conteúdo, mas com relação à sobrevivência do dia-a-dia.

A Luta é uma ação motora tanto de defesa quanto de ataque. Não só existe, dentro do Esporte em si, da Luta em si, do embate, mas também por meio do embate pra vida mesmo, os alunos e nós mesmos estamos sempre lutando para sobreviver. No caso a Luta para mim nesse contexto de modo geral, é bem mais ampla (PF2).

Ambos professores apresentam em suas concepções acerca da Luta elementos presentes nas OTMs, como historicidade, fundamentos, aspectos do cotidiano dos alunos. O PF1 mostra preocupações em preservá-la e pedagogizá-la para que conseqüentemente seja compreendida pelo aluno. Para isso aponta a importância de que seja mantida ou inserida nas aulas de Educação Física, já que esta tem, segundo Darido e Rangel (2005), o papel de formar cidadãos, sendo a escola o ponto de partida. O PF2 também deixa evidente a necessidade de abordar a Luta de uma forma pedagógica desvinculando-a de alguns contextos que ela está presente.

A Luta tem alguns itens que o aluno não consegue compreender só visualizando, sem vivenciar, sem identificar, sem compreender as questões que existem por trás da Luta (PF1).

Cabe ao professor regular da melhor maneira a forma de tratar a Luta. Não tratar como uma forma de brigar, especificamente como uma arte da guerra, mas trabalhar a Luta como um conhecimento. Trabalhar de uma forma pedagógica (PF2).

Ao serem questionados se a Luta deve ser tratada nas aulas de Educação Física escolar, os dois professores foram enfáticos em dizer que sim. Como destaca Cordeiro (2011), para que a Luta seja tratada como conteúdo em sala de aula, é necessário que seja apresentado elementos que condizem com a realidade social dos alunos. No entanto o PF1 deixa claro que do seu ponto de vista algumas precauções devem ser tomadas ao lecionar sobre a Luta.

Eu como professor de Educação Física e de judô, a minha preocupação é que nem todas as lutas podem e devem ser tratadas pedagogicamente dentro da escola. Porque algumas lutas têm um contato físico exagerado, que pode causar lesões. Mas, algumas lutas como capoeira, como judô e outras artes marciais que tem alguma preocupação maior principalmente com a questão da segurança do aluno, eu acho que elas podem ser tratadas naturalmente na Educação Física (PF1).

O PF1 mostra sua preocupação em tratar determinados tipos de lutas no ambiente escolar. Esse aspecto do contato físico exagerado acaba influenciando a decisão do professor na hora de selecionar as modalidades de lutas a serem estudadas. Podemos pensar se o ensino dessas outras modalidades que

apresentam maior contato físico se não seriam um desafio ao professor em qualificar sua prática pedagógica. Aspecto que também contribuiria para a formação do aluno. Pois, existem locais e países em que diferentes modalidades de lutas são escolarizadas, nas quais o contato físico exagerado é superado através do diálogo, da conscientização e da compreensão de sua importância para a formação do cidadão.

Esse aspecto do contato físico exagerado que pode depender dos alunos, levar à violência ou a uma agressividade além do permitido, o PF2 deixa claro que a primeira coisa que se deve pensar ao tratar o conteúdo Luta é a necessidade de existir respeito entre os alunos devido algumas características apresentarem um contato físico maior.

Sempre quando a gente fala da Luta, deve ter esse cuidado de não encarar a pessoa, o seu oponente, não como seu inimigo, ele é seu oponente, mas a partir do momento que se trabalha a questão da Luta, ele não vai ser só apenas seu adversário. Acabou o momento da Luta, ele passa a ser o seu companheiro, no caso o seu colega (PF2).

É preciso que o professor ao tratar pedagogicamente a Luta, que ele estabeleça critérios favoráveis a manutenção da ordem e do respeito em sala de aula, que seja evitado as relações mais comprometedoras que resultem em situações de brigas e violência, que não condizem com o ambiente escolar. Pois, num local de aprendizagem não é tolerável atitudes como estas, como defende Nascimento (2008), ao destacar que a escola nunca foi e muito menos será um ambiente de formação de lutadores em nenhuma modalidade de luta específica. Além de que o aluno tem que, acima de tudo, saber preservar a saúde do colega assim como a sua também. A empolgação que gera nos alunos certas situações desconfortáveis à manutenção da ordem ao vivenciarem a Luta, pode acontecer devido à boa parte deles terem o primeiro contato com os conhecimentos acerca da Luta na escola.

Sempre no início do ano letivo eu mostro para eles, principalmente no 1º ano, um resuminho do programa de ensino, dos conteúdos da Educação Física. Ai quando mostro à questão da Luta, alguns têm aquele choque, outros ficam empolgados: “a gente vai ter prática de Luta?” (PF2).

A partir da fala do PF2 percebe-se que muitos dos alunos passam a conhecer a Luta de um modo educativo apenas quando ingressam na escola. Até então eles não apresentam um nível de interpretação da realidade acerca da Luta como conhecimento, apesar de praticá-la no seu dia-a-dia, na escola ou em sua comunidade. Gomes (2008), reforça que em casos como este, é essencial que o professor trabalhe com o ensino da Luta de uma forma global, sem direcioná-la para suas especificidades.

Diante disto, o PF1 acredita que o entendimento do aluno fora da escola, principalmente ao ter como base o que a mídia produz para a sociedade, pode influenciar na sua aprendizagem, ou seja, o aluno cria concepções que não são sistematizadas e as toma como argumento e muitas vezes em forma de atitude para sua realidade.

O aluno quando vem de casa, ele traz uma bagagem que é própria, ele tem uma experiência que é de casa, tem uma experiência que é da rua e tem uma experiência que é da mídia, e essa em último caso, é extremamente destrutiva com relação ao que tentamos passar dentro da escola. Porque eles têm uma imagem deturpada da maioria das lutas que se conhece né? (PF1).

Este discurso do PF1 mostra o quanto a mídia atualmente pode dificultar o processo de aprendizagem do aluno, devido sua forma de abordar os conhecimentos que interessam à sociedade, neste caso em especial, os que se aproximam da Luta. Porém, esse distanciamento da Luta no ambiente escolar não se dá apenas por causa da mídia, pois uma escola em que o aluno estudava, caso não tratasse a Luta nas aulas de Educação Física, isto também, influenciaria na formação intelectual do aluno. Enfim, aspectos como estes mostram uma rica realidade que contribui para a seleção, organização e sistematização dos conhecimentos acerca da Luta. Além de que na escola a Luta pode se manifestar de diferentes formas e em diferentes momentos, como revela o PF1.

Se você observar hoje em dia no intervalo, por exemplo, sobretudo nas escolas de ensino fundamental, as brincadeiras que acontecem mais no intervalo são brincadeiras de Luta, são brigas, é cabo-de-guerra, é o

queimado, é a barra-bandeira. São brincadeiras que envolvem indiretamente a Luta e que eles estão ali disputando de algum modo alguma coisa (PF1).

Essa realidade é observada nas OTMs, na qual a Luta está representada por diferentes atividades, como as citadas pelo PF1.

Mais uma vez enfatizamos a existência do fenômeno Luta na escola. O mesmo já faz parte do cotidiano escolar. Então como o professor de Educação Física da educação básica vai abordar este conteúdo? Sabendo que na escola provavelmente será um dos poucos se não o único ambiente, no qual os alunos terão a oportunidade não só de conhecer a Luta, mas de vivenciá-la de uma forma sistematizada durante suas vidas, sob a supervisão e atuação de um professor que tem em sua formação um acúmulo de elementos didáticos e pedagógicos para tornar o ensino da Luta algo mais acessível e compreensível pelos alunos. Estas características foram observadas durante a prática pedagógica dos professores que tiveram que utilizar diferentes concepções, contextualizações, problematizações, análises e sínteses em sala de aula para contribuir na aprendizagem dos alunos.

No que se refere à seleção do conteúdo Luta, novamente ambos os professores apresentam características próprias, o PF1, inicia sua fala abordando o que as OTMs sugerem a ser tratado pedagogicamente e faz uma crítica construtiva no sentido de que, apesar das OTMs apresentarem uma divisão de conteúdos, ainda carece de uma especificação maior, devido a isto, o professor argumenta a dificuldade que se tem em selecionar conhecimentos diferentes a serem tratados nos diferentes anos escolares.

Na questão que eu falo da seriação, você tem o ensino fundamental do 5º ao 9º ano e você tem o ensino médio do 1º ao 3º ano. Acaba que na prática a gente trabalha muito parecido. Tanto é que o planejamento que a gente aplica no ensino médio hoje no colégio, ele é um só, 1º ao 3º ano, o que muda é a hierarquização dos conteúdos (PF1).

Apesar de apresentar o aspecto da hierarquização dos conteúdos, o fato de na prática pedagógica, as aulas se parecerem, isto resulta numa desqualificação da

aprendizagem do aluno. Pois, na medida em que os mesmos conhecimentos são tratados durante alguns anos de escolarização do aluno por repetidas vezes, faz com que ele se limite na hora de compreender as diferenças presentes, que ele perca o interesse pelo assunto e por muitas vezes disperse da aula, principalmente ao perder o foco e a concentração. Durante as observações das aulas do PF1, notamos semelhanças significativas entre as aulas dos 1^{os} e 2^{os} anos. Apesar de se encontrarem no mesmo ciclo indicado pelas OTMs como de aprofundamento da sistematização do conhecimento – ensino médio (PERNAMBUCO, 2010, p. 19), não condiz com as OTMs nos itens acerca das atividades propostas nas unidades didáticas, que correspondem às metas previstas para cada ano escolar (PERNAMBUCO, 2010). Logo necessita de uma atenção maior por parte do professor na hora de selecionar os conteúdos a serem tratados, para que realmente ocorra uma diferenciação teórica e metodológica.

O PF2 ao ser questionado como seleciona os conhecimentos a serem tratados referentes ao conteúdo Luta, explica que, na escola de referência onde trabalha, há dois anos recebeu da Secretaria de Educação um programa de ensino pronto, feito a partir das OTMs, mas que não foi disponibilizado pelo professor, devido o mesmo já ter feito alterações no documento original durante esse tempo, que resultou no programa de ensino que se encontra em anexo (ANEXO 4). O professor explica que tenta trabalhar com modalidades de Luta que se distanciam na sua essência.

Eu tento trabalhar sempre com a ideia de 2 lutas um pouquinho diferentes, principalmente 1 modalidade de Luta do oriente e 1 Luta do ocidente. Eu tento sempre trabalhar essas 2 que são duas vertentes, normalmente tem a questão das filosofias, a questão do motivo do surgimento, tudo isso a gente tenta trabalhar, até a atitude de comparação, normalmente eu não escolho lutas parecidas, similares, eu tento escolher 2, de duas realidades diferentes, de surgimento. Até pra eles poderem ter essa ideia e essa comparação, uma modalidade olímpica e outra não, até a gente comparar porque uma é modalidade olímpica e outra não se tornou, é até mais fácil, e até pra eles vivenciarem, visualizarem essa luta, essa comparação, eu acho mais interessante (PF2).

O PF2 esclarece uma das características de como seleciona os conhecimentos a serem tratados e apresenta uma justificativa ao selecionar uma

modalidade de Luta advinda do ocidente e outra do oriente, ao apontar as características que fundamentam estas lutas, percebe que o antagonismo entre elas permite ao aluno uma possibilidade em compreender diferenças pertinentes ao aprendizado.

Ao serem questionados acerca de quais materiais e fontes são utilizadas para a seleção dos conhecimentos sobre o conteúdo Luta, ambos os professores deixam claro que têm como base de pesquisa as OTMs, no entanto, outros recursos didáticos estão presentes durante a aula e por meio deles resumisse que outros estudos além das OTMs são utilizados, por exemplo, durante as observações do PF2, o professor utilizava em sala de aula, vídeos, slides, textos didáticos, situação semelhante ao PF1, que trazem conhecimentos além das OTMs, como imagens, reportagens, outros conceitos, como vistos nas propostas curriculares do Paraná (2008), Maranhão (2009), Acre (2010) e Rondônia (s.d.). Circunstâncias que são orientadas em algumas propostas curriculares, principalmente com relação à utilização de vídeos para o ensino da Luta. Aspecto que não está presente nas OTMs.

O PF1 responde que se utiliza de inúmeras fontes e condições para selecionar os conteúdos que trata pedagogicamente nas turmas de 1^{os} e 2^{os} anos.

Bom, eu tenho uma biblioteca pessoal em casa, com todos os conteúdos da Educação Física, uns 200 títulos mais ou menos onde eu faço minhas pesquisas (PF1).

No discurso o professor aponta uma das possibilidades para a categoria empírica seleção, o caminho de se utilizar livros específicos que abordem conhecimentos sobre a Luta. Pois, na própria escola ao analisar os livros disponíveis na biblioteca, para o PF1 os que têm não contemplam a realidade da sala de aula e da escola.

A biblioteca da escola além de ser pequena, ela tem poucos títulos de Educação Física e os poucos títulos que tem, eles não são específicos da Educação Física escolar, nem são de consulta para o aluno, são mais títulos destinados ao papel do professor.

Logo, na escola ocorre uma carência de material específico de apoio voltado ao aluno, o que de fato não deveria acontecer.

O PF1 também enfatiza a importância do professor que trabalha com o ensino do conteúdo Luta de se qualificar, tanto teoricamente quanto metodologicamente.

Eu sempre estou participando de capacitações, cursos promovidos pelo Governo do Estado. E a gente sempre está tendo conferências, seminários, aí eu estou sempre me aprimorando (PF1).

As capacitações, que na rede pública de ensino de Pernambuco acontecem por meio dos Seminários Regionais, se configuram na concepção dos professores como um momento que enriquece o acesso ao conhecimento, que posteriormente chega à sala de aula.

O PF1 ainda complementa ao dizer que a experiência acumulada pelo professor permite traçar melhores caminhos para a seleção dos conteúdos, pois consegue discernir o que é mais suscetível a ações pedagógicas.

Na iniciativa privada eu tenho muito treinamento na parte do judô, porque eu faço parte da liga pernambucana de judô, além da própria prática do meu dia-a-dia né, a experiência que eu tenho (PF1).

O PF2 concorda que a experiência é um dos pontos-chaves para o ensino da Luta e que por meio dela, que conseguiu identificar situações favoráveis à aprendizagem, sem que haja transtornos pedagógicos ou defasagem de conhecimento ao aluno. A experiência adquirida e acumulada ao lecionar em sala de aula, por muitas vezes, vem suprir a defasagem que a formação inicial instaurou na vida profissional do professor de Educação Física, por diversos fatores, que somados interferem negativamente na formação do aluno, como exemplificam Del Vecchio e Franchini (2006), acerca de disciplinas com processos de

ensino-aprendizagem que privilegiam aspectos técnico-táticos, competitivos, sociológicos, científicos, históricos e filosóficos de modalidades específicas.

Tive que identificar ferramentas que pudessem o aluno aprender melhor, essa forma da Luta, que não é um assunto tão simples. Não é um assunto do dia-a-dia deles né, não é um assunto como a questão de como trabalhar o Esporte que eles já estão mais ambientados, familiarizados. Questão da Luta, quanto mais recursos, sejam audiovisuais, até pra facilitar a visualização, já que a gente não tem tanta prática em si, ai melhor né (PF2).

Os recursos didáticos utilizados para seleção dos conteúdos configuram-se para o PF2 como ferramentas essenciais a prática pedagógica, principalmente no seu caso, já que suas aulas não contemplam a parte prática por falta de espaço na escola, assim os recursos didáticos tornam-se primordiais aos alunos. Pois, por meio deles que ocorre a seleção de determinados conhecimentos que infelizmente não podem ser vivenciados, o que leva o professor a tomar outras decisões metodológicas para a qualificação do ensino. Esta característica segue os aspectos que Carrero (2005) revela em seu estudo, que o ensino da Luta é um dos que sofre maior resistência pelos professores de Educação Física, em especial pela falta de recursos didáticos que viriam a auxiliar a sua prática pedagógica.

O PF1 por ter uma experiência com o judô, pelo fato de ter sido atleta e de lecionar em outros âmbitos que não seja no contexto escolar, é questionado se sua formação numa modalidade de Luta específica pode influenciar na sua escolha na hora de selecionar os conteúdos. O professor diz que não, pois tomou a decisão de separar as situações, em prol do ensino, reconhecendo que não só sua especificidade que merece uma ênfase maior, mas que se devem seguir as orientações do próprio programa de ensino.

Comigo não aconteceu isso porque eu busquei separar isso, eu inspirei-me no conteúdo que temos no nosso programa. Então se eu tenho duas lutas hoje em dia que são especificadas no conteúdo, eu tento trabalhar as duas de uma forma equivalente, tanto é que eu tenho uma determinada quantidade de aulas teóricas de judô e a mesma quantidade na capoeira, e a questão das aulas práticas também, tenho uma quantidade de aulas práticas que é igual para o judô e para a capoeira, pra não ficar tendencioso, é claro que a qualidade da aula ela tem uma tendência de ser melhor para o judô porque é a minha área, mas na capoeira eu não tive

grandes dificuldades, porque como eu trabalho só o básico, eu não me aprofundo muito naquilo ali, como também eu não me aprofundo tanto no judô. Então a gente orienta os alunos que eles busquem conhecimento também, e se ele se interessar melhor (PF1).

Ainda assim, o professor reconhece que de certa forma a aula que aborda a sua área de formação, acaba que inevitavelmente recebendo um cuidado maior na hora que é tratada em sala de aula, pois a afinidade com o conhecimento na área de Luta passa uma segurança maior ao professor e aos alunos.

Por fim, ao ser questionado sobre a influência/relação dos alunos na seleção, o PF2 argumenta que é interessante a participação do aluno, não em decidir ou realizar a função do professor, mas de trazer novos elementos, questionamentos, problematizações que permitem o professor pesquisar e se apropriar de novos conceitos e metodologias que muitas vezes busca desmistificar o entendimento que alunos, escola e comunidade têm sobre a Luta. Para isto é importante que durante a construção do Projeto Político Pedagógico, estes aspectos sejam levados em consideração por professores e direção (RUFINO e DARIDO, 2011). O PF2 argumenta que na hora de selecionar os conteúdos, é preciso que os alunos tenham uma vivência de outras lutas mais próximas da realidade deles e depois que se deve acrescentar os que não são do conhecimento deles, da realidade.

O PF2 complementa acerca da diferenciação da seleção dos conteúdos nos diferentes anos de escolarização a partir do que aquela determinada modalidade de Luta analisada tem a contribuir na formação do aluno, quais informações, características, relevância social ela apresenta.

Para escolher, eu normalmente analiso a questão da sistematização desse conteúdo que pode ser trabalhado. Normalmente algumas lutas carecem de uma contextualização mesmo teórica, outras já não têm uma padronização de históricos, e determinadas lutas sofrem problemas principalmente porque são muitos relatos, até a origem mesmo dessa luta fica uma dúvida. Eu tento escolher lutas que já tem uma padronização, seja das regras, das técnicas, que tenha também uma contextualização mais precisa, a questão também da pedagogização dessa luta, que dá para se trabalhar com eles (PF2).

De acordo com as observações realizadas, ficou clara a coerência dos professores ao abordarem os conteúdos selecionados, os quais são mencionados em suas falas e que se encontram registrados nos programas de ensino.

A partir da fala dos professores podemos elencar diversos aspectos que interferem na seleção do conteúdo Luta. A utilização de livros que abordem conhecimentos específicos, a participação em cursos de qualificação que proporcionem um novo olhar sobre esta temática conhecendo e desmistificando a realidade do cotidiano, a experiência acumulada pelo professor a partir dos anos de prática pedagógica, a utilização de diferentes recursos didáticos como vídeos, imagens e músicas para o aluno perceber a Luta de diferentes formas, e pensar nas demais etapas de ensino (organização e sistematização) na hora da seleção dos conteúdos, pois é importante existir uma coerência interna entre os diferentes momentos.

Além de selecionar os conteúdos é preciso que o professor em seguida organize-os de uma forma clara, consciente e que esteja de acordo com a realidade dos sujeitos, para tal, ambos os professores utilizam o programa de ensino como forma de organizar os conhecimentos sobre a Luta. Ao ser questionado como os conteúdos são organizados o PF1 apresenta uma sequência que há consistência epistemológica. Inicialmente o professor opta por começar com a historicidade do conteúdo ao revelar a importância de se compreender a essência do conhecimento, e em seguida dá continuidade, explorando os conhecimentos do que ele julga ser do mais simples para o mais complexo em relação à realização das práticas, para isso toma como base suas aulas de treinamento de judô.

Na teoria a gente procura dá uma abrangência mais na questão do histórico e da evolução, sobretudo das lutas, pois eu sempre gostei de trabalhar isso, para o aluno compreender de onde veio, onde a luta foi criada. Já na parte prática eu tento trabalhar a metodologia que eu trabalho na iniciativa privada. Lá, a gente não tem a série, mas tem os níveis por idade, então os menores níveis, são as questões mais elementares, no caso especificamente do judô, a gente trabalha com quedas, com rolamentos, com lutas simples, com jogos e brincadeiras. E aí a gente vai avançando de acordo com a maturidade do aluno, no caso lá na iniciativa privada em relação à idade e ao porte físico, mas, no caso da escola a gente procura trazer esse conteúdo que eu tenho dividido lá e encaixar ele aqui (PF1).

O PF2 é enfático em dizer que é necessário que haja uma organização dos conhecimentos da Luta, tendo como referência cada hora aula, ou seja, deve se pensar para cada aula o que será tratado e de que forma o conhecimento estará disposto naquela aula, naquela unidade didática, para que exista realmente uma diferença entre as aulas que antecedem e sucedem as demais. Para isso é importante que o professor se comprometa a utilizar e registrar sua forma de organizar as aulas no programa de ensino, para que fique claro para os alunos como o conhecimento estará disposto durante toda a unidade didática.

Sem dúvida a questão da organização é essencial, pra não ficar o conteúdo por conteúdo. A questão de jogar o conteúdo sem ter objetivo, até os alunos mesmo conseguem identificar quando aquilo tem algum sentido ou não tem coerência. Na unidade na questão do trabalho da Luta, sempre a ideia da Luta tem um norte, começo, meio e fim e a culminância final dessa unidade com algum trabalho ou alguma coisa, tem um objetivo deles poderem vivenciar, condição de identificar e tem um sentido naquilo, porque eles estão trabalhando aquilo. E sem dúvida, a questão da organização é tudo, o planejamento já possibilita isso, os assuntos já não ficam soltos, tem um norte a seguir (PF2).

Ao delimitarem o que deve ser abordado em cada ano escolar, neste caso, no ensino médio, segmento escolar que ambos os professores se encontram lotados, o PF1 em suas turmas de 1º ano organiza o conhecimento de modo que sejam vivenciadas questões mais básicas, no 2º ano o professor parte para questões um pouco mais complexas. No caso específico do judô, predomina as situações de projeções e do domínio do solo, e no 3º ano, o professor apesar de não lecionar para esse ano escolar no momento da entrevista diz enfatizar mais o combate corporal, a competição e o entendimento dessa competição em si. Apesar de que, segundo as OTMs,

os níveis de aprendizagens dos alunos não se dão de maneira padronizada e tão pouco homogênea, muito menos fixando etapas de desenvolvimento dos saberes, estruturados pelo professor ou pela escola, antecipadamente, baseando-se numa hierarquia que sempre vai do simples para o complexo (PERNAMBUCO, 2010, p. 16).

O professor assim mantém uma lógica de hierarquização e espiralidade do conhecimento. Com relação à capoeira o professor já sente maiores dificuldades. Voltamos à questão de que com relação ao judô o professor já tem experiência além da formação acadêmica no ensino superior, diferentemente da capoeira.

No caso da capoeira, é um pouco mais difícil para eu trabalhar, mas aí eu sempre tenho uma pessoa que me ajuda a organizar essas aulas e eu faço também, eu tento fazer da mesma forma, eu trato mais a questão das origens e o básico mesmo no 1º ano do ensino médio, no 2º ano a gente já parte pro entendimento da movimentação básica, dos golpes básicos, da instrumentalização, e no 3º ano a gente parte pro jogo da capoeira em si e para as questões, por exemplo, que envolve a questão cultural, as questões filosóficas que tem na capoeira também, e a gente fica mais no entendimento de uma roda de capoeira, como se eles já tivessem passado pelas etapas de compreender a capoeira até chegar ali (PF1).

Já o PF2 inicialmente ao organizar sua prática pedagógica, tem como prioridade inicial a divisão das modalidades de lutas pelos anos de escolarização. No 1º ano são definidas 2 lutas, no 2º ano mais 2 lutas diferentes e no 3º ano além dessas 4 já trabalhadas, ocorre uma revisão, ao progresso que acrescenta 1 ou 2 a mais modalidades, para dar esse contraste a essa comparação. Realidade constatada nas observações quando o PF2 abordava com as turmas de 1º ano conhecimentos sobre capoeira e boxe, no 2º ano com o caratê e o kung fu e no 3º além de revisar as anteriores, acrescentava o Muay Thai, de acordo com o programa de ensino. Para o Coletivo de Autores (2012), é por meio da organização do conhecimento, umas das etapas da dinâmica curricular, que a assimilação e transmissão do saber escolar ocorrem, com o objetivo de qualificar a aprendizagem e formação intelectual do aluno, para que o mesmo obtenha a leitura do contexto através da Luta.

O PF2 acredita que no seu caso, por lecionar em todas as turmas do ensino médio de sua escola e acompanhar os alunos do ingresso no 1º ano deste nível de escolarização ao término dos estudos da educação básica no 3º ano, se torna mais fácil para o professor organizar os conteúdos pelos 3 anos de escolarização, pois não só o conteúdo será organizado, mas também acompanhado, o que resulta num processo de autoavaliação por parte do professor.

O PF2 justifica a organização dos conteúdos como estão postos ao longo do ensino médio em cada série. Para o 1º ano o professor tematiza em sala de aula a capoeira e o judô por serem modalidades de lutas mais próximas da realidade dos alunos, no 2º ano o professor acrescenta o boxe e o muay thai. O professor busca enfatizar a ideia de que o aluno tem de estudar duas lutas antagônicas (ocidental e oriental), para uma maior compreensão dos conhecimentos sobre a Luta. E no 3º ano o professor realiza uma revisão e aprofundamento dos conhecimentos vivenciados nos anos anteriores e acrescenta outras lutas como o taekwondo, o mma, o kung fu, por serem práticas que alguns alunos realizam fora da escola.

Quando se refere à organização dos conteúdos abordados na Educação Física, o PF1 mantém este modelo de organizar os demais conhecimentos além da Luta.

No conteúdo ginástica, por exemplo, eu trabalho o histórico também nesse modelo de seriação, a partir do histórico da ginástica a gente começa a trabalhar as ginásticas competitivas e as não competitivas. A gente tenta trabalhar a questão da compreensão também. Compreensão dos movimentos nas séries iniciais, depois a execução dos movimentos com correções, e já nas séries finais, a gente trabalha a questão da competição em si (PF1).

Após declarar que mantém um modelo de organização construído para os diferentes conteúdos, o professor com sua experiência explica que, isto pode ajudar o aluno a compreender de uma forma melhor os conhecimentos e diferenciá-los. No entanto o PF1 defende que a grande dificuldade em organizar os conteúdos acerca da Luta e da Educação Física é devido à falta de um material didático que norteie a prática pedagógica do professor.

Acontece muitas vezes que o aluno que sai da minha turma esse ano e vai trabalhar com outro professor no próximo ano, este vai estudar os conhecimentos de uma forma diferente, talvez até o mesmo conteúdo, mas ai ele não tem uma sequencia (PF1).

O PF1 alerta que os alunos que ele recebe, sobretudo os que vêm da escola pública municipal, onde o trato da Educação Física é diferente da escola estadual e que tudo pra eles se torna novidade, acontece o mesmo processo. Os alunos chegam à escola, muitas vezes sem ao menos saber que a Luta faz parte do componente curricular Educação Física ou quando acontece do aluno vir de outra escola da rede pública estadual de ensino não ter vivenciado a Luta ou não ter visto o conteúdo, devido não haver essa singularidade. Fatores como este, acabam não contemplando os princípios curriculares no trato com o conhecimento definidos para as OTMs, principalmente quanto a adequação às possibilidades sócio-cognoscitivas do aluno, a simultaneidade dos conteúdos enquanto dados da realidade, espiralidade da incorporação das referências do pensamento e provisoriade do conteúdo (PERNAMBUCO, 2010). E isto dificulta o ensino, devido o professor, por mais que se sinta prestativo, não consegue manter a evolução das aulas devido à defasagem intelectual do aluno acerca de uma temática que necessariamente já deveria ter visto e que por negligência, ainda não, o que acomete o aluno estar num determinado ciclo de escolarização, mas num ciclo de aprendizagem diferente de sua série ou faixa etária.

Se eu vou trabalhar no ensino médio com um aluno que já deveria ter tido um conhecimento anterior, por exemplo, na ginástica ele vai chegar aqui sem saber o que é ginástica, então eu acho que a gente carece dessa unidade, de você ter um material didático que dê apoio ao professor para ele trabalhar, como você tem em matemática, português, você sabe o conteúdo que deve trabalhar na 5ª série, na 6ª, na 7ª. E na Educação Física a gente não tem isso dessa forma, organizada (PF1).

Neste caso, o PF2 enfatiza que os alunos ao vivenciarem um determinado conteúdo, eles se destacam mais em relação aos demais quando já tem uma base boa de conhecimento, quando já vivenciaram nos anos escolares anteriores os conhecimentos acerca da Luta.

Eles participam e interagem mais, com certeza em relação aos outros, até a título de curiosidade, a título de pesquisar, sugestão de vídeos (PF2).

Logo, quando um professor se preocupa e se condiciona a elaborar uma organização dos conteúdos, na qual se fortalece por meio do programa de ensino, os benefícios para a aprendizagem do aluno se tornam extremamente significativos. Apesar das dificuldades, os professores estão sempre esperançosos em modificar e qualificarem suas práticas, principalmente diante da realidade educacional brasileira (COLETIVO DE AUTORES, 2012). O PF1 apresenta nitidamente essa sua relação de dificuldade com o conhecimento, quando se refere à organização dos conteúdos. Durante as observações, estes aspectos ficaram mais claros quando o professor estruturou os mesmos conhecimentos para as turmas de 1^{os} e 2^{os} anos. Nas aulas os alunos destas diferentes turmas conseguiram alcançar os objetivos da aula, no entanto as turmas dos 2^{os} anos na sua maioria já tinham tido a oportunidade de vivenciar algumas daquelas aulas, pois deixavam claro que já tinham visto algumas das informações tratadas. Já o PF2 conseguiu seguir seu programa de ensino quanto aos conteúdos correspondentes ao dia de aula.

Para o PF1 se houvesse um livro didático direcionado a rede pública estadual de ensino do Estado de Pernambuco que contemplasse as escolas do litoral ao sertão, essa disparidade de conhecimentos da forma como estão organizados pelas escolas seria minimizada, o professor cita como exemplo o Estado do Paraná e mais próximo a cidade de João Pessoa, que têm livros didáticos próprios consolidados a partir da realidade das escolas e com subsídio da experiência da prática pedagógica dos professores. O professor assim afirma que a existência de um livro didático específico que oriente os professores de Educação Física e que apresente uma sequência e uma organização dos conteúdos, contribuiria na compreensão dos alunos, pois se tornaria mais clara e fácil no dia-a-dia da escola.

A ausência de um livro didático específico à realidade do Estado de Pernambuco tem de certa forma, comprometido a prática pedagógica dos professores, diante do que foi exposto percebe-se que a baixa quantidade ou falta de referências tem aumentado a dificuldade da materialização do ensino da Luta em sala de aula. A falta de material, em especial de livros de cunho acadêmico, científico e pedagógico que subsidiem o ensino da Luta (CARRERO, 2005), é também para o PF2 um dado alarmante que prejudica tanto a seleção quanto a organização deste conhecimento na Educação Física escolar.

Principalmente a Luta requer livros, faltam muitos. O que eu consigo mesmo de material, são em sites específicos da modalidade, ou seja, vai na federação de judô, na confederação de muay thai tem lá o material, ou seja, em alguns sites específicos. Mas, vamos dizer assim, é preciso de livros, materiais didáticos, mais amplos, ou uma quantidade maior pra gente poder pesquisar ou até mesmo comparar o que da pra se trabalhar ou não. Normalmente a gente tem pouco, aí tem que se contentar com esse pouco que tem. Com certeza quanto mais materiais melhor (PF2).

Apesar da grande contribuição que as OTMs trouxeram para a Educação Física no Estado de Pernambuco, apresentando um grande avanço teórico e metodológico se comparado com as propostas curriculares que a antecedem e até mesmo com outras propostas de outros Estados da federação, ambos os professores ainda assim acreditam que outros materiais viriam a somar o ensino da Luta.

O PF1 acredita que uma das maiores contribuições das OTMs é que antes de seu surgimento, não havia sequer uma organização dos conteúdos. Acontecia de um conteúdo como a Luta, por exemplo, ser tratada numa escola da rede pública estadual e noutra da mesma cidade não, ou de um conteúdo que era abordado no ensino fundamental 2 em uma escola, em outra estava presente no ensino médio.

A gente trabalhava com conteúdos que nós não tínhamos antigamente, como Ginástica, Dança, Luta principalmente, você não tinha sequer uma organização de 1º bimestre. Eu trabalho tal conteúdo, 2º tal conteúdo, nós tínhamos aqueles conteúdos. Eu particularmente tinha um programa numa escola que trabalhava, onde eu usava aqueles conteúdos de uma forma aleatória. Muitas vezes eu trabalhava numa escola que não tinha estrutura para dar uma aula de Ginástica, aí a piscina estava disponível, daí a aula seria natação, com isso o planejamento era meio que mutante, acontecia de acordo com o que a escola oferecia (PF1).

A falta de um planejamento e da organização dos conteúdos pode levar ao que o PF1 destaca a mudança constante de conteúdos a serem tratados, variando de acordo com o dia, com os anseios dos alunos.

Vimos que é essencial existir uma coerência entre a seleção e a organização dos conteúdos acerca da Luta. Pela seleção o professor determina que tipo de conhecimento o aluno vai aprender, vai problematizar e vai levar para a vida toda.

Na organização dos conteúdos, esta etapa se configura tão importante quanto à seleção. Nesta, o professor consegue determinar com base em inúmeras características didáticas quando os conhecimentos serão apresentados ao aluno, em qual segmento da escolarização estarão presentes e assim diferenciando-se em cada um deles. No entanto, o trato pedagógico não se encerra nestas fases, pois é essencial que ocorra a sistematização do conhecimento, por meio dela que o professor define os objetivos, os procedimentos metodológicos utilizados e por fim a avaliação pretendida pelos professores para analisar como se deu a aprendizagem dos alunos. Para isso, várias características também influenciam esse momento. Este processo de sistematização fica evidente, ou seja, se materializa na aula. E esta é definida pelas OTMs como:

A aula é uma unidade de tempo voltada ao fim formativo, que necessita da sistematização do conhecimento. É uma construção coletiva atravessada pelo trato do conhecimento, pela organização e normatização escolar, envolvendo professor e alunos em horário regular de 40 ou 50 minutos, composta por objetivo, conteúdo, metodologia, síntese avaliativa, espaços e materiais (PERNAMBUCO, 2010, pg. 21).

Nas OTMs para o conteúdo Luta são definidas 10 (dez) horas aulas, por elas que os objetivos estabelecidos são assimilados pelos alunos. Quando questionados sobre como definem os objetivos para o ensino da Luta os professores PF1 e PF2 apresentam algumas particularidades e contribuições ao estudo, porém concordam que inicialmente é essencial que o professor de Educação Física conheça minuciosamente o aluno a quem será direcionado o ensino. Esta ação se aproxima do que as OTMs propõem na hora de definir os objetivos, quando define que podem partir do professor, mas não pode encerrar-se nele mesmo, este deve chegar de maneira propositiva e confrontar-se com as características coletivas e individuais dos alunos (PERNAMBUCO, 2010, pg. 15).

Eu acho assim, que essa questão é muito mais abrangente do que eu posso responder numa pergunta tão simples como esta. Carece realmente de estudos, tanto é que a gente não tem essa definição ainda. Então que objetivos que eu quero que meu aluno de 5º ano, por exemplo, que hoje eu não trabalho com essa série mais ou com o 1º ano do ensino médio, a respeito do conteúdo? Eu acho que pra justificar a presença de determinado

conteúdo na Educação Física, nas aulas de Educação Física, ela tem que levar em consideração também o que o aluno já tem de bagagem, que já aprendeu (PF1).

O PF1 deixa claro em sua fala que na definição dos objetivos é primordial conhecer os sujeitos, Pernambuco (2010, p. 55), ressalta que a Educação Física precisa se valer de todas as responsabilidades atribuídas aos demais componentes curriculares na tarefa de formação para a cidadania e que sem ela, essa tarefa e projeto estariam incompletos. Para tanto, é preciso que procurar estudar os sujeitos educacionais nela envolvidos.

Para isso é necessário o diálogo com outros professores de Educação Física que já lecionaram a determinados alunos, também com os demais professores da escola, com a direção, com a comunidade e principalmente com o próprio aluno, conhecer se algum deles já vivenciou de uma forma sistematizada conhecimentos sobre Luta, ou se pratica em algum outro ambiente que não seja o escolar, além de conhecer alguém. Estas informações são tão importantes para o professor quanto ele se apropriar da base teórica e metodológica para tratar pedagogicamente a Luta na escola.

Por meio dos objetivos, que o professor dá início a sistematização do conteúdo Luta. Logo, estes precisam ser intencionais, é preciso que com eles o aluno consiga apresentar avanços na sua aprendizagem. O professor ao dar início a aula tem que deixar claro ao aluno qual a intenção da aula, o que se espera do aluno naquele momento, naquela unidade didática. Durante as observações este aspecto ficou claro, tanto com o PF1 quanto com o PF2, que no início de suas aulas apresentavam o objetivo aos alunos, para que ficassem cientes do caminho que deveriam seguir para a compreensão dos conhecimentos. O PF2 confirma ao dizer que a clareza, a forma como são construídos e explicados ao aluno, a intenção que se pretende com eles e o domínio do professor em manter a aula com foco nos objetivos é o que faz a aula se tornar interessante ao aluno.

O PF1 é enfático em dizer que o fato da Luta em sua grande maioria se inserir apenas a partir do ensino fundamental 2, aspecto que pudemos constatar na análise documental das propostas curriculares estaduais das 5 regiões do país, resulta numa má formação intelectual do aluno, pois ele nos anos anteriores, ou seja, na

educação infantil e no ensino fundamental 1, ao não vivenciarem a Luta, não forma concepções gerais acerca deste conteúdo, e quando chega no ensino fundamental 2 e muitas vezes no ensino médio, apresenta realidades muito graves quanto a organização dos dados da realidade (referente ao 1º ciclo de aprendizagem), iniciação à sistematização do conhecimento (2º ciclo), ampliação do conhecimento (3º ciclo) e aprofundamento da sistematização do conhecimento (4º ciclo), pois é nestes ciclos de escolarização que eles têm o contato com a Luta. E isto se torna um fator determinante na elaboração dos objetivos.

E às vezes acontecia de você dar uma aula para, por exemplo, um terceiro ano do ensino fundamental e dar a mesma aula para o ensino médio, e o resultado prático ele ser o mesmo, se é satisfatório ou não, já se é discutível, mas, por exemplo, um aluno de 7º série que faz uma aula de ginástica, você pegar aquela mesma aula e fazer para uma turma de ensino médio, eles vão ter a mesma satisfação da aula ou não porque o entendimento da aula é o mesmo, ele não tem uma experiência anterior, agora se eu pegar esse aluno de 7º ano e outro ano eu for repetir aquela aula, já é diferente, pois ele já conhece, ele quer algo novo, um desafio, uma coisa diferente (PF1).

O PF1 ainda propõe que para a definição de objetivos para a Luta é preciso que na elaboração de um currículo que seja em âmbito municipal, estadual ou nacional é preciso a participação dos professores que lecionam, ou seja, que conhecem a realidade e o cotidiano da escola. Coletivo de Autores (2012), defende que a aula de Educação Física precisa ser compreendida como um espaço intencionalmente organizado para a aprendizagem do aluno, por meio de seus conhecimentos específicos e das diversas características que permeiam a realidade social.

Então eu acho que você se preocupar com os objetivos da Educação Física, de um contexto específico da aula de Educação Física, eles têm que partir de um estudo mais abrangente, um estudo maior com a participação dos professores que é quem está lá na ponta fazendo as atividades, não só teorizar os conteúdos como acontece muitas vezes, para que possamos discutir em cima do que é pertinente você trabalhar em determinada série. Para mim fica difícil lhe responder com mais objetividade esse tipo de questão, porque eu sofro com isso desde o início quando eu comecei a trabalhar com a Educação Física (PF2).

Como a Educação Física é uma área de conhecimento recente se comparada aos demais componentes curriculares, e apresenta a inexistência de livros didáticos específicos regulamentados por órgãos do governo, possivelmente resulte nessa realidade dos professores em elaborar objetivos, em ter dificuldades de sistematizar o conhecimento que já foi selecionado e organizado, na forma de objetivos. Para o PF1 os objetivos se tornam tão importantes que servem como base para o aluno da educação básica inclusive saber responder perante a sociedade porque ter e estudar Educação Física na escola. Logo, sugerimos aos professores que, como forma do aluno se apropriar ainda mais do objetivo da aula que sempre ao seu término que o objetivo seja mencionado novamente para que os alunos percebam se este foi atingido.

Partimos agora para os procedimentos metodológicos adotados pelos professores em sala de aula. De certa forma, podemos considerar como uma das partes mais importantes do estudo e da prática pedagógica do professor, pois é o que esta em maior evidência durante a aula e que representa de uma forma bem consolidada a sistematização do conteúdo, ou seja, como se procede a aula de ambos os professores.

Na observação das aulas dos professores percebemos duas formas de abordar o conhecimento diante de suas realidades. O PF1 em sua escola tem disponível além das próprias salas de aulas, nas quais as outras disciplinas acontecem, também tem a sua disposição um salão onde ocorrem eventos culturais da escola e uma quadra, ambas apenas para a realização das aulas de Educação Física. Já na escola do PF2 não há locais disponíveis e adequados à prática do conteúdo Luta e dos demais conteúdos, assim como materiais específicos, no seu caso, as aulas acontecem predominantemente de forma teórica, sem que haja uma práxis. O PF2 deixou claro que já teve a oportunidade de lecionar aulas com predominância da prática, porém aconteciam em parceria com um clube da cidade, o qual com um tempo precisou do espaço. O professor também explicou que a escola desde sua origem permanece localizada no prédio atual de propriedade privada, mas que uma nova escola está sendo construída e nela ocorreu a visita de todos os professores para explicarem suas necessidades e espaços de trabalho, como quadras, laboratórios, etc. Momento em que o PF2 explicou aos responsáveis pela obra da necessidade de existir locais adequados a prática da Educação Física.

Esta característica da falta de espaço e de materiais é confirmada nos estudos de Carrero (2005) e Nascimento (2007) que apontaram como um dos principais motivos para a ausência do conteúdo Luta na escola.

O ideal seria toda escola ter sua quadra coberta né, o ideal pra tudo, seria o sonho pra todo professor ter sua quadra coberta, de não depender do tempo pra dar aula, de não depender de outros fatores, por questão de não ter o ideal nós temos que nos adequar (PF2).

Na iniciativa de compreender como o professor aborda metodologicamente as suas aulas, o PF1 que tem mais tempo como concursado na rede estadual do que o PF2, relata que:

No passado recente a gente tinha um modelo de aula muito simples que era levar os alunos para a quadra ou para o espaço que iria ter aula, começava a fazer o resumo do que seria a aula, apresentava a aula, trazia o aquecimento, ia pra parte principal da aula e depois para o relaxamento. Hoje em dia esse modelo, eu o considero já ultrapassado, o aluno é bem mais prático, então quando ele vem pra aula, ele já vem pronto, e quando você tem um tempo pedagógico reduzido, então a gente pula algumas etapas (PF1).

A partir da sua declaração, o PF1 deixa claro, como aconteciam às suas aulas, ou seja, como se dava a sistematização dos conhecimentos tratados na Educação Física. Percebe-se naquele momento, que as aulas tinham outro objetivo e outra metodologia, diferente do que hoje as OTMs propõem.

É importante que o professor procure sistematizar a vivência, a apropriação e a produção do conhecimento em torno de três fases: a) Apresentação e discussão com os alunos dos conteúdos e objetivos, buscando as melhores formas de organização e execução; b) Apreensão/produção do conhecimento e c) Conclusão e avaliação a partir do realizado e levantamento de possibilidades para as aulas seguintes (PERNAMBUCO, 2010, p. 57).

Naquele momento a aula do PF1 tinha indícios de características voltadas para aspectos de natureza biológica/higienista e não se apresentava preocupação com a assimilação do conhecimento pelo aluno, pois não mostra a participação do aluno durante o processo.

A sistematização do conteúdo Luta por ambos os professores pesquisados se aproxima da sistematização do conteúdo proposto pelas OTMs.

O PF2 ao ser questionado como sistematizava a sua unidade didática sobre a Luta, explicou que no início sempre realiza uma discussão inicial com os alunos para identificar o que eles conhecem sobre uma determinada modalidade de Luta, numa forma de investigação da realidade, de diagnóstico da turma, e assim saber o que os alunos conhecem sobre o tema tratado, depois disso o professor busca contextualizar o conteúdo, com início na historicidade da Luta, seu surgimento e sua definição, explica o que são as técnicas, como elas são aplicadas, a mecânica dos golpes, apresenta as regras que fundamentam a modalidade de Luta específica, a necessidade e importância da vestimenta, os equipamentos obrigatórios e no fim da unidade tenta fazer um resgate de tudo que foi visto, seja por meio de prova escrita, seminários ou por meio das discussões durante as aulas. O PF2 mantém em sua prática uma sequencia metodológica partindo de questões mais gerais e amplas para as mais específicas. O professor entende a partir de sua prática pedagógica que esta seria uma das possibilidades de sistematizar o conhecimento.

Quanto ao PF1 ao sistematizar suas aulas acerca da Luta na unidade didática, a 1ª aula o professor reserva para a realização de uma aula teórica, que no caso tratou sobre o fenômeno Luta, com o conteúdo sendo abordado na forma de aula expositiva. A 2ª aula também ocorreu neste formato de aula expositiva, no entanto abordou conhecimentos acerca de duas modalidades de Luta, o judô e a capoeira, ambas sugeridas pelas OTMs (PERNAMBUCO, 2010), seguindo assim o que estava registrado em seu programa de ensino, após essas duas primeiras aulas o professor realizou aulas com predominância da parte prática, e ao fim da unidade didática teve a realização de uma prova escrita como forma de encerramento do conteúdo. Sempre na aula que antecedia a aula prática o professor solicitava aos alunos que viessem com roupa adequada para a Educação Física.

As aulas do PF2 aconteciam sempre com base na teoria, no início da aula sempre o professor explicava qual era o objetivo a ser trabalhado na sala, para em seguida, por meio da aula expositiva, explicar aos alunos os conhecimentos a serem adquiridos por ele. O professor durante sua regência apresentava por muitas vezes imagens, músicas e vídeos para ambientar a aula e melhorar a compreensão do aluno. Além de que tentava sempre dialogar com os alunos de uma forma que os mesmos pudessem compreender de uma forma clara as terminologias e especificidades da Luta. Utilizando-se de diferentes recursos metodológicos para qualificar sua aula.

A questão da linguagem dessas lutas, eu tento utilizar o mínimo possível da linguagem técnica, tentar falar a linguagem mesmo dos alunos, claro que tem um momento que a gente tem que falar o nome da técnica específica, mas tentar trabalhar também não só o significado e a explicação, que eu acho que é muito importante, não é pra decorar a questão das técnicas em si, mas deles poderem conhecer e vivenciar no momento os conteúdos da Luta (PF2).

Por exemplo, numa das aulas observadas de uma turma de 1º ano, o PF2 ao dar início sua aula, assim como todas as outras, apresentava uma particularidade que era de realizar uma oração juntamente com os alunos, como forma de se aproximar deles. Em seguida o professor explicava o objetivo da aula aos alunos e dava início à sistematização do conteúdo por meio de uma aula expositiva, com início na apresentação do objetivo, exposição dos conhecimentos com o auxílio das imagens e vídeos. Durante a fala do professor, o mesmo questionava aos alunos sobre os temas tratados ao mesmo tempo em que respondia as dúvidas deles. No fim da aula o professor encerra com a realização de uma síntese e deixava claro o que seria tratado no próximo encontro.

Para o PF2 esta era uma das únicas formas que encontrou diante da realidade dos alunos e de sua escola, que não dispõe de espaços adequados à prática da Educação Física.

A questão do espaço até acho bem provável que possibilitaria ter uma experimentação, de sentir a Luta, porque muitas vezes pode ser a questão

do aluno estudar o conteúdo Luta todo na teoria, saber descrevê-lo, saber explicá-lo, e às vezes a questão da vivência motora, prática dessa Luta, carece e fica restrita (PF2).

A questão da prática seria indispensável, como eu já tinha dito, tem a possibilidade dele experimentar a Luta, assim como os outros conteúdos, não só a gente falar de Dança, falar de Jogo, falar de Esporte, de Ginástica, os conteúdos da Educação Física sem ter a vivência prática né, eu acho que a prática é a possibilidade; muitas disciplinas invejam a Educação Física, invejam por ter essa possibilidade de vivência maior prática, de ter a possibilidade dos conteúdos serem trabalhados, ter uma quantidade maior prática, mas sem dúvida, teria uma possibilidade maior de vivência (PF2).

A existência de um espaço disponível e adequado ao ensino da Luta se torna extremamente importante para a sistematização dos conteúdos. O professor de Educação Física ao ter um local no qual possa ampliar as experiências práticas do aluno conseguirá qualificar ainda mais sua prática pedagógica. Do contrário, está sujeito a ter que sistematizar o conteúdo de uma forma diferente que atenda as expectativas dos alunos. Como já citado anteriormente, o espaço físico tem se apresentado por muitas vezes determinante no auxílio ao ensino da Luta nas aulas de Educação Física.

O PF1 sistematizava sua aula, inicialmente apresentando aos alunos o objetivo da aula e dava continuidade contextualizando os conceitos. Assim como o PF2, o professor utilizava slides, vídeos e músicas para os alunos entenderem as características que permeiam o assunto. Durante a exibição dos vídeos e imagens o professor alertava os alunos de que aqueles movimentos seriam os que eles iriam realizar na prática, não carecendo do professor ter que demonstrar aos alunos a realização perfeita do movimento ou da técnica. Desta forma, no decorrer da aula, os alunos se demonstravam atentos aos conhecimentos, expondo suas dúvidas e respondendo os questionamentos do professor, até que no fim da aula o PF1 assim como o PF2 realiza uma síntese de tudo que foi visto e mencionava o que seria tratado ou que era necessário para a próxima aula.

O PF2 ao término de sua aula comunicava aos alunos que todo o material didático utilizado em sala de aula, seria disponibilizado no SIEPE¹⁸ para eles

¹⁸ SIEPE - Sistema de Informações da Educação em Pernambuco

pesquisarem e estudarem, como forma de prolongarem e manterem o contato com os conhecimentos.

A ferramenta que ajuda bastante é o SIEPE, que é o portal que muitos desses textos didáticos ou desses slides eu disponibilizo e muitos outros professores daqui da escola disponibilizam para os alunos ter acesso, cada um dos alunos têm seu acesso, não só para consulta das notas, mas também espaço para eles receberem material do professor, tem essa ferramenta que eu disponibilizo os slides, as aulas que forem dadas, para eles terem acesso (PF2).

Nas aulas do PF1 que ocorreram momentos de aula prática, referentes aos conhecimentos sobre capoeira, o professor no início das aulas, explicava aos alunos o objetivo que seria traçado durante o processo. Como o conteúdo era voltado à realização de movimentos básicos e específicos da capoeira, o professor distribuiu os alunos pelo salão, e deu início explicando qual movimento era necessário realizar naquele momento, os alunos por meio de feedback, recordavam o que foi visto nas aulas teóricas e associavam na hora de realização dos movimentos, também olhavam para os colegas para lembrarem dos movimentos; quando não conseguiam lembrar, o PF1 se dispunha a demonstrar aos alunos como que fazia, porém não exigia do aluno a forma correta a ser feita, assim como não ficava corrigindo os alunos que realizavam de uma forma diferente, pois os alunos vivenciam diferentes ritmos e tempos de aprendizagens e que há uma variação de aluno para aluno, ou de um contexto para outro, ou ainda diante um tipo de conhecimento como aponta as OTMs (PERNAMBUCO, 2010, p. 16). Com isso o professor apenas explicava que existiam outras formas de se alcançar a realização mais precisa. No final da aula, o professor explicava aos alunos de uma forma analítica e sintética o que era tratado em sala de aula até ao ponto do tempo cronológico chegar ao fim.

Percebemos que durante as aulas práticas os alunos aparentemente demonstravam interesse pelo assunto, apesar de muitas garotas não realizarem a aula, por questões de religião, no entanto muitos se sentiam acanhados em participar por não compreenderem ou não conseguirem realizar os movimentos. Contudo o PF1 deixava claro que o que estava sendo avaliado era a assimilação do conhecimento e não a execução perfeita.

Essas propostas metodológicas estabelecidas pelos professores para a sistematização da Luta surgem como situações inovadoras, se compararmos com os

estudos acadêmicos científicos. Ao destacarmos os estudos acerca das propostas curriculares percebe-se que são poucas as que apresentam proposições para este momento de ensino da Luta. Logo, muito dessas proposições de sistematização tem se dado a partir da própria prática pedagógica de professores que estão todo dia atuando no cotidiano da escola. E que deveriam receber apoio e convites para contribuírem na elaboração das propostas curriculares de seus respectivos Estados, fazendo com isso uma aproximação do documento com a realidade da Educação Física escolar.

Um aspecto importante observado nas aulas do PF1 foi a alegria instaurada na sala de aula. O professor ao lecionar os conhecimentos sempre fazia comentários, analogias e exemplificações que para os alunos demonstrava um momento de diversão, mas que não havia fuga da realidade e do objetivo da aula. A partir disso os alunos ficavam mais observadores, procuravam manter um diálogo constante com o professor. Aparentemente o PF1 se sentia feliz em tratar aqueles conhecimentos acerca da Luta e de transmití-los aos alunos, aspecto que já dizia Rubem Alves:

É preciso que aqueles que recebem, os seus alunos, sintam prazer igual ao que vocês sentem. Se isso não acontecer, vocês terão fracassado na sua missão, como a cozinheira que queria oferecer prazer, mas a comida saiu salgada e queimada ... (ALVES, 1994, p. 10).

Com isso, destacamos essa alegria que o PF1 tem de ensinar a Luta. Ficou claro que aquela forma de sistematizar o conhecimento, contribuiu bastante na aprendizagem dos alunos, pois os deixavam mais atentos, interagiam mais e com isso amenizavam as barreiras pré-estabelecidas pela sociedade, como o caso das garotas que de início não queriam participar devido à particularidade de sua religião.

Com relação à última fase da sistematização, referente à avaliação, buscamos compreender a partir das respostas dos professores quais os caminhos e procedimentos avaliativos os professores utilizam durante a sistematização do conteúdo Luta.

A partir dos programas de ensino dos professores, nota-se que a avaliação proposta em sala de aula condiz com o que foi proposto no documento. O PF1 manteve seu procedimento de avaliar processualmente, ou seja, em cada aula e a

cada momento da aula o aluno era avaliado. No entanto, percebemos que na realidade do PF1 muitas vezes esse processo avaliativo estava sujeito a falhas pelo fato de que em alguns dias e conteúdos que estavam organizados para serem abordados não foram contemplados devido a não realização da aula por motivos de saúde do professor e pela má estrutura da escola no período das chuvas. Além de que em algumas aulas os alunos perdiam tempo no trajeto de ir e voltar do salão onde ocorriam as aulas, para a sala de aula de origem deles. No entanto, ainda assim, foi perceptível que os alunos apresentaram avanços qualitativos na aprendizagem. Ao final da unidade o professor conseguiu aplicar um teste como forma de avaliação e registro dos alunos, mesmo sendo contra este tipo de avaliação, por ser uma orientação da direção que exista esta avaliação.

Com relação ao PF2, seu processo de avaliação das turmas se deu também de forma processual, pela qual o professor acompanhava as produções dos alunos e as contribuições em sala de aula. Para a turma de 1º ano foi realizado um teste com questões abertas e fechadas, e por fim, diferentemente do PF1, para a turma de 3º ano o PF2 focou sua avaliação numa produção acadêmica acerca da análise de 5 textos didáticos elaborados por ele mesmo, que tratavam de 5 diferentes modalidades de Luta. A partir da leitura e análise dos textos, os alunos em 2 aulas ficaram responsáveis individualmente em preencher um quadro síntese com diversos questionamentos sobre estas modalidades de lutas, como por exemplo, o local da origem daquela modalidade de Luta específica, o tipo de vestimenta, equipamentos, regras, principais praticantes no mundo, entre outros. Neste momento a participação e o envolvimento dos alunos foram notórios e positivos, prezando pela participação (verbal, escrita, corporal) do aluno (PERNAMBUCO, 2010, p. 30). Por fim, eles finalizavam a avaliação e ficaram liberados até o término da aula, porém ainda assim, continuavam a conversar sobre o objetivo da aula.

Ambos os professores conseguiram estabelecer umnexo entre o que estava posto no programa de ensino e o que realizaram durante todo o processo de sistematização do conteúdo.

Após percebermos como a aula acontecia, buscamos compreender aspectos que influenciam na forma como o professor sistematiza sua aula. Ao analisar a unidade didática em que a Luta se encontra, destacamos que a mesma está junto

com a Dança no 2º bimestre do ano letivo. Ao serem questionados acerca dessa divisão os professores explicaram que isto vem só dificultar ainda mais o trato pedagógico dos conteúdos Luta e Dança.

Eu acho que isso é uma coisa que precisa ser revista na OTM ou de certo modo eles precisam aprofundar mais os estudos porque você trabalha Ginástica de uma forma separada, você trabalha Esporte e Jogo que a gente sabe que tem ali, são coisas muito próximas, e você trabalha Luta e Dança que são conteúdos bem díspares. Então eu acho que deveria ser visto esta forma de juntar esses dois conteúdos numa unidade só (PF1).

A questão da redução do conteúdo, até a possibilidade de aprofundar mais essas discussões. Até alguns alunos me questionam porque são duas lutas só. Essa questão acaba acarretando nisso aí, nessa diminuição da quantidade de lutas, também por questão da carga horária que é dividida com Dança, que também tem sua carga horária, tem também sua extensão, e acaba diminuindo as possibilidades de aprofundar essas discussões, com certeza reduz consideravelmente né (PF2).

Os dois professores concordaram ao dizerem que a permanência do conteúdo Luta junto com o conteúdo Dança só tem a prejudicar a ambos. Já que os dois conteúdos são postos numa única unidade didática, diferentemente da Ginástica, do Jogo e do Esporte. Ao analisar estes outros conteúdos, cada um deles está distribuído em média com 20 aulas correspondentes a uma unidade didática. Já a Luta e a Dança apenas 10 horas aula cada um, em média.

Além de tantas dificuldades que os professores declaram ter, como os estudos acadêmico-científicos revelam, a divisão de uma unidade didática na educação básica na realidade da rede pública de ensino do Estado de Pernambuco para atender dois conteúdos, resulta que a Luta recebe um tempo pedagógico diferente dos demais conteúdos. Logo é necessário que haja uma intervenção para esta situação que vem a afetar diretamente o trato pedagógico deste conteúdo.

Outro ponto é o fato da Luta também ao dividir a unidade didática com a Dança, referente ao 2º bimestre do ano letivo, está muito próximo das festas juninas do meio do ano, nesse momento toda a escola se mobiliza com reuniões, ensaios, ocupação de espaço, o que resulta numa diminuição das 10 horas aulas da carga horária disponível e pré-estabelecida, o que na verdade não deveria acontecer.

Devido ao calendário ser mais enxuto no 2º bimestre, por ter mais feriados por causa das festas juninas, acaba sendo mais encurtado, conseqüentemente um assunto dividido, uma unidade dividida por dois conteúdos, aí termina mais enxuto ainda, espremendo mais o tempo (PF2).

É importante que na elaboração do projeto político pedagógico da escola, as datas sejam bem definidas e que todas as atividades escolares sejam respeitadas, sem que exista uma sobreposição de datas e atividades, para que a realização de uma não impeça a concretização de outras, principalmente as que são voltadas à aprendizagem dos alunos.

Para o PF2 outro aspecto que muitas vezes torna-se determinante no momento de sistematizar os conhecimentos acerca da Luta, é o fato de que no período dos meses de maio e junho, momento em que as OTMs sugerem a presença do conteúdo Luta na rede pública de ensino do Estado de Pernambuco, é um período que ocorrem mais chuvas se comparado aos outros meses do ano, e como muitas das escolas não têm uma quadra coberta ou um local adequado para a aula, sua realização é prejudicada.

Num ambiente com chuva, como um pátio fica impossível. Na maioria das vezes as quadras não são cobertas, conseqüentemente vai atrapalhar sem dúvida a prática, mesmo tendo um espaço pra fazer prática, não vai poder ser realizado por questão climática, sem dúvida atrapalha (PF2).

A partir do que os professores explicaram, no ensino público estadual é importante a reflexão por parte da Secretaria de Educação, junto com as GREs, escolas e Governo do Estado para a qualificação dos espaços de trabalho dos professores da educação básica. No caso, para o professor de EF, pelo que se constatou nas falas a existência de um espaço adequado para a prática das atividades, melhorará significativamente a aula.

No final das entrevistas ao serem questionados acerca de quais contribuições que as OTMs trouxeram para o trato pedagógico do conteúdo Luta na Educação Física escolar, destacamos o que dizem os professores.

Em primeiro lugar, como já mencionado, a inserção de conteúdos nas aulas de Educação Física, pois mesmo com as propostas curriculares do Estado de Pernambuco que antecedem as OTMs em vigor nos seus períodos, alguns dos conteúdos não eram tratados em escolas da rede pública de ensino, com a inserção das OTMs, esta realidade mudou como destaca o PF1 ao relatar que antigamente não tratava determinados conteúdos por diferentes aspectos que refletiam em sua prática pedagógica. O PF1 explica que uma das principais contribuições das OTMs é o fato de apresentar uma organização para os conteúdos da Educação Física, pois pelo menos legalmente o documento curricular aponta que tipo de conhecimento, neste caso Ginástica, Luta, Dança, Jogo e Esporte, se deve tratar, deve estar presente em cada unidade didática.

A OTM vem mais para dar essa organização, para que as escolas do Estado no mínimo consigam trabalhar de forma que o aluno que está fazendo na tua escola o 9º ano e na minha escola também, que eles estejam na 1ª unidade didática trabalhando o conteúdo Ginástica nas duas escolas, pelo menos isso já garante uma uniformidade (PF1).

Caso o professor de Educação Física não tome como referência as OTMs para sua prática pedagógica, pode acontecer de determinados conhecimentos serem tratados ou não, ou serem sistematizados de uma forma diferente ou num ano escolar diferente. Assim o PF2 corrobora com o PF1, quando aponta que as OTMs trazem uma inovação a realidade do Estado, com um modelo de organização para o conhecimento.

Ocorre uma unificação, por exemplo, alunos que saem de determinadas escolas e chegam aqui. Normalmente se o professor do ensino fundamental seguiu as orientações das OTMs, normalmente os alunos já tem uma base pra seguir, mas se eles não seguem o que de geral está posto nela, cada aluno vivencia uma coisa diferente, numa escola diferente, ai quando eles chegam aqui, nós temos que abordar conhecimentos que eles já deveriam ter visto em outros anos escolares, ou seja, voltar ao que eles já deveriam ter aprendido (PF2).

No Estado de Pernambuco, o PF2 pensa que, com a existência das OTMs, a realidade do sistema educacional referente ao componente curricular Educação Física tem apresentado avanços significativos.

Como a maioria das pessoas teve esse conhecimento negligenciado em sua educação básica como eu, algumas só passam a ter contato após a escola quando estão na faculdade ou quando praticam em academias voltadas à prática de alguma Luta (PF2).

Sendo assim, a consolidação das OTMs é de certa forma um combate à defasagem de conteúdo e de uma série de fatores que estavam conectados, e que acontecia na realidade do Estado. Com as OTMs o professor tem agora um norte teórico e metodológico para se fundamentar. E o aluno passa a ter o direito ao acesso do conhecimento, o que evita a continuidade em massa desse ciclo vicioso, no qual predomina a defasagem de conhecimento na Educação Física escolar.

Para evitar essas fragilidades o Governo do Estado de Pernambuco em parceria com a Secretaria de Educação e com a Universidade de Pernambuco, por meio do Grupo de pesquisa Ethnós, realizam um programa de formação continuada, a mesma que deu origem as próprias OTMs, para este professor da educação básica conhecer, criticar, refletir, ampliar e compreender a importância para o aluno de se aprender os conhecimentos necessários a sua formação como sujeito social. Assim, ao somar esta proposta curricular com este programa, a formação do professor para a qualificação do ensino dos conteúdos da Educação Física e para a reflexão acerca do trato pedagógico do conteúdo Luta tendem a melhorar.

Para minimizar essas diferenças no trato pedagógico dos conhecimentos da Educação Física o PF2 sugere a importância de existir um encontro entre esses professores da mesma área de conhecimento que abranja diferentes GREs. Podemos citar, como exemplo, o caso do Encontro Pernambucano de Professores que está temporariamente sem ser realizado, mas que poderia estar contribuindo nesse anseio do professor. Logo, o PF2 defende a importância de existirem mais encontros para a qualificação dos professores da rede, assim como uma aproximação para que as experiências exitosas cheguem até os pares e nos alunos da escola.

Quanto mais capacitações, necessárias não só para própria experiência, mas também essa troca de conhecimento entre nós profissionais, mas também com pessoas, orientadores, pessoas que já tem um aprofundamento maior e uma discussão, trazer também o que eles estão vendo e pesquisando nas suas linhas de pesquisa, os pesquisadores trazerem também isso ai para a gente que vivencia na prática, eu acho que é muito importante, indispensável, sem dúvida essa ligação, se não houver isso, a Educação Física nunca vai sair daquela estagnação, da desvalorização dos próprios profissionais, de como o povo define a Educação Física como uma disciplina para o lazer, para o divertimento, ou fazer por fazer. E que na verdade tem todo um embasamento teórico, tem toda uma sistematização do conhecimento e do conteúdo (PF2).

E que esses encontros tenham a participação de pessoas especialistas em determinadas áreas, como é o caso das pessoas que estudam os conteúdos da Educação Física, ou apresentam estudos na área de currículo, de didática, entre outros.

A sugestão do PF1 também segue a perspectiva de encontrar caminhos para melhorar a sua prática pedagógica. Contudo, que ocorram modificações nas OTMs. O PF1 sugere que na parte referente ao conteúdo Luta é necessário que aconteça uma modificação. Podemos destacar essa menção no fato de que as OTMs utilizam o mesmo referencial teórico da Matriz Curricular de Referência das Competências em Educação Física para o Estado de Pernambuco de 2006. Logo, percebemos que há a necessidade de que os estudos nas OTMs avancem quanto aos conhecimentos teóricos que nela se encontram, já que entre uma proposta e outra são 4 anos de diferença, se somado a data atual de 2013, somam-se 7 anos, ou seja, carece de uma análise do que se tem nas OTMs com relação aos conteúdos da Educação Física, em especial a Luta, seus conceitos, características etc, para que ocorra uma modificação e ampliação. E assim o professor da rede pública de ensino de Pernambuco tenha um material que subsidie sua realidade.

As OTMs sugerem metas a serem alcançadas pelos alunos, quanto a isto o PF1 entende que ainda assim há a necessidade real do conhecimento e do que está ligado a ele, que passe por modificações qualitativas e que apresente resultados na aprendizagem do aluno durante a prática pedagógica.

Eu acredito que a OTM poderia se reestruturar não só com relação à Luta, mas com relação aos outros conteúdos da Educação Física de forma que ela trabalhasse como é hoje em dia a matemática, por exemplo, na matemática você na 5ª série o conteúdo é o mesmo em qualquer escola que você vá do país, porque já tem ali uma determinação para isso e em Educação Física a gente só tem um tema. Então fica difícil eu trabalhar o judô no ensino fundamental e o judô no ensino médio se eu não tenho exatamente que partes do judô, que conteúdos do judô eu vou trabalhar. Então eu acho que as OTMs poderiam avançar mais em relação a esse desenvolvimento do conteúdo (PF1).

Pela fala do professor, se observa ainda que mesmo com a existência das metas para o ensino da Luta, que ocorra uma descrição e detalhamento maior das possibilidades em abordar os conteúdos, ou seja, assim como foi mencionado em relação à parte teórica, também deve acontecer com relação as orientações metodológicas.

Por certo, estas modificações carecem de estudos e principalmente mobilização de vários setores que compõem as dimensões da Educação Física no Estado de Pernambuco. Como vimos, são inúmeras questões que interferem na seleção, organização e sistematização dos conhecimentos acerca da Luta. Em princípio é importante que o professor reflita sobre os sujeitos a quem se remete ensinar e o ensinar.

O diálogo entre o que está na revisão de literatura, nas propostas curriculares, como nas OTMs e no cotidiano da escola a partir da fala dos professores, mostra ainda uma carência tanto teórica quanto metodológica para o ensino da Luta no ambiente escolar.

É interessante percebermos que mesmo diante dessas dificuldades, um grande avanço ocorreu ao longo dos anos, que precisa continuar, para o trato pedagógico da Luta, a partir do momento que o professor reconheça a importância deste conhecimento para a formação moral, social, afetiva, física e intelectual do aluno e também para a sua, assim rompendo limites que cercam o ensino da Luta na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da investigação e análise da literatura, da análise documental e da pesquisa de campo, percebemos que o ensino do conteúdo Luta no âmbito da Educação Física escolar perpassa por diferentes contextos e situações que somados ou isolados apontam características pertinentes que interferem diretamente, positiva ou negativamente na intervenção pedagógica do professor ao abordar este conhecimento em sala de aula, assim como na interpretação dos conhecimentos pelos alunos.

Na literatura específica de livros e artigos científicos, constatamos uma carência em referências específicas que tratem ou apontem proposições para o ensino da Luta, de uma forma socializadora, reflexiva, crítica e construtiva a partir da realidade da escola. O que mais se destacam são produções sobre a Luta voltadas a contextos diferentes da realidade escolar, principalmente a saúde e ao esporte na forma de treinamento. Outro aspecto encontrado é a falta de trabalhos que apresentem metodologias específicas para o ensino da Luta na escola, quer sejam proposições ou trabalhos com base nos relatos de experiência dos professores a partir de suas ações satisfatórias. Logo, a ausência ou a baixa produção acadêmico-científica e pedagógica acerca do ensino da Luta na escola pode estar contribuindo para a não qualificação deste conhecimento nas aulas de Educação Física.

Os PCNs são, na maioria das propostas curriculares, a referência principal para a orientação dos traços teóricos e metodológicos das propostas, levando a elas um viés mais técnico e esportivizado, por apresentar apenas elementos como técnicas, ataque, defesa, ou seja, não se vê um foco na Luta na perspectiva de conhecimento, o que resulta na abordagem da Luta em outras dimensões.

Um reflexo disto são as informações existentes nas propostas curriculares estaduais para a Luta. Encontramos inúmeros aspectos que também dificultam o trato pedagógico dos seus conhecimentos específicos. Muitas propostas dificilmente a abordam como um conhecimento específico, ou seja, em sua maioria não encontramos a presença da Luta como fenômeno social. Do contrário apontamos alguns outros aspectos, como é o caso dela ser expressa por algumas de suas

modalidades específicas, principalmente pela capoeira e o judô, ou estando inserida, a partir dessas modalidades em outros conteúdos da Educação Física, principalmente no Esporte e na Ginástica.

Sabemos que quanto mais claro seja o processo de ensino, maiores serão as possibilidades de o aluno compreender as características de um determinado conhecimento. Logo, não tratar a Luta como fenômeno social, tratá-la apenas por meio de algumas de suas modalidades por mais importante que sejam, ou inserir os conhecimentos da Luta em outro conteúdo da Educação Física, só resultará numa má formação do aluno diante dos contextos apresentados, com a realidade do conteúdo.

Um fato que se repete no estudo das propostas curriculares assim como nos estudos acadêmico-científicos é a dificuldade de haver uma sistematização própria para a abordagem da Luta. Muito do que se observa são conteúdos expostos sem um suporte metodológico que contribua na ação pedagógica do professor. Em contrapartida, na presença de metodologias específicas para a Luta, o professor se sentiria mais seguro em abordar conhecimentos que em sua grande maioria não tiveram contato seja na vida pessoal e até mesmo na sua vida profissional. São apenas algumas propostas como a do Acre (2010), Maranhão (2009), Paraná (2008), Pernambuco (2010), que trazem encaminhamentos e sugestões de como o professor lidar com o ensino da Luta. Esta realidade permite ao professor vislumbrar como tratar o conhecimento, mas principalmente, tê-la como uma referência para que possa elaborar suas próprias vivências, sobretudo se estas surgirem do próprio chão da escola. O que faz emergir experiências cada vez mais exitosas.

Na análise das propostas curriculares, nota-se que o conteúdo Luta não está presente em todos os ciclos de escolarização, assim como acontece de ele em algumas dessas propostas, estar apenas em algum ano específico e não em todos que compõem aquele segmento. Este fator compromete significativamente a aprendizagem do aluno, que aprende em momentos distintos, de uma forma segregada, sem que haja uma continuidade no processo. E também o ato de ensinar do professor, que com a baixa frequência do conteúdo Luta nos anos escolares, deixa de se atualizar, de pesquisar e de lecionar sobre aquele conhecimento, o que pode resultar numa falta de domínio do conhecimento pelo professor.

Ainda que haja o esforço do professor em se qualificar, é de extrema importância que as propostas curriculares apresentem conhecimentos da Luta selecionados, organizados e sistematizados, e se possível que todos sejam justificados e apresentem o porquê daquilo, pois o que se analisa a partir das propostas curriculares, são conteúdos simplesmente expostos sem nenhum significado aparente, como se estivessem apenas apresentados devido aos fins, principalmente políticos, que cercam uma proposta curricular.

Para que uma proposta curricular atenda qualitativamente a realidade das escolas é preciso que os professores participem da sua elaboração, aspecto que ocorre em poucas, o que reflete de forma negativa no trato pedagógico do conteúdo Luta. Nas OTMs de Pernambuco e nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná ocorre essa participação dos professores. Em ambos Estados encontram-se grandes referências para a Educação Física, em Pernambuco sua proposta que serve como modelo a outros Estados e no Paraná que contém o Livro Didático do Paraná, frutos desta coletividade.

Também encontramos avanços nas propostas curriculares para o ensino da Luta, como exemplo, o histórico das propostas do Estado de Pernambuco, no qual a Luta como conteúdo não estava presente no final da década de 1980, referente aos currículos para a Educação Física daquela época, diferentemente das mais recentes que já a abordam junto com conhecimentos teóricos e metodológicos.

No intuito de apresentar achados importantes, os materiais didáticos recolhidos durante a pesquisa de campo, tais como, os programas de ensino, o diário de campo, os textos didáticos e as transcrições das entrevistas, referentes a aulas de Educação Física da rede pública estadual de ensino de Pernambuco se caracterizam como essenciais para o entendimento do trato pedagógico do conteúdo Luta.

Quanto ao trato pedagógico da Luta na escola, os programas de ensino dos professores se revelaram como instrumentos de extrema importância para a consolidação da Luta nas aulas de Educação Física, pois neste o professor tem a possibilidade de estruturar o conhecimento por toda a unidade didática, revelando os traços teóricos e metodológicos que adota em sala de aula.

No discurso dos professores, eles deixam claro que na hora de selecionarem os conhecimentos acerca da Luta para a posterior pedagogização, levam em consideração as características dos alunos, ou seja, o entendimento que eles detêm acerca deste conteúdo. Este seria um dos pontos principais neste momento, no entanto, outras características como, o espaço, o tipo de Luta, a formação acadêmica em outros ambientes determinam os critérios de seleção do que tratar na Luta. Os conteúdos geralmente são selecionados a partir de livros específicos sobre a Luta, de livros didáticos, em sites exclusivos da internet sobre alguma modalidade de Luta ou até mesmo de materiais que são utilizados em outros ambientes que não sejam o da Educação Física escolar, além do que em cada Luta o professor age na intenção de selecionar o que é de maior relevância para o aluno. É importante que o professor tenha clareza acerca do que seleciona, pois é o primeiro momento para o trato pedagógico da Luta.

Para a organização dos conteúdos, os programas de ensino dos professores são primordiais para manter uma coerência dos conhecimentos. Para a disposição dos conhecimentos estabelecidos na unidade didática, os professores tomam como base as OTMs que já trazem uma proposta de organização dos conhecimentos a partir da definição das metas. No entanto também tomam como base a realidade da escola e da sua experiência profissional.

Para os professores a forma como as OTMs apresentam para organizar os conteúdos fez reduzir a grande diferença do componente curricular Educação Física no Estado de Pernambuco, pelo fato de apresentar 5 conteúdos a serem tratados teórico e metodologicamente durante as 4 unidades didáticas do ano. O fato de existir essa definição de conteúdos e a sugestão de qual momento o professor trabalhar com eles, já se apresenta como um avanço a realidade educacional do Estado.

O fato de o professor lecionar para a mesma turma nos diferentes anos de escolarização é um ponto chave para o professor compreender se a forma e disposição dos conhecimentos nos ciclos de escolarização que ele estabelece estão coerente, isto dá um retorno qualitativo ao professor para organizar melhor os conteúdos, como no caso da Luta, evitando assim uma repetição de conhecimentos, o trato de alguns num momento importuno a compreensão do aluno ou a

visualização de que determinado conhecimento pode ou já deveria ter sido tratado em sala de aula.

No que diz respeito à organização do conteúdo Luta, os professores apontam que seguir um modelo de organização dos conhecimentos é sugestivo e possivelmente ideal a aprendizagem do aluno, ou seja, iniciar pela historicidade do conhecimento, conhecer as origens, o contexto social e cultural atrelado àquela prática, passar por características, no caso da Luta dos seus diferentes tipos, identificar os materiais e equipamentos, as vestimentas, as regras, a pontuação, os principais praticantes, conhecer a realidade deste conteúdo na comunidade, entre outros aspectos, são pontos importantes que contribuem na aprendizagem do aluno no fato deles associarem as informações por meio da comparação entre os conhecimentos.

Com relação a este ponto, nota-se uma grande diversidade de conhecimentos no ensino da Luta, cada proposta curricular apresenta suas especificidades, não havendo uma regularidade entre elas, como o fato da Luta em algumas estar inserida em outros conteúdos, principalmente no Esporte e na Ginástica, apesar da maioria tomar como base os PCNs que estabelecem a Luta como um conteúdo igual aos demais.

Quanto aos aspectos metodológicos, nota-se também uma grande variedade entre as propostas curriculares e entre os professores. Quando na proposta curricular não é apresentado o conteúdo Luta, já não há a possibilidade de análise desse e dos demais itens. Nas propostas são poucas as que trazem um procedimento metodológico específico para o ensino da Luta. Para os professores este seria um ponto primordial no trato pedagógico da Luta. No caso das OTMs um breve modelo é estabelecido, porém é importante que este seja mais bem elaborado, se aproximando da realidade do chão da escola.

A partir disto os professores se sentem no papel de além de utilizarem as OTMs, buscar em outras referências curriculares, assim como em livros didáticos e na internet as contribuições que eles julgam ser necessárias para a definição metodológica que eles decidirão utilizar em sala de aula com os alunos, pois o quanto mais estiver claro e detalhado, de melhor qualidade se torna o ensino do professor e a aprendizagem do aluno.

Sugerimos ao professor que ele busque junto a Secretaria de Educação melhores condições de trabalho para que de fato o conteúdo Luta assim como os demais conhecimentos da cultura corporal seja tratado com qualidade nas aulas de Educação Física. Num local de trabalho que tenha quadra coberta, sala para o ensino da Luta, além de materiais específicos, pois são de direito do professor e do aluno. E que também busque se qualificar tanto por vias de modo legal como as formações continuadas promovidas pelo Governo, como por meio de pesquisa, de cursos, até mesmo se possível visitar locais onde a Luta está presente. Pois, o acúmulo de conhecimento teórico, metodológico, técnico, entre outros, pelo professor, será essencial para a Educação Física escolar.

Enfim, nossa sugestão não é que exista um modelo único para o trato pedagógico do conteúdo Luta, mas que o professor tenha condições de abordar a Luta com qualidade, para isso consideramos importante que aconteçam modificações teóricas e metodológicas nas abordagens que norteiam a prática pedagógica dos professores, que nestas, o professor da educação básica participe efetivamente, como já acontece em alguns Estados e que surtiu efeito no trato pedagógico do conteúdo Luta na escola.

A materialização do conhecimento Luta com qualidade na escola atualmente apresenta fragilidades em diferentes âmbitos, seja no conceitual, no metodológico, nas condições estruturais para sua ocorrência, no entanto, são notórios os avanços que já aconteceram e que, em alguns casos, vêm contribuindo para à inserção da Luta na escola, como o simples fato dos professores e dos alunos apresentarem interesses em sala de aula para a aprendizagem dos conhecimentos acerca da Luta.

Por meio deste processo, observamos com maior atenção e clareza, que a realidade do fenômeno Luta no lócus da Educação Física escolar, não se estabelece em meio apenas a dificuldades, mas que novos encaminhamentos também são percebidos para a consolidação do seu trato pedagógico. Consideramos pertinente que mais pesquisas busquem entender e propor um trato pedagógico da Luta no contexto educacional priorizando sua desmistificação, e enfatizando seus benefícios para a formação de um cidadão comprometido com sua sociedade.

REFERÊNCIAS

ACRE. **Caderno de Orientação Curricular ensino Fundamental 2**. Secretaria do Estado da Educação. Rio Branco 2010.

ACRE. **Caderno de Orientação Curricular ensino médio**. Secretaria do Estado da Educação. Rio Branco 2010.

ALAGOAS. **Referencial curricular de educação básica para as escolas públicas de alagoas**. Secretaria do Estado da Educação e do Esporte/Projeto de Cooperação Técnica MEC-PNUD- SEE/AL, 2010.

ALVES, Leonardo Prata; MONTAGNER, P. C.; A esportivização da capoeira: reflexões teóricas introdutórias. **Conexões**, Campinas, v. 6, p. 510-521, jul. 2008. Disponível em: <<http://fefnet178.fef.unicamp.br/ojs/index.php/fef/article/view/270/221>>. Acesso em: 02/11/2012

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. ARS Poética Editora LTDA, 1994.

AMARAL, Lucas Vieira do. Tipos de pesquisa em Educação Física. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 17, n. 167, abril 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd167/tipos-de-pesquisa-em-educacao-fisica.htm>>. Acesso em: 16/06/2012

APOLLONI, Rodrigo Wolff. **“Shaolin à brasileira” estudo sobre a presença e a transformação de elementos religiosos orientais no Kung-Fu praticado no Brasil**. São Paulo: PUC, 2004. 221f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Pernambuco, São Paulo, 2004.

ARCHANJO, Flávio Miguel. **A História das Lutas Corporais: Contribuições Epistemológicas para a Educação Física**. Recife: O autor, 2005. 48f. Monografia (Especialização em Educação Física Escolar) – Universidade de Pernambuco, Recife, 2005.

ARRUDA, José Jobson de; PILETTI, Nelson. **Toda a história: história geral e do Brasil**. São Paulo: Ática, 1995.

ASSIS DE OLIVEIRA, Sávio. **A reinvenção do esporte: possibilidades da prática pedagógica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BETTI, Mauro. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Os sambas, as rodas, os bumba-meu-bois. A trajetória da salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil, 1936-2006. Brasília, Disponível em: <www.portal.iphan.gov.br>. Acesso em 19/10/2012.

BREDA, Mauro; SCAGLIA, Alcides J.; PAES, Roberto Rodrigo; GALATTI, Larissa Rafaela. **Pedagogia do esporte aplicada às lutas**. São Paulo: Phorte, 2010.

BROUSSE, Michel; VILLAMÓN, Miguel; MOLINA, J. Pere. El judo en el contexto escolar In: VILLAMÓN, M. **Introducción al judo**. Editorial Hispano Europea, S.A.: Barcelona, 1999.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 2012.

CAZETTO, Fabiano Filier. Lutas e artes marciais na escola: “Das brigas aos jogos com regras”, de Jean-Claude Olivier. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 31, p. 251-255, dez./ 2008. Disponível em <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/12282/12948>>. Acesso em: 14/05/2012.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, vol. 16, n. 2, p. 221-236, 2003. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/374/37416210.pdf>>. Acesso em: 20/05/2012.

COHN, Ernesto. **Aikido - Técnica e Filosofia**. 2. ed., São Paulo, Escrituras, 2002.

COLETIVO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA REDE DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL DO RECIFE. Educação Física: uma proposta pedagógica. In SOUZA JÚNIOR, M.. (org.) et al. **Educação Física escolar: Teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica**. 2. ed. Recife: EDUPE, 2011, p. 227-239.

CORDEIRO, Isabel; PIRES, Ricardo Dias de Souza. Considerações a respeito da capoeira na escola. In: SOUZA JÚNIOR, Marcílio (org.). **Educação Física Escolar: Teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica**. 2. ed. Recife: EDUPE, 2011, p. 213-223.

CORREIA, Walter Roberto; FRANCHINI, Emerson. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 1–9, 2010.

Disponível em:

<<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1980-6574.2010v16n1p01/2707>>. Acesso em: 21/04/2012.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

DEL VECCHIO, Fabrício Boscolo; FRANCHINI, Emerson. Lutas, Artes Marciais e Esportes de Combate: Possibilidades, Experiências e Abordagens no Currículo da Educação Física. In: SOUZA NETO, S.; HUNGER, D. **Formação profissional em Educação Física: estudos e pesquisas**. Rio Claro: Biblioética, 2006.

DISTRITO FEDERAL. **Orientações Curriculares séries e anos iniciais**. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, s. d.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, Rio de Janeiro, n. 115, p. 139-154, março 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>>. Acesso em 18/05/2012.

DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel. 1992.

ESPRÍTO SANTO. **Currículo Básico Escola Estadual do Espírito Santo ensino fundamental e médio**. Secretaria do Estado da Educação, s. d.

FERREIRA, Heraldo Simões. As lutas na Educação Física escolar. **Rev. De Educação Física**, Fortaleza, n. 135, p. 36-44, nov. 2006. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/ReginaldoCamposJr/as-lutasnaeducacaofisicaescolar>> Acesso em: 29/02/2012.

FRANCHINI, Emerson; Del VECCHIO, Fabrício Boscolo. Estudos em modalidades esportivas de combate: estado da arte. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 25, p. 67-81, dez. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v25nspe/08.pdf>>. Acesso em: 01/07/2012.

GAMBOA, Silvio Sanchez. Pesquisa em Educação Física: as inter-relações necessárias. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 5, 6 e 7, p. 34-46, dez. 1994. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/14499/13280>>. Acesso em: 03/08/2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GOIÁS. **Reorientação curricular do 1º ao 9º ano.** Secretaria de estado da educação, Goiana 2007.

GOMES, Mariana Simões Pimentel. **Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas: contextos e possibilidades.** Campinas: O autor, 2008. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

GUTMANN, Allen. **From ritual to record: the nature of modern sports.** New York: Columbia University Press, 1978.

KAWASHIMA, Larissa Beraldo; SOUZA, Laura Beraldo; FERREIRA, Lílian Aparecida. Sistematização de conteúdos da Educação Física para as séries iniciais. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.15, n. 2, p. 458-468, abr/jun 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/2161/2392>>. Acesso em: 20/10/2011.

KIRK, Jerome; MILLER, Marc L. **Reliability and validity in qualitative research.** California: Sage Publications, Inc. 1986.

MARANHÃO. **Referencial curricular de Educação Física 1º ao 9º ano Ensino Fundamental.** Secretaria de Estado da Educação 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MANZINI, Eduardo José. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARTINS, Carlos José; KANASHIRO, Cláudia. Bujutsu, Budô, esporte de luta. **Motriz**, Rio Claro, v. 16 n. 3, p. 638-648, jul./set. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/motriz/v16n3/a11v16n3.pdf>>. Acesso em: 06/07/2012.

MATO GROSSO DO SUL. **Versão Preliminar Ensino fundamental.** Secretaria de Estado de Educação, s. d.

MATO GROSSO DO SUL. **Versão Preliminar ensino médio.** Secretaria de Estado de Educação 2009.

MINAS GERAIS. **Proposta curricular ensino Fundamental e Médio.** Secretaria de Educação de Minas Gerais, s. d.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

NASCIMENTO, Paulo Rogerio Barbosa do; ALMEIDA, Luciano de. A tematização das lutas na Educação Física escolar: restrições e possibilidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 91-110, set./dez.. 2007. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3567/1968>>. Acesso em: 05/02/2012.

NASCIMENTO, Paulo Rogerio Barbosa do. Organização e trato pedagógico do conteúdo de lutas na Educação Física escolar. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 31, p. 36-49, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/14091/12950>>. Acesso em: 06/04/2012.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, v. 1, nº 3, 2º Sem./1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>>. Acesso em 09/07/2012.

PARANÁ. **Diretrizes curriculares da educação básica: Educação Física**. Secretaria de Educação, Curitiba, 2009.

PERNAMBUCO. **Orientações teórico-metodológicas**. Educação Física; ensino fundamental e médio. (2010). Disponível em: <http://www.educacao.pe.gov.br/upload/galeria/750/otm_educacao_fisica.pdf>. Acesso em: 08/05/2012

PIO, Rodolfo. **Inovações pedagógicas no ensino da luta corporal em escolas de formação de professores de Educação Física**. Recife, 2010. Monografia de Especialização (ESEF/UPE).

PIO, Rodolfo; TAVARES, Marcelo. Inovações Pedagógicas no Ensino da Luta Corporal em Escolas de formação de professores de Educação Física. In: XVII Congresso Brasileiro de Ciência e Esporte e IV Congresso Internacional de Ciência e Esporte, 2011, Porto Alegre. **XVII Congresso Brasileiro de Ciência e Esporte e IV Congresso Internacional de Ciência e Esporte**, 2011, Porto Alegre. p. 1-11.

PUCINELI, Fábio. **Sobre luta, arte marcial e esporte de combate: diálogos**. Campinas, 2004. Monografia de graduação (FEF/UNICAMP).

RAMOS, Jair Jordão. **Os exercícios físicos na história e na arte: do homem primitivo aos nossos dias**. São Paulo: Ibrasa, 1982.

RIO DE JANEIRO. **Proposta Curricular um novo formato**. Secretaria do Estado de Educação 2010.

RIO GRANDE DO SUL. **Referencial curricular 2009**.

RONDÔNIA. **Referencial Curricular do Estado de Rondônia**. Ensino fundamental.

RONDÔNIA. **Referencial Curricular do Estado de Rondônia**. Ensino médio.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. **A pedagogia das lutas**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. O jiu jitsu brasileiro nas três dimensões dos conteúdos nas aulas de Educação Física escolar. In: IV Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: as lutas no contexto da motricidade / **III Simpósio sobre o Ensino de Graduação em Educação Física: 15 anos do Curso de Educação Física da UFSCar** / V Shoto Workshop, 4, 2009, São Carlos. Anais... São Carlos: UFSCar, 2009.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. A separação dos conteúdos das “lutas” dos “esportes” na Educação Física escolar: necessidade ou tradição? **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 3, p. 1-17, set/dez. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/12202/10139>>. Acesso em: 14/06/2012.

SEVERINO, Roque Enrique. **O espírito das artes marciais**. São Paulo: Nelpa, 1985.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Cinthia Lopes da; VELOZO, Emerson Luís; RODRIGUES JR, José Carlos. Pesquisa qualitativa em Educação Física: possibilidades de construção de conhecimento a partir do referencial cultural. **Educação em revista**, Belo Horizonte, n. 48, p. 37-60, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/n48/a03n48.pdf>>. Acesso em: 27/07/2012.

SOARES, Carmen Lúcia. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. **Rev. Paul. Educ. Fís.**, São Paulo, supl. n. 2, p. 6-12, 1996. Disponível em: <<http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v10%20supl2%20artigo3.pdf>>. Acesso em 19/09/2012

SOARES, Carmen Lúcia; TAFFAREL, Celi Nelza Zulke; VARJAL, Elizabeth; CASTELLANI FILHO, Lino; ESCOBAR, Micheli Ortega; BRACHT, Valter. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio. A Educação Física no currículo escolar e o esporte: (im)possibilidade de remediar o recente fracasso esportivo brasileiro. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 4, 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/72/72>>. Acesso em: 05/09/2012.

_____. **A constituição dos saberes escolares na educação básica**. Recife: O autor, 2007. 354f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007a.

_____. Educação física numa proposta pedagógica em ciclos de aprendizagem. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 85-101, jan. 2007b. Disponível em:

<<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/58/65>> Acesso em: 10/10/2012.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio; MELO, Marcelo Soares Tavares de.; SANTIAGO, Maria Eliete. A análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa pesquisa qualitativa em Educação Física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 31-49, jul./set. 2010. Disponível em:

<<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/11546/10008>>. Acesso em: 08/05/2012.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio et al. Coletivo de autores: a cultura corporal em questão. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre, v. 33, n. 2, p. 391-422, abr./jun. 2011.

Disponível em:

<<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/676/662>>. Acesso em 07/05/2012.

STOTZ, Marcelo Backes Navarro; FALCÃO, José Luiz Cirqueira. Ritmo & Rebeldia em jogo: só na luta da capoeira se canta e dança? **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 1, p. 95-110, 2012. Disponível em

<<http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/893/724>>. Acesso em: 23/08/2012

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K.; SILVERMAN, Stephen J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2007.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TURATO, Egberto Ribeiro. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Rev. de Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 507-514, 2005. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v39n3/24808.pdf>>. Acesso em: 23/08/2012

VIEIRA, Luiz Renato; ASSUNÇÃO, Mathias Röhrig. Os desafios contemporâneos da capoeira. In: **Textos do Brasil**. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, vol. 1, n. 14, 2008, p. 07-19.

YONEZAWA, Fernando Hiromi. Algo se move: um elogio filosófico-ético à prática do combate como arte e educação. **Motriz**, Rio Claro, v. 16 n. 2, p. 348-358, abr./jun. 2010. Disponível em:

<<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1980-6574.2010v16n2p348/2969>>. Acesso em: 10/08/2012

APÊNDICES

Universidade de Pernambuco e Universidade Federal da Paraíba
Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física - Mestrado
Área de Concentração: Cultura, Educação e Movimento Humano
Linha de Pesquisa: Prática Pedagógica e Formação Profissional em Educação
Física
Orientador: Prof^o. Dr. Marcílio Souza Júnior
Orientando: Flávio Roberto Carneiro de Medeiros

Apêndice I

QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO

1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

1.1 - Nome: _____.

1.2 - E-mail: _____.

1.3 - Telefone (s) para contato: _(____)_____.

2 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO PROFISSIONAL

2.1 - Curso de graduação:_____.

2.2 - Qual tipo de vínculo tem com a rede e quanto tempo?

() contrato () efetivo () outro:_____ Tempo:_____.

2.3 - Qual a sua GRE, o município e a escola em que está lotado pela rede?

_____.

3 – DADOS DO EXERCÍCIO PROFISSIONAL

3.1 - Em qual(is) segmento(s) escolar(es) você está inserido? Exemplo: ensino fundamental, ensino médio etc.

_____.

3.3 - Conhece e/ou participou da construção das OTMs (Orientações Teórico- Metodológicas) para a Educação Física do Estado de Pernambuco?

() **Sim** () **Não**

3.4 - Utiliza esta proposta curricular ou outra referência para a organização/planejamento de sua prática pedagógica diante do processo de sistematização dos conteúdos da Educação Física?

() **Sim** () **Não**

3.5 - Você trata o conteúdo luta em suas aulas?

() **Sim** () **Não**

3.6 - Você utiliza programa de ensino para o conteúdo luta?

() **Sim** () **Não**

3.7 - Caso seja solicitado futuramente, poderias contribuir com esta pesquisa participando de uma entrevista?

() **Sim** () **Não**

Universidade de Pernambuco e Universidade Federal da Paraíba
Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física - Mestrado
Área de Concentração: Cultura, Educação e Movimento Humano
Linha de Pesquisa: Prática Pedagógica e Formação Profissional em Educação
Física
Orientador: Prof^o. Dr. Marcílio Souza Júnior
Orientando: Flávio Roberto Carneiro de Medeiros

Apêndice II
Roteiro para entrevista

A - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome _____.
 Telefone: _____ Email: _____.

B – FORMAÇÃO

Graduação: _____ Ano de conclusão: _____.
 Instituição: _____.
 Pós-Graduação: _____.
 Ano de conclusão _____.
 Instituição: _____.

C - EXERCÍCIO PROFISSIONAL

Quanto tempo você possui de exercício profissional em Educação Física escolar pela rede estadual de ensino de Pernambuco?
 _____.

Em qual(is) segmento(s) escolar(es) você está inserido? Exemplo: ensino fundamental, ensino médio etc. _____.

Conhece e/ou participou da construção das OTMs (Orientações Teórico- Metodológicas) para a Educação Física do Estado de Pernambuco?

() **Sim** () **Não**

D – QUESTÕES REFERENTES AO OBJETO DE ESTUDO

O que seria para você a luta como um fenômeno da humanidade?

O que você entende da luta como conhecimento a ser tratado pedagogicamente?

Por que você acha (ou não) que a luta deve ser tratada nas aulas de Educação Física escolar?

De que forma a luta pode se manifestar no âmbito escolar?

Você trata o conteúdo luta em suas aulas?

Você utiliza programa de ensino para o conteúdo luta?

Você elabora planos de aula ao tratar a luta?

Como você seleciona o conteúdo luta a ser tratado nas aulas de Educação Física escolar?

Como você organiza o conteúdo luta a ser tratado nas aulas de Educação Física escolar?

Como você sistematiza o conteúdo luta a ser tratado nas aulas de Educação Física escolar?

Que recursos materiais/didáticos você utiliza ao tratar a luta?

Utiliza as OTMs ou outra referência para o planejamento de sua prática pedagógica para os conteúdos da Educação Física?

Que contribuições você poderia apresentar a partir das OTMs para a materialização da luta na escola?

Que dificuldades pessoais quanto a sua formação acadêmica você elencaria que podem influenciar no trato da luta?

Que dificuldades do contexto escolar refletem no trato do conteúdo luta na escola?

Geralmente que modalidades de lutas você trata em suas aulas?

Existem atividades associadas à escola referentes ao fenômeno luta?

Como os alunos interagem com este conhecimento?

Para você qual o propósito de tratar o conteúdo luta na escola?

Como se dá a culminância do trato da luta?

Quais contribuições você poderia somar as OTMs a partir da sua realidade ao tratar a luta?

Universidade de Pernambuco e Universidade Federal da Paraíba
Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física - Mestrado
Área de Concentração: Cultura, Educação e Movimento Humano
Linha de Pesquisa: Prática Pedagógica e Formação Profissional em Educação Física

Orientador: Prof^o. Dr. Marcílio Souza Júnior

Orientando: Flávio Roberto Carneiro de Medeiros

Apêndice III

Roteiro de observação

Qual objetivo da aula? Este se apresenta explicitamente ou inferido durante a aula?
Existe coerência entre o programa de ensino/plano de aula e a prática pedagógica?
Quais recursos didáticos e espaços são utilizados? Se não houver, de que forma o professor (a) se organiza para tratar os conhecimentos da luta?
Como os conhecimentos acerca do conteúdo luta são tratados (teoria, pesquisa, textos didáticos, vídeos, visitas, convidados, vivências práticas)?
Como ocorre o desenvolvimento da aula?
Quais as dificuldades/dúvidas por parte do professor (a) em tratar a luta nas aulas de Educação Física escolar?
Quais as dificuldades/dúvidas por parte dos alunos em vivenciarem a luta nas aulas de Educação Física escolar?
Como ocorre a relação entre professor/aluno/luta?
Que modalidades de lutas são tratadas?
Como é distribuído o tempo da aula diante dos passos metodológicos?
Como o professor avalia a apropriação dos conhecimentos por parte dos alunos?
Quais encaminhamentos para próximas aulas?

Universidade de Pernambuco e Universidade Federal da Paraíba
Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física - Mestrado
Área de Concentração: Cultura, Educação e Movimento Humano
Linha de Pesquisa: Prática Pedagógica e Formação Profissional em Educação Física

Orientador: Prof^o. Dr. Marcílio Souza Júnior
Orientando: Flávio Roberto Carneiro de Medeiros

Apêndice IV

Indicadores para análise de conteúdo

Elemento central: Trato pedagógico do conteúdo Luta na Educação Física escolar da rede estadual de ensino de Pernambuco.

Operacionalização: Tratamento dado ao conteúdo luta para sua materialização (seleção, organização e sistematização).

Categorias analíticas: Currículo e Prática Pedagógica

Categorias empíricas: Seleção, Organização e Sistematização do conteúdo Luta.

Pontos de orientação para a investigação: Como ocorre a seleção, organização e sistematização do conteúdo Luta pelos professores? Quais modalidades de lutas são vivenciadas? Quais dificuldades surgem no trato do conteúdo Luta em aulas de Educação Física escolar? Como o professor se instrumentaliza para sua práxis a partir das OTMs? Quais fenômenos repercutem diretamente ou não no trato da Luta na escola?

ANEXOS



ANEXO 1 ORIENTAÇÃO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Elaborado de acordo com a Resolução 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde e legislação complementar da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa)

Convido (amos) V.Sa. a participar da pesquisa **A Sistematização do Conteúdo Luta nas Aulas de Educação Física em Escolas da Rede Estadual de Pernambuco** sob responsabilidade do (a) (s) pesquisador (a) (es) **Flávio Roberto Carneiro de Medeiros** (sob orientação do Prof. Dr. Marcílio Barbosa Mendonça de Souza Júnior), que tem por objetivo **analisar a sistematização do trabalho pedagógico dos professores da rede de ensino do Estado de Pernambuco quanto ao conteúdo Luta nos diferentes segmentos da educação básica, no que se refere a organização e materialização das (OTMs) curriculares do Estado.**

Para a realização deste trabalho será (ão) utilizado(s) o(s) seguinte(s) método(s): **realização de entrevista semi-estruturada a ser gravada em dispositivo de áudio, observação e filmagens de aulas e análise dos programas de ensino para o conteúdo luta.**

Esclareço (emos) ainda que após a conclusão da pesquisa todo material a ela relacionado, de forma gravada, filmada ou equivalente será destruído, não restando nada que venha a comprometer o anonimato de sua participação agora ou futuramente.

Quanto aos riscos e desconfortos, **é necessário destacar que não estão previstos riscos ou desconfortos, seja durante ou após o trabalho. A única inconveniência possível está associada apenas à dedicação de tempo para responder a entrevista e autorizar a observação e filmagem das aulas e o acesso ao programa de ensino para o conteúdo luta. Entretanto, todos os cuidados éticos serão realizados para garantir seus direitos como sujeito pesquisado.**

Caso você venha a sentir algo dentro desses padrões, comunicar imediatamente ao pesquisador para que sejam tomadas as devidas providências.

Os benefícios esperados com o resultado desta pesquisa **diz respeito a contribuir com a área da Educação Física Escolar uma vez que seus resultados poderão cooperar na qualificação da prática pedagógica dos professores de Educação Física da rede estadual de ensino de Pernambuco que compreende centenas de docentes.**

O (A) senhor (a) terá os seguintes direitos: a garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta; a liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízo para si ou para seu tratamento (se for o caso); a garantia de privacidade à sua identidade e do sigilo de suas informações; a garantia de que caso haja algum dano a sua pessoa (ou o dependente), os prejuízos serão assumidos pelos pesquisadores ou pela instituição responsável inclusive acompanhamento médico e hospitalar. Caso haja gastos adicionais, os mesmos serão absorvidos pelo pesquisador.

Nos casos de dúvidas e esclarecimentos o (a) senhor (a) deve procurar os pesquisadores na **Escola Superior de Educação Física, Secretaria do Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física UPE/UFPB - Curso de Mestrado em Educação Física, Rua Arnóbio Marques, 310, Santo Amaro, Recife, PE, CEP 50.100-130 ou pelos telefones (81)3183-3373 ou 3183-3354.**

Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pelos pesquisadores ou seus direitos sejam negados, favor recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Pernambuco, localizado à Av. Agamenon Magalhães, S/N, Santo Amaro, Recife-PE ou pelo telefone 81-3183.3775 ou através do e-mail comitê.etica@upe.pe.gov.br



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PREENCHIMENTO



Eu _____
(nome do respondente), cédula de identidade nº _____ e CPF _____, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação de toda informação por mim transmitida em publicações e eventos de caráter científico. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do (s) pesquisador (a) (es).

Local: _____

Data: ____/____/____

Assinatura do Professor (a)

Assinatura do Pesquisador

ANEXO 2

CARTA DE ANUÊNCIA

Secretaria de
Educação**PERNAMBUCO**
GOVERNO DO ESTADO

Recife, 28 de junho de 2012

CARTA DE ANUÊNCIA

Eu, **ANA COELHO VIEIRA SELVA**, CPF nº 461528814-04, como Secretária Executiva de Desenvolvimento da Educação do Estado de Pernambuco, declaro que tenho conhecimento do Projeto : **Educação Física na Educação Básica e a Formação Continuada de Professores do Estado de Pernambuco**, coordenado pelos Professores Marcelo Tavares, Marcilio Souza Júnior e Ana Rita Lorenzini, e dou **anuência** para a realização do referido Projeto nas escolas desta rede pública de ensino.

Nesta oportunidade renovamos protestos de consideração e apreço.

ANA SELVA

Secretária Executiva de Desenvolvimento da Educação

ANEXO 3

PROGRAMA DE ENSINO PARA O ENSINO DA LUTA - PF1

UNIDADE II				
Objetivos	Conteúdos/ Eixos Temáticos: Danças e lutas	Nº de aulas	Situações didáticas	Avaliação: Estratégias, Instrumentos e Critérios.
<p>- Compreender o histórico e a evolução das lutas;</p> <p>- Diferenciar Luta de Briga, analisando objetivos e principais fundamentos (ataque, controle e defesa)</p> <p>- Conhecer os diferentes tipos de lutas: Orientais, Ocidentais e Lúdicas.</p>	<p>Lutas: histórico e evolução;</p> <p>Artes Marciais (Orientais e Ocidentais), Lutas Modernas (MMA, UFC, WWE) e Lutas Lúdicas (jogos e brincadeiras populares com lutas);</p> <p><u>Judô e Capoeira</u> (ênfase).</p>	10	<p>Aulas teóricas e práticas;</p> <p>Exposição de Vídeos;</p> <p>Apresentação de Slides;</p> <p><u>Atividades Recreativas:</u></p> <p>Jogos de Lutas (lúdicas);</p>	<p><u>Avaliação Processual</u> (análise individual do desempenho):</p> <p>Produção e interesse pessoal;</p> <p>Participação;</p> <p>Frequência;</p> <p>Pontualidade.</p> <p><u>Avaliação Escrita</u> (prova com questões subjetivas e de múltipla escolha).</p>

ANEXO 4

PROGRAMA DE ENSINO PARA O ENSINO DA LUTA – PF2

UNIDADE II	
COMPETÊNCIA/HABILIDADE	CONTEÚDO/ DETALHAMENTO
<p>C1. Reconhecer, considerar e compreender a prática efetiva da Educação Física, como dever da escola e direito do aluno, identificando o fazer pedagógico da cultura corporal numa perspectiva Crítica Superadora. (Correlacionada com as Competências 1,3,9 da Área – CA1,3,9)</p> <p>H2. Resgatar o histórico, social, afetivo, religioso, político e econômico da luta enquanto cultura corporal.</p> <p>H3. Compreender a luta como elemento de exercitação relacionada à saúde.</p> <p>C2. Refletir sobre a Cultura Corporal contribuindo para os interesses das camadas populares, desenvolvendo fatores como solidariedade substituindo o individualismo, cooperação confrontando a disputa, distribuição em confronto com a apropriação, enfatizando a liberdade de expressão de movimentos (emancipação). (Correlacionada com as Competências 3,5,6 da Área – CA3,5,6)</p> <p>H2. Compreender os aspectos de organização da identificação e da categoria dos movimentos de combate corpo a corpo, compreendendo o sentido/significado e cada uma de suas formas;</p> <p>H3. Compreender a luta como elemento de exercitação relacionada à saúde.</p> <p>C3. Conhecer, valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações de cultura corporal do Brasil e do Mundo, percebendo-as como recurso valioso para a integração entre pessoas e diferentes grupos sociais e étnicos. (Correlacionada com as Competências 3,4,5,6 da Área – CA3,4,5,6)</p>	<p>1º ANO - UNIDADE II</p> <p>EIXO TEMÁTICO LUTA</p> <p>LUTA ENQUANTO CONHECIMENTO DA CULTURA CORPORAL:</p> <p>1.1. Resgate histórico, social, afetivo, religioso, político e econômico das lutas.</p> <p>1.2. Relação do negro, branco e do índio com as lutas.</p> <p>1.3. Relação das lutas com a saúde.</p> <p>1.3.1. Gasto energético.</p> <p>1.3.2. Obesidade.</p> <p>1.3.3. Hábitos de vida saudável.</p> <p>1.4. Exercitação do corpo nas lutas.</p> <p>1.4.1. Fundamentos gestuais e de organização: golpes e defesas, ritmo e exposição/feira e vestimenta.</p> <p>1.5. Temas sociais.</p> <p>1.5.1. Violência, preconceito e valores, a luta na sociedade.</p>

H2. Conceituar e caracterizar a luta resgatando seus aspectos históricos, sociais, políticos, econômicos e religiosos.

C4. Participar de atividades corporais estabelecendo relações equilibradas e construtivas, reconhecendo e respeitando características físicas e de desempenho de si próprio e do outro, sem discriminar características pessoais, físicas, sexuais ou sociais.

(Correlacionada com as Competências 3,4,5,6,7 da Área – CA3,4,5,6,7)

H3. Correlacionar às lutas priorizando as origens do negro, do branco e do índio.

C6. Conhecer, organizar e interferir no espaço de forma autônoma, bem como reivindicar locais adequados para promover atividades corporais de lazer, reconhecendo-as como uma necessidade do ser humano e um direito do cidadão, em busca de uma melhor qualidade de vida.

(Correlacionada com as Competências 3,7 da Área – CA3, 7)

H1. Refletir sobre conceitos, hábitos e atitudes que constituem a prática das lutas em vários espaços e tempos da prática corporal.

H2. Compreender e explicar as lutas de forma contextualizada.

ANEXO 5

TEXTO DIDÁTICO 1 DO PF2

BOXE

O boxe ou pugilismo é uma arte marcial e esporte de combate que usa apenas os punhos, tanto para a defesa como para o ataque. A palavra deriva do inglês to box, que significa bater, ou pugilismo (bater com os punhos), expressão utilizada na Inglaterra entre 1000 e 1850.

Histórico

Populares na Inglaterra nos séculos XVIII e XIX, o boxe era praticado com as mãos nuas. Essas lutas com as mãos descobertas eram frequentemente brutais. O desporto foi reformado em 1867, com as regras de Queensberry, que previam rounds de três minutos e o uso de luvas. Entraram em vigor em 1872.

O boxe foi primeiramente considerado desporto olímpico em 688 a.C., na 23ª olimpíada. Porém, quando ressurgiram as Olimpíadas da Era Moderna, o Comitê Olímpico Internacional (COI) não admitia a inclusão do boxe por não achar o desporto condizente com o clima de confraternização entre os atletas. O boxe foi incluído como demonstração na Olimpíada de 1912 em Estocolmo, só se tornando um desporto olímpico moderno na Olimpíada de 1920 em Antuérpia.

Características

As lutas profissionais possuem no máximo 12 assaltos com 3 minutos cada. Porém, em determinadas competições o número de assaltos pode ser menor. Nas Olimpíadas, por exemplo, são 3 rounds de 3 minutos cada. No final de cada assalto, os lutadores ganham pontos, que são atribuídos por cinco jurados da luta. Estes pontos, definidos por golpes e defesas, servem para definir o ganhador em caso da luta chegar até o fim. Quando um lutador consegue derrubar o adversário e este permanece por 10 segundos no chão ou não apresentar condições de continuidade na luta, ela termina por nocaute. Não são permitidos golpes baixos (na linha da cintura ou abaixo dela). Dois avisos valem uma advertência e três advertências equivalem à desqualificação do lutador. O boxe é um esporte, também considerado arte marcial, que faz parte dos Jogos Pan-Americanos e também das Olimpíadas. Podemos citar como boxeadores que mais fizeram sucesso: Larry Holmes, Muhammad Ali, Sugar Ray Leonard, Oscar de la Hoya, Julio Cesar Chavez e Mike Tyson. No Brasil, podemos destacar Éder Jofre, Adilson "Maguila" Rodrigues e Acelino Popó Freitas.

Golpes

Jab ou **jabe**: Golpe frontal com o punho que está à frente na guarda. Embora seja geralmente usado para afastar o oponente ou para medir a distancia, ele pode nocautear.

Direto: Golpe frontal com o punho que está atrás na guarda. É um golpe muito rápido e forte.

Cruzado (*cross*): Tão potente quanto o direto, porém o alvo é a lateral da cabeça do adversário. O cruzado termina seu movimento com o braço dobrado.

Uppercut: Desferido de baixo para cima visando atingir o queixo do oponente.

Hook ou **gancho**: Golpe desferido em movimento curvo do punho, atingindo lateralmente, dificultando a defesa do oponente. Difere do cruzado pela distância que é aplicado (próximo e contornando a guarda adversária). O *hook* termina seu movimento com o braço flexionado.

Knock out

O knock out (KO), abrasileirado para nocaute, ocorre quando um dos lutadores fica incapacitado de continuar lutando. Seja por estar desmaiado, muito ferido ou visivelmente atordoado. Caso o lutador esteja nocauteado mas ainda esteja em pé, o juiz pode interromper a luta dando a vitória ao adversário e a perda de 10 pontos.

Golpes baixos

Os golpes baixos são os aplicados abaixo da cintura e não são permitidos no boxe. Se o outro adversário bater em uma dessas partes, o mesmo será advertido e, na reincidência, poderá ser eliminado, a critério do árbitro. Os golpes permitidos são os aplicados na parte frontal do adversário, como no rosto e no abdômen.

Categorias

As categorias de peso do boxe são subdivisões nas quais são escalados os pugilistas, a fim de tornar as lutas mais equilibradas. A pesagem oficial é realizada um dia antes da luta e, caso um atleta esteja fora do peso mínimo ou máximo, não estará apto a participar do combate.

As principais categorias são: Peso-Mosca (até 50.8 kg), Peso-Galo (até 53.5 kg), Peso-Pena (até 57.2 kg), Peso-Leve (até 61.2 kg), Meio-Médio (até 66.7 kg), Médio-Ligeiro (até 69.9 kg), Peso-Médio (até 72.6 kg), Super-Médio (até 76.2 kg), Meio-Pesado (até 79.4 kg), Peso Pesado (+ 90.7 kg), entre outros.

Sistema eletrônico de pontuação no boxe amador (Olímpico)

Cinco juízes posicionados ao redor do ringue jogam com suas pequenas máquinas, pressionando o botão quando acreditam ter visto um golpe sendo aplicado claramente.

O botão vermelho representa o boxeador do corner vermelho e o botão azul, o lutador de azul. O ponto é marcado quando ao menos três jurados apertam o botão da mesma cor no prazo de um segundo.

Existem outros dois botões, igualmente vermelho e azul, para anotar o número de faltas -- como bater abaixo da linha da cintura, por exemplo.

Quando uma advertência é assinalada pelo árbitro, os juízes apertam o botão "relevante" e o outro boxeador recebe dois pontos.

Os teclados são conectados a um computador central que calcula e soma os pontos. O resultado aparece instantaneamente em um placar eletrônico sobre o ringue.

ANEXO 6

TEXTO DIDÁTICO 2 DO PF2

MUAY THAI

O Muay Thai (boxe tailandês) é uma luta originária da Tailândia, país do qual é o esporte nacional. Arte marcial com mais de dois mil anos de existência criada pelo povo tailandês como forma de defesa nas suas guerras e para obter uma boa saúde. Na Tailândia o Muay Thai também é conhecido *Luta da Liberdade* ou *Arte dos Livres*, pois foi com o Muay Thai que se protegeram dos povos opressores que tentavam conquistar seu território.

Histórico

A história de Boxe tailandês caminha lado a lado com a história do povo tailandês — a origem de ambos é, portanto, difícil de se descobrir.

Quando o exército birmanês invadiu e arrasou Ayuddhaya, os arquivos de história tailandesa ficaram perdidos. Com eles, foi-se também muito da história do começo do boxe tailandês. O pouco que se sabe vem das escritas dos birmaneses, registros de antigas visitas européias e algumas das crônicas do reino de Lanna Chiangmai.

Existem várias versões sobre a origem do boxe tailandês. A mais aceita pela maioria dos mestres de boxe tailandês e também por vários historiadores tailandeses é a seguinte:

A origem de seu povo é a província de Yunnan, nas margens do rio Yang Tsé na China Central. Muitas gerações atrás eles migraram da China para o local onde atualmente é a Tailândia em busca de liberdade e de terras férteis para agricultura. Do seu local de origem, a China, até o seu destino, os tailandeses foram constantemente hostilizados e sofreram muitos ataques de bandidos, de senhores da guerra, de animais, e também foram acometidos de muitas doenças. Para protegerem-se e manterem a saúde, eles criaram um método de luta chamado "Chupasart".

Esse método de luta e auto-defesa fazia uso de diversas armas como por exemplo: espadas, facas, lanças, bastões, escudos, machados, arco e flecha, etc. No treino do "Chupasart", frequentemente ocorriam acidentes que causavam algumas vezes graves ferimentos aos praticantes. Para que eles pudessem treinar sem ferir-se, os tailandeses criaram um método de luta sem armas, o precursor do atual boxe tailandês. Assim eles podiam exercitar-se e treinar mesmo em tempos de paz e sem o risco de ferir-se. Com o tempo, ele foi modificando-se e transformou-se no estilo de luta que é hoje.

Características

É conhecida mundialmente como *A Arte das Oito Armas*, pois se caracteriza pelo uso combinado dos dois punhos + dois cotovelos + dois joelhos + dois 'canelas e pés', e associado a uma forte preparação física que a torna uma luta de contato total poderosa e eficiente.

Todo golpe do Muay Thai tem o objetivo de acabar com a luta (*knock out*). As combinações de golpes são certeiras e raramente se pode ver uma luta que chegue ao quinto *round*, pois geralmente o nocaute vem antes. Utilizam-se socos parecidos com os do boxe, golpes com as 'canelas e pés', típicos desta luta, e também os joelhos e cotovelos.[carece de fontes].

O Muay Thai vem ganhando cada vez mais praticantes, é uma luta que desenvolve um ótimo condicionamento físico e mental, concentração e auto-confiança. Além disso, o treinamento ajuda as crianças e adolescentes a terem maior poder de concentração nas suas atividades paralelas.

O Muay Thai é tão popular na Tailândia quanto o futebol no Brasil, isso faz da Tailândia a maior potência de tal esporte no mundo. Além de criadores do Muay Thai, os tailandeses também são os maiores lutadores do mundo na sua categoria, até 70 kg em média, isso devido os tailandeses terem uma estrutura física pequena.

Técnicas

As técnicas básicas do Muay Thai são os socos, chutes, joelhadas e cotoveladas. São usadas também técnicas de *clinch* e arremesso. O Muay Thai é uma arte de combate de contato total, onde a troca de golpes dos lutadores é constante.

Os principais golpes são: Socos (*Mhad*), Chutes (*Dteh*), Joelhadas (*Khao*), Cotoveladas (*Sawk*), Defesas (*Pongkan*) e Clinchs (*Plam*).

Graduação

A graduação varia de federação e confederação. Na Tailândia não se utiliza graduação, há apenas a classificação de lutador amador e profissional.

O Sistema Internacional, aceito pela Confederação Brasileira de Muay Thai Tradicional – CBMTT, apresenta a seguinte organização: 1º Khan Nueng (Prajied Branco) – Iniciante; 5º Khan Hah (Prajied Verde e Branco) – Intermediário; 8º Khan Pad (Prajied Marrom) Avançado; 12º Khan Sib Song (Prajied Preto) – Instrutor (Kru Puh Chuay); 13º Khan Sib Sam (Prajied Preto e Branco) – Professor (Kru); 14º Khan Sib Sih (Prajied Prata) – Mestre (Arjarn); 15º Khan Sib Hah (Prajied Ouro) – Grão-Mestre (Arjarn Yai) e 16º Khan Sib Hok (Prajied Ouro e Prata) - Grão-Mestre Honorário (Por Ra Ma Jarn).

O Muaythai [มวยไทย] é uma luta originaria da Tailândia, também conhecida como Boxe Tailandês ou Thai Boxing. É o esporte nacional da Tailândia. Arte Marcial com mais de 2.000 anos de existência criada pelo povo tailandês como forma de defesa nas suas guerras e para obter uma boa saúde.

Significado: ARTE MARCIAL TAILANDESA

MU = Marcial; AY = Arte; THAI = Referente ao povo Tailandês

Na Tailândia o Muaythai também é conhecido como "Luta da Liberdade" ou "Arte dos Livres", pois foi com o Muaythai que se protegiam dos povos opressores que tentavam conquistar seu território. Então como venceram suas batalhas utilizando as técnicas do Muaythai conseguiram sua liberdade, por isso vem o nome "Luta da Liberdade".

CARACTERÍSTICAS:

O Muaythai é conhecido mundialmente como "A Arte das Oito Armas", pois se caracteriza pelo uso de: punhos, cotovelos, joelhos e pés, que associada a uma forte preparação física e combinação de movimentos torna o Muaythai a mais eficiente, poderosa e sem dúvida violenta luta de trocação (contato total) da face da terra.

Todo golpe do Muaythai tem o objetivo de acabar com a luta (knock out). As combinações de golpes do Muaythai são certeiras e raramente se pode ver uma luta que chegue ao 5º round, pois geralmente o nocaute vem antes. É uma luta que além de ter os socos devastadores do boxe, tem também os violentos golpes com as canelas e pés, na qual é caracterizada esta luta. É considerada a arte marcial que mais faz uso eficiente dos joelhos e cotovelos. O Muaythai vem ganhando cada vez mais praticantes, é uma luta muito agressiva que desenvolve um ótimo condicionamento físico e mental, concentração e auto-confiança. Além disso, o treinamento ajuda as crianças e adolescentes a terem maior poder de concentração nas suas atividades paralelas.

O Muaythai é tão popular na Tailândia quanto o futebol no Brasil, isso faz da Tailândia a maior potencia do esporte do mundo. Além de criadores do Muaythai, os tailandeses também são os maiores lutadores do mundo na sua categoria, até 70 kg em média, isso devido os tailandeses ter uma estrutura física pequena.

TÉCNICAS DO MUAYTHAI

As técnicas básicas do Muay Thai são os socos, chutes, joelhadas e cotoveladas. São usadas também técnicas de clinch e arremesso. O Muay Thai é uma arte de combate de contato total, onde a troca de golpes dos lutadores é constante.

- Socos (Mhad); Chutes (Dteh); Joelhadas (Khao); Cotoveladas (Sok); Defesas (Pongkan); e Clinch (Plam).

CHUTES:

Os chutes circulares e os chutes frontais são os dois chutes mais comuns no Muay Thai. O chute circular do Muaythai foi assimilado por diversas outras artes marciais como por exemplo o Kickboxing. O chute circular usa um movimento rotatório do corpo inteiro.

Os lutadores de MuayThai são treinados para bater sempre com a canela. A canela é a parte mais forte da perna do lutador. O pé contem muitos ossos finos e é muito mais propenso a lesões. Um lutador pode acabar se ferindo usando somente o pé como área de impacto.

Os lutadores de Muaythai condicionam cuidadosamente suas canelas em treinos no saco pesado e em sparring também, para melhor resistencia e força na hora da luta, os lutadores praticam suas caneladas em superfícies duras, como alguns tailandeses.

JOELHADAS:

No Muaythai são usadas diversos tipos de joelhadas, joelhadas "frontais", joelhadas "laterais", joelhadas voadoras, joelhadas na coxa, joelhadas em clinch, etc.

COTOVELADAS:

O cotovelo pode ser usado em sete maneiras: horizontal, diagonal p/ cima, diagonal p/ baixo, ascendentes, descendente, girando e saltando.

Do lado pode ser usado como um movimento do revestimento ou como uma maneira de cortar o rosto do seu oponente de modo que o sangue possa obstruir sua visão. Essa é a maneira mais comum de se usar o cotovelo. Os cotovelos diagonais são mais rápidos do que os outros, mas são menos poderosos. As cotoveladas ascendentes e no ar são as mais poderosas, mas são mais lentos e mais fáceis de evitar ou obstruir. O cotovelo descendente é usado geralmente quando o oponente abaixa-se.

Há também uma diferença distinta entre uma cotovelada única e uma cotovelada em sequência. A cotovelada única é um movimento de cotovelo independente de todos os outros movimentos, visto que uma cotovelada em sequência é a segunda batida do mesmo braço, sendo um gancho primeiramente com uma continuação do cotovelo. Tais cotoveladas, e a maioria das outras cotoveladas, são usados quando a distância entre lutadores se torna demasiado pequena e há pouco espaço para jogar um gancho na cabeça dos oponentes.

DEFESAS:

A defesa é uma coisa muito importante no Muaythai e são usados os ombros, os braços e as pernas (canela) como um "escudo" para obstruir as técnicas do oponente. Obstruir é um elemento importante no Muaythai e combina-se com o nível de condicionamento do praticante.

Os chutes circulares baixos e circulares médios ao corpo são obstruídos normalmente com a canela. Os golpes na parte superior do corpo são obstruídas geralmente com o antebraço, ou se possível com a canela. Os chutes circulares médios podem também ser segurados, travando o oponente, e assim permitindo um ataque para derrubá-lo, ou jogar o oponente a distância.

CLINCH:

O clinch é aplicado prendendo-se o oponente em torno do pescoço ou em torno do corpo, eles não são separados e a luta continua com troca de joelhadas e cotoveladas. Geralmente em clinch também são usadas diversas técnicas de arremessar o oponente ao chão.

ANEXO 7

TEXTO DIDÁTICO 3 DO PF2

CAPOEIRA

Histórico

- A capoeira é uma expressão cultural brasileira que mistura luta, dança, cultura popular, música
- Desenvolvida no Brasil por escravos africanos e seus descendentes, é caracterizada por golpes e movimentos ágeis e complexos, utilizando os pés, as mãos, a cabeça, os joelhos, cotovelos (etc.)

CARACTERÍSTICAS

- A música é um componente fundamental da capoeira;
- Ela determina o ritmo e o estilo do jogo que é jogado durante a *roda de capoeira*;

ESTILOS

Capoeira de Angola

- A Angola é o estilo mais próximo de como os negros escravos jogavam a Capoeira.
- Mais lenta, movimentos executados junto ao solo.
- Mestre Pastinha (maior propagador da Capoeira Angola).
- Em 1941, fundou a primeira escola de capoeira legalizada pelo governo baiano.

Capoeira Regional

- Criada por Mestre Bimba. Ele a chamava de “Capoeira regional da Bahia”.
- Possui elementos fortes de artes-marciais em seu jogo;
- Os jogos e toques são executados de forma mais rápida.
- Retirou a Capoeira da marginalidade, pois considerava um estilo de vida.

Golpes e movimentos da capoeira regional

Aú
Cruzado

Macaco

Martelo

Martelo

Meia-lua

Ponte

Esquiva

Ginga

INSTRUMENTOS

- Berimbau; Atabaque; Pandeiro; Reco-reco; Agogô.

EQUIPAMENTOS

- Abadá e Corda.

GRADUAÇÃO (Adulto)

- Branca Branca /Amarela; Amarela; Amarela/Laranja;
- Laranja; Laranja/Azul; Azul; Azul/Verde;
- Verde; Verde/Roxo; Roxo; Roxo/Marrom;
- Marrom; Marrom/Vermelho; Vermelho.

ANEXO 8

TEXTO DIDÁTICO 4 DO PF2

JUDÔ

Conceito

- Judô = Caminho Suave.
- É um desporto praticado como arte marcial, fundado por Jigoro Kano em 1882.
- Os seus principais objetivos são fortalecer o físico, a mente e o espírito de forma integrada.
- Sua técnica utiliza basicamente a força e peso do oponente contra ele.

Origem

- Ju-jutsu: Arte marcial desenvolvida pelos antigos samurais.
- Apesar de sua indiscutível eficiência para a defesa pessoal, o antigo Ju-jutsu não podia ser considerado um esporte, pois as regras não eram padronizadas.
- Os professores ensinavam às crianças os denominados golpes mortais.
- Baseado nesses inconvenientes, Jigoro Kano resolveu modificar o tradicional ju-jutsu.
- Jigoro Kano baseava-se no princípio de "ceder para vencer", a partir da lenda do salgueiro, utilizando a não-resistência (flexível) para controlar, desequilibrar e vencer o adversário com o mínimo de esforço.
- Segundo Kano, uma atividade física deveria servir, em primeiro lugar, para a educação global dos praticantes.
- Em fevereiro de 1882, Jigoro Kano inaugura sua primeira escola de Judô, denominada Kodokan.

Princípios Filosóficos

- Princípio da Máxima Eficiência com o mínimo de esforço;
- Princípio da Prosperidade e Benefícios Mútuos;
- Princípio da Suavidade;
- Princípio do Ceder para Vencer.

Divisão das Técnicas

- Ukemi Waza – Técnica de Queda;
- Nage Waza – Técnica de Projeção;
- Katame Waza – Técnica de Controle;
- Atemi Waza – Técnica de Defesa

Regras

- As lutas de judô são praticadas num tatame de formato quadrado (de 14 a 16 metros de lado).

- Cada luta dura até 5 minutos.
- Vence quem conquistar o ippon primeiro.
- No judô não são permitidos golpes no rosto ou que possam provocar lesões no pescoço ou vértebras.

Pontuação

- Ippon (1 Ponto): O ippon é conquistado quando um judoca consegue derrubar o adversário com as costas no chão ou imobilizando-o durante 25 segundos ou estrangulamento ou chave de articulação.
- Wazari (1/2 Ponto): adversário cai sem ficar com os dois ombros no tatame ou imobilizar o oponente por 20 à 24 segundos.
- Yuko (1/3 Ponto): Quando o adversário vai ao solo de lado ou quando é imobilizado por 15 segundos.

Graduação

- Branca;
- Cinza;
- Azul;
- Amarela;
- Laranja;
- Verde;
- Roxa;
- Marrom;
- Preta (1º a 5º Dan);
- Vermelha/Branca (6º a 8º Dan);
- Vermelha (9º a 10º Dan).

Equipamentos

- Judogi (Kimono);
- Faixas (graduação).

Principais Judocas

- Aurélio Miguel;
- Thiago Camilo;
- Flávio Canto;
- Edinanci Silva.

ANEXO 9

TEXTO DIDÁTICO 5 DO PF2

KUNG FU

Wushu (pinyin: wǔshù) é um termo chinês que literalmente significa arte da guerra. Na China o termo *Kuo Shu*, que significa arte nacional, também é usado, na acepção de arte marcial.

Kung Fu (*Pin Yin*: gongfu) é uma palavra chinesa que, em forma coloquial, pode significar "tempo e habilidade", "trabalho duro", algo adquirido através de esforço ou ainda competência na luta corporal.

Existem catalogados na China centenas de estilos de arte marcial, e estes podem ser classificados em duas escolas: Waijia ou escola externa, e Neijia ou escola interna. Na primeira se inclui a maior parte dos estilos de wushu, alguns supostamente originários do templo de Shaolin. Já a segunda se tornou mais famosa, em teoria, a partir do templo do Monte Wudang, centro que enfatizava estilos tradicionais, alguns muito famosos no Ocidente, como o Pa Kua Chang (Baguazhang), Hising-I Chuan (Xingyiquan) e o Tai Chi Chuan (Taijiquan);

Uma reformulação moderna com um intuito esportivo de alto desempenho é o Wushu Moderno, que consiste na criação de Taolus (coreografias) desenvolvidos com as principais técnicas dos estilos do norte e do sul da China e suas armas, exigindo principalmente a execução correta dos movimentos marciais. Jet Li, ator chinês, foi um grande disseminador do esporte pelo mundo.

Paralelo ao Wushu Moderno, o Kung Fu/Wushu Tradicional permanece disponível para a prática, tendo inclusive muito mais praticantes do que o Kung Fu/Wushu Moderno. O foco do Tradicional é oferecer uma prática esportiva e marcial para todas as idades, ou seja, ser uma arte inclusiva. O treino do Kung Fu/Wushu Tradicional é composto também por Taolus (katis) com e sem armas, aplicações de golpes em um ambiente controlado por um instrutor/professor/mestre qualificado, Toi Tchas (lutas combinadas), etc.

Histórico

O Kung-Fu é originário da China e nasceu da necessidade de sobrevivência dos antepassados na luta contra animais ferozes e contra inimigos. Conta a lenda que certa vez, um monge chinês - Ta Mo - subiu numa montanha e se pôs a contemplar o movimento dos animais, as posições que tomavam para a luta e a maneira como se defendiam dos ataques. Observando tais movimentos, desenvolveu um trabalho de adaptação desses animais para o homem, estruturando-os de acordo com as possibilidades físicas do homem. Entre os animais observados estão o tigre, macaco, garça, águia, louva-a-Deus, serpente, etc. Assim nasceu o Kung-Fu, como chamam os ocidentais esta luta chinesa. Esta arte marcial milenar vem orientando as pessoas, bem como ajudando os jovens a se direcionarem em disciplina e respeito com os colegas.

Características

Além da habilidade em combate e ganho de saúde o wushu trabalha o desenvolvimento pessoal, advindo da disciplina, persistência e respeito aos limites; estrutura o corpo e a mente ajudando no equilíbrio psíquico e auxiliando na superação de obstáculos e desafios sem desistir.

O Wushu pode ser praticado por adultos, idosos e crianças de ambos os sexos dependendo do estilo. Combina ginástica completa de todo o corpo, na maioria das vezes seqüências de movimentos, chamados de Taolu, conhecidos vulgarmente como katis no Brasil, dada à influência do termo "kata", usado no Karatê.

ALGUNS ESTILOS INCLUEM TREINAMENTOS EM ARMAS CHINESAS, COMO BASTÃO (GUN), FACÃO (DAO), ESPADAS (JIAN), LANÇA (QIAN) ENTRE OUTRAS.

Se bem desenvolvido, possibilita um equilíbrio corporal total, buscando a paz interior, aumentando a saúde e a qualidade de vida. Possibilita também o controle do estresse, de angústias, ajudando na concentração além, é claro, da defesa do povo.

Benefícios

Controle Físico: desenvolvimento da coordenação motora, força, resistência flexibilidade, velocidade, ritmo, auxiliando no crescimento e ainda controle do aumento e diminuição do peso.

Controle Emocional e Mental: proporciona maior segurança, tranquilidade e controle das ações, desenvolvimento do raciocínio, os reflexos, maior atenção e concentração mental.

Defesa Pessoal: muito rico em técnicas de defesas diversas, incluindo variadas técnicas de ataque que por sua vez só deverá ser usada, em último recurso.

Princípios Filosóficos

CHI (Firme de caráter): Desenvolver responsabilidade, sinceridade, honestidade e serenidade para viver em paz, conhecer a si próprio, estabelecendo objetivos e prioridade.

HEI (Desprendido de valores): Ser fiel e amigo, estando sempre disposto a ajudar os companheiros na amizade.

JUNG (Corajoso e heróico): Auxiliar os fracos e combater os abusos, com absoluta isenção de discriminação, ajudar sempre aos necessitados e oprimidos, através da justiça, em harmonia com a força.

WAI (Ativo em todos os empreendimentos): Usar da inteligência, raciocínio e disciplina para manter uma postura ativa, oportuna e responsável.

Saudação Kin Lai

A saudação tradicional do Kung Fu é denominada *Kin Lai*, devendo ser executada com ambas as mãos, sendo: a direita fechada (representando o Sol) e a esquerda aberta (representando a Lua) por cima da outra mão. O "Sol" e a "Lua" formam um novo caractere denominado Ming, que significa clareza ou esclarecimento. Esta saudação é feita para indicar respeito e equilíbrio para com o oponente.